

Enio Jelihovschi

ASSASSINOS DE ALUGUEL

e outros contos

Apresentação de Hélio Pólvora

eall
cuts

Editora da UESC



**ASSASSINOS
DE
ALUGUEL**

e outros contos



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

RYTA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

José Montival de Alencar Júnior

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourival Pereira Júnior

Maria Laura Oliveira Gomes

Marcelo Schramm Mielke

Marileide Santos Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

Enio Jelihovschi

ASSASSINOS DE ALUGUEL

e outros contos



Editora da UESC

Copyright ©2013 by ENIO JELIHOVSKI

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Deise Francis Krause

REVISÃO
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J48 Jelihovski, Enio.
Assassinos de aluguel e outros contos / Enio
Jelihovski. – Ilhéus, BA : Editus, 2013.
156 p.

Inclui glossário.
ISBN: 978-85-7455-313-9

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.9301

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br



Aos meus pais, Pessah (Paulão) e Paulina,
que, ao me legarem seus genes e seus memes,
compuseram aquilo que sou.



Agradeço a

A. J., por ter me ensinado a escrever e a gostar de ler.

Maria Luiza Nora, pela perfeita e detalhada revisão dos originais.

Professora Reheniglei Rehem, pela gentileza de ler os originais, recomendá-los para publicação e escrever o prefácio do livro.

SUMÁRIO

Contos de Angelo Rosacruz

Apresentação	11
Assassinos de aluguel	17
A perfídia de João Inácio	35
O tiro no bar	43
Separação	48
O assassinato do cafetão	55
O assalto	65
Relato de um sonho	72
O inferno de Hieronimus Bosch	85
A meia morte de Chico Cego	94
Aprendendo a casar	98
O fim do mundo	106

Contos de Enio Jelihovschi

Emiliano, o dibuk	119
O casamento	127
Homem sem nome	135
Arrependimento	141
O gângster e o dibuk	146

Apresentação

“*Dibuks*” assustadores

Esta coletânea de textos ficcionais curtos (melhor dizer assim, tal o desmonte estrutural que tem afetado ultimamente o conto literário) projeta duas visões temáticas: uma judaica, a outra gentia. E nelas localizamos uma veracidade contundente.

Poderia parecer que ambas diferem, que estariam tão dissociadas ao ponto de baterem de frente. Engano. O autor, Enio Jelihovschi, é o mesmo narrador; ele se arrisca nas duas vertentes, se debruça, inquiridor, à beira dos precipícios que se abrem sempre aos pés dos errantes, judeus e não-judeus.

Seu personagem predileto, o homem na busca de algum lugar que não identifica direito, e por isso é incapaz de retroceder a tempo para, talvez, mudar de rumo, está sempre atrelado à sua humana condição precária, nestes enredos tecidos à maneira de fábulas.

Enio Jelihovschi surpreende suas criaturas no ápice de lances dramáticos, quando circunstâncias existenciais se reforcem e enovelam de modo a formular tragédias. Homens e mulheres carregam um fardo de angústias, descem aos círculos do Inferno, condenadas de antemão em pergaminhos enigmáticos que teriam herdado a contragosto.

O autor tem a sensibilidade aberta, qual ferida a sangrar, e não devaneia, ao contrario de alguns dos seus protagonistas. A brutalidade da vida, que tanto sobressai nas fábulas, o mantém lúcido, preso ao chão, disposto a testemunhar.

À violência dos contos da primeira parte, sobre mata-
dores profissionais e desesperos de vidas perdidas, soma-se a
violência quase passional da busca de significados, que consti-
tui a segunda parte dos relatos.

Em *Assassinos de aluguel* estamos diante de um ficcio-
nista que, provavelmente, muito ainda terá a exprimir, nas es-
feras da introspecção e do realismo exterior, palpável.

Hélio Pólvora

Prefácio

Certa manhã, chega à minha sala de trabalho, no Departamento de Letras e Artes da UESC, o colega Enio Jeliho-vschi, professor de Estatística Aplicada, portando nas mãos os originais dos seus escritos e, após colocá-los sobre a mesa, senta-se e me pergunta, compenetrado, se eu poderia lê-los e avaliá-los para uma possível publicação. Eis que, agora, em outros ares e após alguns meses, finalizo esta despreziosa apresentação para o seu desejado livro, *Assassinos de aluguel e outros contos* a ser publicado pela Editus- Editora da UESC. Como o próprio título anuncia, esta obra é composta por dezesseis contos. Nela, o escritor desenvolve o seu processo criativo ficcional mesclando o gênero épico, de histórias curtas, com o lírico, através das falas dos seus personagens, oportunizando, com isso, que o leitor acompanhe, por exemplo, um texto sobre amor e traição, elaborado a partir de elementos que reconstituem o caráter de sentimentos universais, de forma particular e representativa. Outra qualidade literária que merece ser destacada nesta obra é a sua abordagem heteronímica, presente em onze daqueles dezesseis contos, sob a assinatura de “Angelo Rosacruz”, nome imaginário que ele cria, identifica e designa como alguém com qualidades e tendências estilísticas marcadamente diferentes das suas: “Angelo Rosacruz não nasceu, apareceu. Apareceu prontinho, com olhos denotando o desespero de não ter nascido”. Os outros cinco contos, assumidos pelo autor, como ele diz “relatam conflitos dos personagens com seus próprios demônios interiores e, não por coincidência, todos os personagens são judeus”. Assim, este livro se caracteriza por sua originalidade e peculiarida-

des de observação do cotidiano, relatando as diferentes visões de mundo dos seus personagens que, cada um ao seu estilo, otimista ou pessimista, compõem a linha de ação das narrativas. Isso, ao mesmo tempo em que dá realce estético em torno do qual se desenvolvem as histórias de relato curto e poético, narrados por ele mesmo ou por seu heterônimo, mas sempre com final surpreendente, conseqüente da contração de impulsos criativos, aqui enfatizados com a atenção necessária para identificar as qualidades literárias dessa produção estruturada com linguagem ágil, ritmo discursivo dinâmico e condensação de recursos e das fibras do narrar. Construída com unidade de efeito, reitero que esta obra flagra momentos especiais da vida, e do aparentemente ordinário, em simetria às experiências e observações do seu(s) narrador(es), numa sequencia que, certamente, motivará o leitor a desdobrar as suas páginas de forma conscienciosa e entusiasmada, confirmando assim o trabalho desse artista da palavra que poderá compor e enriquecer a galeria dos escritores contemporâneos, ainda que finja, ao nos dizer, se reportando ao seu heterônimo: "Nunca o vejo, a não ser quando a estória está pronta e ele a entrega para mim. - Faça com ela o que quiser". Que assim seja, Enio!

Reheniglei Rehem

Paris, agosto de 2012.



Contos de Angelo Rosacruz

Angelo Rosacruz não nasceu, apareceu. Apareceu prontinho, com olhos denotando o desespero de não ter nascido. Apareceu observando as pessoas desde uma pequena mesa de boteco do tipo sórdido. Sempre gostou da famosa vodka iugoslava, a qual carrega numa garrafinha dentro do bolso do casaco. Aliás, sempre usa casaco, mesmo nos dias calorentos e agourentos. Em geral mistura doses de cachaça com doses daquela vodka iugoslava, não na boca, pois seu gosto é apurado, somente no estômago.

Carrega consigo um bloquinho no qual escreve suas estórias enquanto bebe e observa. Nunca o vejo, a não ser quando a estória está pronta e ele a entrega a mim.

- Faça com ela o que quiser, diz com desdém e, em seguida, segue seu caminho. Uma vez comentou que o sexo e a morte são os únicos e reais motores do comportamento e, portanto, da arte dos seres humanos.



ASSASSINOS DE ALUGUEL

A terra pisada pelos cavalos se transformava em poeira e sumia no ventre da brisa. Os dois cavaleiros não tinham pressa, por isso avançavam lentamente, o dia iria ser longo e o tempo na canícula demora muito para passar. A paisagem montanhosa ocultava o horizonte e cortava os pensamentos, não deixando que se alongassem demasiado. Isto era bom. Pensamentos longos são inoportunos e, sendo assim, somente atrapalham, principalmente quem tem uma missão a cumprir. A manhã ainda estava fresca e podia-se escutar os pássaros preenchendo o ar com seus pios e guinchos. Do topo de uma árvore, um gavião, em busca de alimento, bus-

cava embaixo algum pequeno pássaro com seus olhos penetrantes. Os dois cavaleiros também buscavam a morte de outrem, e como os seres humanos comem muito mais do que necessitam, não poupam mortes e, quando se empanturram, as trocam por dinheiro.

Os dois cavalos eram animais de boa raça, acostumados a um bom trato, corriam como poucos na região e podiam manter um trote fogoso por longas horas. Mantinham um passo rápido enquanto o frescor não cedesse lugar ao calor abrasante que duraria até o final da tarde, depois passariam a quase um andar lento, mas constante. Os cavaleiros olhavam em frente e seguiam cada um perdido nos seus devaneios, raramente quebrando a dieta do silêncio. E quando diziam algo, era por meio de um monossílabo que saía quase sem querer. De longe pareciam bonecos se escaldando ao sol, seguindo uma linha que serpenteava pelas montanhas. Antigamente uma mata se estendia por todos os quadrantes, agora ela quase completamente dera lugar a uma pastaria sem fim. A eles isso pouco importava, pois quem vive do sangue alheio não tem muita disposição para devaneios poéticos. O pasto engorda o gado, e quanto mais gado mais dinheiro, e quanto mais pasto mais gado. Essa era a lei. Os poetas perdem muito tempo imaginando coisas que não existem e, além de tudo, têm má fama com seus modos macios de falar. Não, nada disso, gado e tiro e um pouquinho de sangue vertido, nada de rios caudalosos, somente uma mínima vertente, um fiapo vermelho, nada de tirar o sono de um homem honesto. Como diziam os sábios, um pequeno, mas valioso furo, muito bem escolhido. Na vida e nos negócios o valor agregado manda mais do que mil calcinhas de dona Maria. Com poucas exceções, todos começam

por baixo, matam qualquer um. Provocam uma enchente fe-dorenta de sangue por uma ninharia, mas alguns sobem na vida e, como em todos os ramos, liquidam alguns concorrentes, levam outros à falência e aí começam a ganhar dinheiro,. Parece simples, mas se assim fosse todos estariam ricos. Rodrigo foi um desses que subiu na vida.

– Tá cansado?

– Não.

A medida que o calor aumentava, o corpo amolecia como borracha dura atirada ao fogo. Pouco a pouco a modorra ia tomando conta, e logo viria a vontade de se estirar como uma serpente depois de engolir um sapo. Algumas poucas nuvens pairavam lentas no céu e os pássaros já se recolhiam às sombras das poucas árvores, quietos, cuidando dos filhotes ou simplesmente descansando. Quando o sol escalda, o silêncio reina. Já haviam cruzado duas montanhas quando chegaram a uma pequena garganta por onde corria um riacho coberto por árvores frondosas, e ali, bem na passagem, havia uma clareira, aberta e mantida pelos tropeiros, que era conhecida como o “recanto do meio dia”. O riacho vinha se jogando pelas pedras parecendo minúsculas bolinhas de gude atiradas de supetão lá de cima e terminava sua carreira espumando em frente à clareira, numa cascata de dois metros, e seu murmúrio convidava o passante a tirar uma soneca na sombra agradável das árvores.

Os dois cavaleiros pararam, desceram dos cavalos e caminharam até as margens do riacho, mergulharam os rostos suados na água e sentiram o prazer descer pelo corpo como se fosse o perfume de uma mulher bonita penetrando pelas narinas. Logo deram água aos cavalos e soltaram as celas. O ruído

do riacho correndo, se debatendo nas pedras, era um descanso da morte; este pensamento fixo vinha grudado na mente dos dois por todo o caminho. Chegara a hora de pensar no amor, o amor de Rodrigo esperando na cama macia, vinte anos mais jovem, a potranca mais bonita e sensual de toda a região; valia a pena o gasto. O amor de Genaro ainda era indefinido, pedaços juntados das prostitutas do lugar.

Genaro acendeu um pequeno fogo e preparou um café, logo os dois se recostaram debaixo da sombra para descansar as costas. Rodrigo estava irrequieto com os pensamentos que sobejavam na mente, estava cansado desta vida de matador.

– Estou com vontade de parar, Genaro, acho que este vai ser o meu último trabalho. O cansaço começou a bater.

Ele olhava o resto do café quase a ferver no fogo, perscrutava as árvores com o olhar perdido como se estivesse buscando algum elo perdido com elas, ou então vagava os olhos pelo riacho buscando alguma coisa que sua mente não conseguia decifrar.

– Depois, se você quiser pode ficar com o negócio. Eu consigo os clientes e você executa. Já tenho o suficiente. Tenho a fazenda, muito dinheiro no banco, aquela lindeza de mulher e tô ficando velho. Você sabe, na nossa profissão quase sempre se morre cedo e seco, eu consegui ficar vivo até agora, não tô mais a fim de arriscar. Eu sei que você gosta, que você não liga pra morrer, eu sei disso. Pra você, matando ou morrendo dá no mesmo, tudo igual. É, mas pra mim não, eu ainda quero viver muito.

– Tudo bem, chefe, matar não cansa.

Genaro era uma mistura de branco, preto e índio. Herdou a vontade de matar do primeiro, a pontaria do segundo e

o instinto natural do terceiro; nunca estudou, tanto pela falta de oportunidade como pela falta de vontade. Ele entendia uma pessoa pela sua gíngua, seus trejeitos e suas nuances faciais. Podia saber sem risco de errar quando o sujeito mentia. Era baixo e atarracado, tinha as mãos grossas, o olhar duro e faiscante. Seus olhos amendoados podiam variar do arredondado a um simples filete; isto era tudo o que ele tinha a dizer. Carregava algumas cicatrizes, fruto da inexperiência durante a juventude. Depois que se entendeu por gente, como ele dizia, nunca mais levou sequer um arranhão. Não tinha nenhuma preferência quanto às mulheres, podia ser gorda, magra, grande, pequena, feia ou bonita, qualquer uma servia para satisfazer seu apetite. Em geral pagava por seus serviços profissionais. Quando ainda era adolescente, uma vez, apaixonou-se por uma garota, encontraram-se algumas vezes e se arrebataram nas loucuras da juventude. Como Genaro ainda não se havia iniciado na profissão, era muito pobre, e a garota largou-o por outro mais velho. Seu instinto então começou a funcionar, foi atrás dos dois e os pegou namorando escondidos no mato; foi a primeira e última vez que se arrependeu e não matou a vítima, apenas usou de um chicote e os açoitou até implorarem piedade beijando o chão. Começava a carreira de um matador.

A relva convidava a uma soneca, por cima das árvores o sol queimava e quase que fazia ferver o ar. Eles tinham de chegar ao destino já noite escura, todo o mundão encolhido no breu, nos pios das corujas e nos morcegos dando voltas pela cabeça. Rodrigo tinha medo de dormir profundamente antes de algum serviço, podia não acordar mais ou então sonhar com o que Genaro chamava de coisa ruim. Já chegou mesmo a largar serviço no meio, o que não fazia seu estilo, por causa de

sonho. O cadáver já frio de repente se levantava e começava a beber seu sangue, Rodrigo fugia correndo em busca de ar, pois lhe faltava o fôlego, e o cadáver atrás atirando com um revólver que se materializara na sua mão direita; despertou todo suado ainda com a sensação da bala quente entrando pelo corpo.

Logo começou a soprar uma brisa que emanava do próprio calor, fazia farfalhar as folhas de uma forma intermitente gerando uma preguiça que de tão agradável chegava a dar medo. Por isto Rodrigo quase teve um ataque, uma vontade louca de sair correndo e não parar de se mover. Ele tinha um terror quase mortal da lassidão antes de enfrentar um serviço. Uma vez quase morreu por causa dela, quando pega forte dura o resto do dia, os dedos perdem a rigidez e ninguém atira de forma certa com os dedos flácidos. Seu coração começou a bater forte e logo se levantou.

– Genaro, aqui está bom demais, não serve pra gente.

– Patrão, tá quente demais lá fora. Se o senhor quiser, eu cuido sozinho do assunto, o pessoal de lá é molenga.

Ele nem olhou para Rodrigo ao falar, tinha a vergonha ancestral dos excluídos e nunca olhava o patrão nos olhos, assim também quando atirava; nos padrões atingia o peito ou mais embaixo para não ter de encará-los, nos peões não havia problema, acertava entre os olhos.

Genaro, neste momento, já estava acendendo um fogo para preparar o almoço e, ajoelhado ali, soprando, mais parecia um tatu enrolado revolvendo o chão com o focinho. Rodrigo então saiu a caminhar a esmo, raspando as botas na terra e chutando as pedrinhas, fingindo esquecer quem era e o

que vinha fazer. A vida corre contra o tempo e ninguém jamais conseguiu vencê-lo; na juventude, sempre parece que empata-mos com ele, mas a medida que envelhecemos vamos ficando para trás e cada vez ele corre mais rápido. Parecia que fora ontem mesmo que ele trabalhava como ajudante de delegado naquele lugarejo perdido. A vida se resumia a problemas, falta de dinheiro e ameaças de bandidos e políticos corruptos. Ele não tinha jeito para aquilo, seus bons antecedentes não ser-viam para nada, e a vida foi se tornando um tormento. Bandi-do protegido de algum poderoso saía da prisão rindo na cara dos policiais, a única viatura da delegacia vivia constantemente quebrada e quando funcionava a gasolina mal bastava para ir ao armazém comprar cigarros. Um dia Rodrigo se olhou no espelho e viu um sorriso abestalhado brotando lá do fundo e resolveu ir para onde estava o dinheiro. Morte no varejo, alto valor agregado, um touro de raça por cada furo. Nunca matou gente honesta pela simples razão de que essa gente não tem dinheiro para pagar e nem vale o preço. Em geral os bons mor-tos e os bons pagadores pertencem ao grupo dos que roubam e manejam o dinheiro público. Ele ficou rico com o dinheiro do contribuinte, e se tivesse continuado na delegacia estaria pobre com o dinheiro do contribuinte. Rodrigo se admirou de como nossa pobre viúva sustenta tanta gente. Neste mesmo dia largou o emprego e mudou de vida. Começaram então os problemas com a mulher, pois ele se casara novo e direito, sem nenhuma experiência de vida, com uma mulher que condizia com sua forma de ser, mas que agora já não mais se encaixava neste novo mundo do qual ele começava a fazer parte. Teve de se separar, e como ainda era pobre e não tinha o que dividir, não dividiu, deu tudo para ela, junto com o filho. Mudou de

lugar e desapareceu, mas nunca deixou de mandar dinheiro para o filho, queria-o bem de vida, mas longe da sua. Depois de algum tempo, nunca mais pensou neste assunto, pois matador que se preza não pensa em assuntos que amolecem o coração, estas coisas podem fazer o tiro sair pela culatra. Depois teve algumas mulheres, mas nunca teve sangue para se amarrar por muito tempo. A última o deixou apaixonado só de escutar sua voz, cujos timbres e melodia ressoaram de imediato na sua libido. Quando a conheceu estava só, separado já há algum tempo e vivendo de amores profissionais. E o que mais o atraiu, depois da voz, foram as mãos, os dedos ligeiramente gordos num corpo magro e esguio. Ele na hora pensou que ela daria uma excelente atiradora e realmente o era, nenhuma outra seria mais perfeita. Foi isto que o fez decidir se aposentar, não queria mais correr risco de morrer ou, pior ainda, de ficar inválido. Deu mais umas poucas voltas e logo retornou à sombra, sentia-se refeito, e o cheiro de carne na brasa, que inundava o local, abriu seu apetite. Sentou-se à sombra da grande árvore, pôs os pensamentos no lugar e falou:

– Genaro, você conhece a casa do sujeito, não é?

– Já estive lá duas vezes, seu Rodrigo. O casarão fica todo no claro, no final da estradinha que vem da porteira.

Os dois se serviram da comida, a carne tinha um sabor muito especial e a farinha encorpava o gosto. Um sopro mais forte da brisa levantou o fogo e Genaro afastou as brasas com medo de que queimassem a carne; pareciam contentes. Rodrigo terminou de mastigar um bom pedaço, deu um pequeno arroteo e falou.

– Eu estive lá uma vez a negócios, mas não reparei muito bem no local. Nunca esperei ter de voltar dessa forma. Pare-

ce que o homem pisou na bola com o Genebaldo, e aquele não perdoa. Ele quer mandar em todos. O outro foi desafiar logo na reunião do partido. Por mim que se fodam todos, pego meu dinheiro e desapareço. Política só pra quem tem sangue ruim; o meu, eu prezo cada gota.

– Hoje vai ser fácil, a turma dos guarda-costas se reúne ali mesmo na casa, é só chegar de mansinho.

– Não tenho tanta certeza, Genaro. Depois da reunião, a coisa ficou quente na região. Estão todos se armando e se cuidando. Tenho certeza de que vai ter vigia em todo canto. Eu sei que você pensa que são todos uns bundões, mas é melhor tomar cuidado, o pessoal atira pra valer, e hoje quero voltar vivo, meu último trabalho.

Genaro olhou para a carne e deu uma mordida forte como querendo mostrar o que pretendia fazer com os seguranças que causassem problemas. O sangue ainda vermelho escorreu pelos cantos de sua boca. Os dois caíram na gargalhada. Uma das funções de Rodrigo era freiar os arroubos do capanga. Sua pontaria era infalível, mas se não fosse pelo patrão já estaria morto há muito tempo por causa do instinto animalesco que o levava a enfrentar de frente até mesmo vinte homens armados. Dizia que podia morrer, mas levava uns dez com ele; realmente não se importava. Rodrigo sempre lhe perguntava como iria ficar sem o ajudante, e ele respondia simplesmente arredondando os olhos. Como tinham somente mais três horas de caminho, os dois se estiraram, como fazem as focas na praia, para fazer a digestão, cada um com seus sonhos. Um fazia planos para um futuro longínquo, o outro não ia além das execuções que planejavam para esta noite.

Quando o sol iniciou o quarto final de sua trajetória, e o pulso da vida recomeçava a bater mais forte, livre das amarras do calor ardente, os cavalos descansados e fogosos recomeçaram seu trote resfolegando a terra com vigor. Os cavaleiros cavalgavam decididos e com a certeza vibrando na mão. Em pouco tempo chegaram à última curva onde iniciava a descida da serra e deste ponto já podiam avistar a reta final; era longa e plana e sumia no horizonte, cortava o pasto como um barbante atando o mundo para não deixá-lo dar volta ao avesso e engolir seus habitantes. Genaro acreditava que este seria o fim do mundo, o barbante se arreventaria e seríamos todos engolidos num buraco sem fim. Esta reta os levaria ao destino onde teriam de cumprir o serviço para o qual foram contratados. Ao chegar embaixo, Rodrigo sentiu a garganta secar, era o seu conhecido sinal de medo, não tanto de medo, mas apreensão. A barreira de nuvens que ele teria de ultrapassar, e sempre o fez, por isto estava vivo e rico e hoje faria o serviço pela última vez, se não a vencesse, a garganta secaria de vez engolindo-o no vácuo da morte.

– Vamos, Genaro, rápido! Aperta o passo desse jegue que temos hora pra chegar. Tá cansado?

Genaro acelerou o seu cavalo e foram os dois a galope como se quisessem se apossar do horizonte. A pastaria estava erma e triste, pois capim não se balança ao vento e nem canta suas dores à lua. Seguiram os dois galopando como se fossem dois adolescentes experimentando presentes de aniversário. Rodrigo, ao sabor da euforia, se imaginou voltando para casa bradando a todos que era um vencedor. Era alto e encorpado, cabelo liso e pintado de preto para esconder os cabelos que

embranqueciam, tinha um bigode bem aparado, nariz reto, testa ampla. Nunca conseguiu fingir ternura, quando a boca sorria os olhos fuzilavam. Tinha o queixo quadrado e marcas salientes por todo o rosto que lembravam um estuário com suas ramificações de riachos e pequenos cursos d'água. Seu corpo musculoso começava a tender para a gordura. Era claro, devido à forte ascendência portuguesa de quem herdou tanto a sanha pelo sexo, como pelo sangue.

Pararam poucos quilômetros antes das colinas que marcavam a entrada da propriedade onde teriam de chegar, eles e a morte de braços dados. Seguiram a passo lento até umas árvores onde o gado se escondia do sol e ali amarraram os cavalos. Faltava menos de uma hora para o pôr do sol e agora continuariam a pé. Nunca existiu uma estratégia melhor do que a surpresa, mas uma surpresa bem planejada, pois do contrário o destino poderia dar a vitória àqueles que foram surpreendidos por amadores babões, merecedores de uma morte abjeta, semelhante à daqueles que se vão deixando o corpo na lama, um buraco no meio da testa e a vergonha a lhes perseguir os descendentes. No mesmo passo do sol, caminharam até a colina de onde poderiam observar a casa principal e os arredores. Entrariam misturados à escuridão para fuzilar o patrão e todos os que se opusessem.

– Olha a turma zanzando lá embaixo, Genaro. Você acha que eles esperam alguma coisa?

– Sei não, seu Rodrigo.

Seus olhos diminuiram quase a ponto de sumir; parecia que farejava como um cachorro, mas com o olhar, e não com as narinas. Rodrigo teria de decifrar o que ele quis dizer, pois

com palavras não passaria daquilo. Dois vaqueiros chegaram para prestar contas do que acontecera no dia. Apearam dos cavalos e esperaram na varanda, o patrão apareceu sozinho para conversar com eles, trazia na cabeça um chapéu de vaqueiro de abas largas, usava óculos escuros que lhe escondiam o rosto quase totalmente. Rodrigo deixou escapar um pequeno sorriso e nele se foram os últimos resquícios de pena, agora ele e Genaro eram iguais. Estavam muito bem armados; faca, revólver e fuzil, um monte de balas e uma vontade louca de terminar o serviço e voltar para casa, para o amor. De repente, saíram da casa três homens armados; Genaro indicou, com um movimento do dedo, aqueles eram a segurança da casa.

Só isso, pensou Rodrigo. Ele realmente não imaginava com quem se metera. Três guarda-costas pau de arara. Genaro queria iniciar a fuzilaria agora mesmo, mas o outro o conteve, poderia haver outros escondidos. À frente da casa uma mangueira frondosa, e uma caminhonete novinha embaixo. A casa era grande, uma enorme varanda na entrada, duas cadeiras de balanço e outras de recosto. Tudo muito bem cuidado, via-se que a senhora era caprichosa. Mais ao fundo um maravilhoso pomar separava a casa da pastaria, laranja, tangerina, caju, abacate, abiu, jabuticaba, amora, pitanga, ameixa e uma parreira carregada. Rodrigo quase morreu de inveja, ele só pensava em gado e se esquecera das árvores, jurou que faria uma reforma completa nos arredores de sua casa na fazenda. De repente, um puxão o tirou do devaneio. Genaro percebera que estavam quase a dar na vista, rolaram uma volta para baixo e escaparam agachados, parecendo duas raposas se safando de cachorros. Um dos capangas subia devagar a colina para cuidar da casa durante a noite.

– Aquele que subiu é o Gorila. O home é bom de serviço. Conheço de tempos, não dá pra confiar.

Genaro sussurrou no ouvido do outro e acariciou levemente a lâmina da faca que trazia presa à cintura enquanto um sorriso insidioso se formava em seu rosto. Engoliu saliva e passou a língua úmida pelos lábios. O Gorila era pistoleiro antigo e uma vez quase acabou com Genaro numa emboscada, tudo por causa de alguns mirréis que não valiam nada e ele não iria deixar por menos desta vez. Seu final estava marcado.

O Gorila fora contratado para ficar de tocaia, observando se alguém chegava pela frente, e levava sua responsabilidade ao pé da letra, esquecendo-se de que alguém poderia chegar por trás. Nesta profissão, os que não pensam em todas as possibilidades de onde podem provir os tiros, morrem cedo. Desceram os dois até o sopé da colina e ficaram observando por detrás de umas pedras. Nada. O Gorila não tinha uma visão completa do lado onde estavam e, assim, poderiam se acercar sem ser vistos. Neste momento, junto com os últimos raios de sol, escutaram o ruído de cascos vindo da fazenda, logo apareceu um cavalo baio montado por um sujeito barbudo, vestido com roupas de couro, e os olhos escondidos pela aba do chapéu; estava fazendo a ronda. Era de fora da região, pistoleiro dos longínquos, alguns bons de tiro e de coragem, outros não valem o gasto da saliva de se falar deles. Olhava para todos os cantos e parecia nervoso, são muito poucos os que temem pelas suas vidas e permanecem calmos como Genaro. De repente, como que saído do nada, Rodrigo apareceu à sua frente, desarmado, transformando seus olhos duros pela falta de compaixão num rosto sofrido

de mendigo faminto e pediu água pelo amor de Deus. O outro interlocutor ficou tão surpreso que hesitou alguns segundos entre obedecer a algum impulso religioso inculcado na infância ou fuzilar na hora. Foi o tempo necessário para Genaro pular às suas costas e degolá-lo com presteza, silenciosamente, sem nenhuma compaixão, como se estivesse cortando o galho seco de uma árvore. Rapidamente Rodrigo segurou o cavalo pelo cabresto e o amarrou a uma pedra, deixando em cima o cavaleiro agarrado na crina como se estivesse descansando de um vômito repentino.

No topo da colina, divisaram o Gorila sentado, observando o movimento. A noite já caíra com todo o peso da escuridão, mas as luzes da casa geravam um pequeno fulgor pelo qual podiam ver os movimentos do segurança. Uma coruja piou ao longe e então Rodrigo aproveitou para quebrar um minúsculo graveto que tinha à mão. Isto o assustou, fazendo com que se levantasse do lugar e viesse um pouco mais para perto dos dois. Ele parecia confiar no vigia de baixo, mas este, neste momento, prestava contas ao vigia do inferno. Genaro, de um salto, ganhou a sua frente e encostou o revólver, já munido de um silenciador, na testa do oponente. Rodrigo veio por detrás e surrupiou-lhe rapidamente o fuzil. Os olhos de Genaro afilaram-se, formando um fino estilete. O outro começou a tremer e sua face se contraiu como um bebê antes de chorar.

– Não me mate, disse com uma voz chorosa, beirando o falsete.

Era o que Genaro queria escutar antes de matá-lo, o sabor da vingança tem gosto de mel e vale muito mais do que um tiro sem nome. Rodrigo nem escutou o tiro quando viu o

sorriso estampado no rosto de um, enquanto o outro se arriava desconjuntado no chão. Ele era grandalhão e mal encarado, daí o apelido, mas ao morrer se enrolou como um feto e sua última palavra foi “mamãe”.

Estrategicamente tinham a casa principal sob seu controle e ninguém mais entrava ou saía sem passar por seu crivo. Se tivessem um canhão ou mesmo um morteiro poderiam explodir tudo num átimo e partir levando o gosto da vitória sem passar pelo desgosto da chacina solitária, verter o sangue sem vê-lo, sem olhar para a vítima nos seus últimos estertores, mas não foi assim. Esperaram em vão por quase duas horas para o patrão sair, acreditavam que eles tinham combinado alguns sinais em código com os vigias e como eles não vieram, se entrincheiraram na casa. Parece que os movimentos haviam sido combinados, os dos atacantes com os dos que se defendiam, pois no momento em que Rodrigo mandou Genaro descer e dar a volta por detrás da casa para que atacassem juntos pelos dois lados, eles tentaram a fuga, saíram correndo e atirando em direção à caminhonete. Rodrigo, porém, foi mais rápido e atirou nela, nos pneus e no tanque de gasolina. O fogo que levantou foi imenso, iluminou o céu e as almas e quase trouxe um motivo religioso à empreitada, enquanto os outros voltavam correndo para a casa. Se Rodrigo tivesse atirado neles poderia tê-los liquidado, mas não quis, pois teriam uma pequena chance de fugir. No meio da fuzilaria, Genaro passou despercebido, pois os outros entraram na casa em vez tomarem posições pelo lado de fora. Rodrigo, neste momento, pensou que se o dono da fazenda o tivesse contratado, a peso de ouro, é claro, para defendê-lo, teria organizado uma defesa digna de um segurança de primeira classe. Teve vontade de gritar que,

como dizem os antigos, o barato sai caro. Eles os tinham na mão e Rodrigo nunca revendeu um trabalho para a vítima, mesmo que oferecesse dez vezes mais. O dono gritou, ofereceu toda a sua fazenda, tudo o que tinha. Rodrigo chegou a ficar tentado, entretanto, também tinha certeza de que o matariam assim que tivessem a chance e, se eles não têm um código de ética, pelo menos estão vivos pelo fato de não serem idiotas. O fogo na frente tinha tudo para se alastrar para a casa, mas o vento cooperou e soprou ao contrário. Como tinham combinado, somente Rodrigo atirava pela frente, para apavorá-los, enquanto Genaro esperava silenciosamente. Quem julga seus oponentes pela sua própria inteligência está fadado a perder, por isto Rodrigo instintivamente sabia que tentariam fugir por trás crendo estar aquela parte livre. Não demorou muito para escutar os tiros, desceu correndo atirando, rolou pelo chão, correu para um canto, quebrou uma janela e atirou sem parar. Genaro já havia liquidado dois deles e ele terminou com o resto. Aos vitoriosos cabe a glória, mas Rodrigo queria o descanso.

Os três guarda-costas caíram de face para o chão, fechando seus olhos para a terra que os haveria de engolir, o patrão morreu sentado no sofá olhando para o alto, como se redimindo com Deus ou tentando respirar através do sangue que o sufocava. A história talvez dirá que morreu dignamente, lutando contra um exército infinitamente superior, ou então, quem sabe, tudo vai depender de quem escreva os livros ou mesmo de quem seja o eleito nas próximas eleições. De qualquer forma, o próprio mandante comparecerá ao enterro, distribuindo condolências e, veladamente, dando a entender aos outros que não se metam com ele. Todos os momentos gloriosos têm sua mancha de crueldade e eles não seriam exce-

ção, nem mesmo no último trabalho. Escutaram um ruído no quarto ao lado e num átimo se estiraram no chão procurando rapidamente uma posição de defesa enquanto apontavam os revólveres para a porta. Deram dois tiros naquela direção e escutaram um grito e logo duas mulheres, uma jovem e a outra mais velha, abriram a porta chorando e implorando piedade, com certeza eram a mulher e a filha do já extinto patrão. O dono não percebeu o perigo por que passava a ponto de trazê-las para a fazenda ou, talvez, como todos os fazendeiros ricos da região, se julgava acima de tudo e todos, somente por ser rico; santo orgulho, miserável vaidade.

Elas deram de cara com os dois e logo se ajoelharam chorando como a melhor das carpideiras, pedindo que as poupassem em nome de qualquer coisa que lhes viesse à mente. Rodrigo sentiu o coração amolecer e saiu de lá antes que virasse geleia. Chegou mesmo a pensar em dar-lhes a maldita clemência, mas Genaro, que saía logo atrás, falou as palavras fatídicas.

– Chefe, elas viram a gente.

Nunca antes Rodrigo passara por este dilema, seu coração se endurecia quando trabalhava e não havia choradeira que o fizesse abrandar, mas Genaro não tinha coração, no seu lugar trabalhava uma bomba a vácuo. Eles passaram por isto algumas vezes, não muitas, por essa razão ele resolvera parar.

– Genaro, você tem razão, elas viram a gente. Por que desgraça resolveram sair do quarto, ou fazer aquela merda de ruído, pra que, me diz, pra quê? Eu não queria, meu amigo, mas vai lá, e não me deixa escutar nada.

Mesmo assim ele escutou os dois estampidos, mesmo

• *Assassinos de aluguel* •

com o silenciador e o revólver enrolado numa toalha, mesmo com todo o barulho da noite, com o piscar das estrelas, mesmo com o apavorante negrume, ele escutou. Sentiu os olhos se enchendo de lágrimas e correu de lá, mas não podiam deixar testemunhas, essa era a lei.



A PERFIDIA DE JOÃO INÁCIO

João Inácio matou com doze tiros. Descarregou duas vezes o tambor do revólver. Antes disso manteve-o preso, como não se faz nem a um animal.

Lembrou-se da mulher, tinha um rosto largo, uma mandíbula triangular e olhos claros e angelicais debaixo de grossas sobrancelhas, cabelos pretos e cacheados. O corpo era escultural, longilíneo, de quadris estreitos. Seus dedos longos e finos se estendiam de uma mão aveludada que parecia cetim da melhor qualidade. O sorriso, então, o fazia sentir o sopro da morte nos ouvidos e o gosto do paraíso no paladar. Seus cabelos cheios, longos e cacheados, e pretos como a escuridão dos abismos que tocam o fim do mundo, brincavam de vai e vem ao longo do caminhar esbelto e sensual de uma mulher segura

de si e de sua beleza. Seu nome era Gabriela, mas João Inácio a chamava de Gabi. E ele a amava.

João Inácio a queria para si, desde que a conheceu quando ela se mudou para a casa ao lado e os dois ainda eram crianças. Quis, mas nunca a teve. Cresceram como irmãos, ela o queria como irmão. Nunca o sentiu como um homem com o qual se atracar numa cama perdida em algum ermo do mundo, nua, sem eira nem beira, e suar até o apagão de algum orgasmo sorrateiro. Não, ele era seu irmão, deixou bem claro uma vez, a quem confiaria sua vida e sua morte, porém, somente isto.

A quem conhecia João Inácio seria inacreditável que ele aceitasse tal situação. Um homem de rosto largo e queixo quadrado, barba cerrada, que mesmo escanhoadá lhe dava uma cor azulada ao rosto, nariz pequeno e grosso, sobrancelhas grossas e um olhar capaz de entortar uma barra de ferro. As orelhas estavam estragadas pelo jiu-jiu-jitsu, luta que ele dominava como poucos. Ajudado pelo corpo truncado e bíceps que mais pareciam canos de ferro, raramente perdia uma luta. Seria inconcebível que uma mulher dominasse seus instintos dessa forma. Perto dele Gabriela era uma boneca de vidro, delicada e quebradiça. Bastaria um espirro, um inocente espirro, para transformá-la em cacos espalhados pelo chão. Por várias vezes chamou suas namoradas de Gabi e todas fingiram não ter escutado.

João Inácio aprendeu a controlar o ciúme dos namorados de Gabriela. Quando ela começou o primeiro namoro ele sentiu ímpetos de esmigalhar os miolos do pobre coitado, cujo único crime fora enamorar-se de uma garota bonita. Bebeu o impulso em vários copos de cachaça e tragou a violência com muitos cigarros

que quase o levaram ao vício. Com o tempo, acostumou. Graças a Deus ela não era muito namoradeira. A verdadeira tensão teve início quando Gabriela começou a namorar Augusto, um sujeito de mau agouro do qual João Inácio não gostava.

– Gabi, por que você teve de namorar logo esse cara?

– Tá com ciúmes, João?

– Você sabe muito bem que se você quisesse eu casava agora, íamos daqui direto pra igreja, mas já controlei o ciúme. Você sabe muito bem que dei muito murro em concreto por causa disso, mas nunca te causei problema, não é verdade? Mas esse cara tem algo de que não gosto.

– João, já faz quase dois anos que não namoro ninguém, sei lá porquê. Acho que perto de você outros homens pareciam pouca coisa, mas o Augusto parece que caiu do céu. Foi a química certa, o cheiro certo, o soprinho no ouvido do tamanho certo.

– Depois não venha dizer que não avisei.

– Está bem, meu fofo, não vou te dizer nada. Você é o irmão que nunca tive e graças a Deus, porque nenhum irmão de sangue seria igual, quer dizer, tão bom.

– Então, por favor, minha querida irmãzinha, não deixe de me avisar se alguma coisa der errado.

Mesmo assim, ele sabia muito bem que ela não avisaria nada, Gabriela era daquelas orgulhosas que guardavam o sofrimento num compartimento qualquer do coração até que endurecesse e saísse da memória; até parece que saía, mas sempre dava um jeito de voltar à tona, como o peixe que morre no fundo do mar e vem parar na praia.

João Inácio soube, por acaso, que Gabriela havia terminado o namoro com Augusto. Sentiu-se aliviado, pois temia que aquele grande amor resultasse em casamento. O que ele não soube, porém, foram as causas do rompimento. Augusto começara a demonstrar um ciúme cada vez mais possessivo. No começo perguntava de uma forma casual, como se fosse uma curiosidade fortuita, onde ela esteve, com quem esteve, isto entremeado a alguma piada ou um caso engraçado. Entretanto, com o passar do tempo foi se tornando mais detalhista, queria saber se ela havia se encontrado com algum homem, sobre qual assunto conversaram e, finalmente, sem muita sutileza, a proibiu de se encontrar com João Inácio.

– Esse sujeito é seu irmão? Como irmão, se não tem nem o mesmo pai e nem a mãe? Que irmão é esse! Assim não dá, minha querida. Você sabe que eu te amo acima de qualquer coisa. O que vão dizer os outros quando te virem agarrada com esse homem? Todo mundo sabe que ele quer mesmo é te roubar de mim. Não faça isso comigo, meu anjo. Eu não consigo me acostumar com isto. Eu quero ser o único dono do seu coração. Depois que a gente se casar e tiver muitos filhos, vamos sentar todos no sofá para ver televisão e, se algum amigo, ou irmão, quiser te visitar, vai visitar em casa, com todo o mundo lá.

Gabriela não gostou, mas aquiesceu. Ficou um longo tempo evitando o amigo e irmão. Ficou um longo tempo sem ver outros amigos, até sentir o aperto no coração, destes que as mulheres costumam ter e não sabem explicar a razão.

Neste dia encontrou o irmão João Inácio e gastaram o tempo botando a conversa em dia. Ela não comentou nada sobre o namorado e disse somente que o amor era sempre uma

bênção. Augusto soube do acontecido, armou um pequeno escândalo e jurou que ela seria dele, só dele e de mais ninguém. Gabriela tomou um susto com a reação. Não gostou do acontecido, sentiu um cheiro estranho emanando do corpo dele, destes que as mulheres costumam sentir e não sabem explicar a razão. Foi quando resolveu terminar o namoro. Demorou dois dias para comunicar ao namorado.

– Augusto, eu gostei muito de você. Pensei que iria dar certo, mas agora sei, com certeza, que não vai dar. Gostei dos seus beijos e dos seus carinhos, mas eu sempre fui dona de mim mesma e também do meu coração. Você é muito possessivo e ciumento para o meu gosto. Não fique chateado, muitas mulheres gostam de homens assim, com muito ciúme. Elas acham que é amor, eu acho que é tragédia. Me desculpe, não vai dar certo. O melhor é a gente terminar e cada um seguir o seu caminho.

Augusto era alto e forte, corpo esbelto, olhos verdes, projetados para encantar as mulheres. Sua cabeleira densa e negra, seu queixo quadrado e o nariz pequeno e afilado parece que foram elaborados para atrair as fêmeas. Ele, porém, não tinha a mente de um predador, pelo contrário, se apegava a uma mulher até tê-la toda para si. Antes de Gabriela teve somente uma namorada, que fugiu para o exterior, indo morar com um tio. Ele não teve como segui-la e, depois de uma longa depressão, começou o novo namoro.

Quando começou a perseguição, ela também não disse nada. Muitas mulheres são assim, pensam que sozinhas podem resolver todos os problemas da vida. Minimizam as ameaças pensando que é algo passageiro, que vai se esvaír aos poucos com o passar do tempo. No entanto, é justamente o contrário

o que ocorre, vão se enchendo como um balão, e o que era uma bolinha dentro da mente torna-se um grande tornado que mantém a mente presa ao seu constante rodopio. Neste ponto é incontrollável, justamente no ponto em que o diabo mostra sua face em carne viva, borbulhando como se milhões de vermes a estivessem roendo por dentro.

Foi quando o mau agouro se materializou. Gabriela recebeu uma carta de Augusto implorando para reatar o namoro. “Minha querida, quero ser só seu e que você seja só minha. Te amo como nunca amei ninguém. Já faz noites que não durmo e penso em você constantemente, tudo me lembra você. Por favor, não seja de mais ninguém. Vamos estar juntos para toda a eternidade.” Gabriela leu a carta, mas não leu as entrelinhas e aceitou que ele viesse a sua casa para conversar. Avisou a uma amiga que não poderiam se encontrar esta tarde porque o ex-namorado viria para conversar.

A sorte e a tragédia, porém, andam separadas, e a amiga somente encontrou com João Inácio com a noite adentrada. Ele arregalou os olhos e sentiu o frio da tragédia a correr espinha abaixo.

– Não gostei disso, disse com a voz embargada, vou lá agora.

Encontrou a porta da casa de Gabriela aberta, ela estava caída no chão, respirava, estava viva. Seu alívio durou pouco. Ao virá-la para pô-la na cama viu o rosto, aquele rosto lindo, imaculado, rosto que ele amava e que o deixava sem jeito na vida, estava totalmente desfigurado por ácido. Seria pecado mortal tentar descrever o que ele se tornara. Os olhos queimados pareciam esferas granuladas num tom barrento da cegueira. Ela acordou quando João Inácio a levantou e começou a gritar, grito lancinante de

quem se perdeu no breu da escuridão e na dor das queimaduras.

Pediu, implorou para morrer, pelo amor que ele a ela tinha.

Ele sentiu as mãos tremerem incontrolavelmente, o rosto ensopado de lágrimas embaçando a visão. Apalpou o corpo dela e lentamente sentiu que chegavam ao pescoço. Para suas mãos foi como quebrar um graveto ressecado, para a mente foi preciso conter uma explosão, todos os tipos de sentimentos voaram com o fogo da explosão, deixando-o vazio. O corpo de Gabriela tremeu ligeiramente e se aquietou no chão. João Inácio abraçou-a e sem saber como aconteceu a possuiu no ato mais apaixonado e verdadeiro da sua vida.

Saiu de lá com a vingança fixa na cabeça. Não demorou muito e não foi difícil capturar o bandido, nesta mesma noite já o tinha algemado a um poste dentro de uma construção abandonada num lugar ermo, fora da cidade. Mandou que tirasse toda a roupa e olhou com asco e desprezo aquele homem que choramingava implorando pela vida.

Não quis conversar, nem mesmo escutar, pegou uma garrafa que trazia consigo e jogou o mesmo ácido nos genitais de Augusto até fritarem completamente, contentando-se em escutar, do lado de fora, os gritos lancinantes. Não moveu um músculo sequer.

Deixou o lugar pensando em voltar depois de dias deixando o outro preso, mas voltou logo à noite carregando um revolver e muita munição. Teve pena. Encontrou-o dobrado no chão chorando. Deu-lhe um chute para que se levantasse e quando levantou o rosto, João Inácio jogou-lhe ácido no rosto, para que sentisse o que Gabriela sentira. Esperou até os gritos e ganidos esmaecerem e começou a atirar. Em seguida pôs

• *A perfídia de João Inácio* •

uma bala no tambor vazio. Era para si. Ali dentro da construção perdera a vontade de viver.

Uma brisa, porém, o levou para fora. Não teria suportado morrer no mesmo local daquele vagabundo. De repente um fantasma saiu de dentro dele, como se todo o corpo soprasse algo para fora. Sentiu um alívio, uma leveza de espírito. Jogou a arma fora e seguiu andando.



O TIRO NO BAR

Era noite de sexta-feira e o bar estava lotado, as mesas cheias de cerveja, o barulho comum dos bares daquela zona pobre, na fronteira entre a sordidez e o bem-estar. A maioria dos homens falava de futebol, de política ou de mulheres, as duas primeiras, suas convicções, a última, pura mentira. Lá pelas onze horas, no meio de toda a azáfama, apareceu um homem na porta e toda a bulha desapareceu. Todos olharam. Um homem alto e louro, corpo de atleta, rosto e expressão de galã de novela, trajando um smoking impecável, sapatos pretos envernizados e cabelos muito bem penteados para trás entrava no recinto.

Com uma voz de locutor, perguntou:

– Quem de vocês é conhecido como o Baianão?

Um negro forte, de rosto quadrado e vincado, olhos cruéis e corpo maciço, levantou-se um pouco mais atrás. Suas narinas retumbavam sob o impacto de uma respiração maciça. Porém, antes que pudesse emitir qualquer som, o outro sacou uma pistola automática e atirou uma só vez. O negro estrebuchou e caiu quando a bala lhe atingiu o coração, bem no meio. “O bicho parou de vez”, assim falaram na rádio local. O assassino voltou-se para a saída e saiu andando com a mesma calma com que entrou, e sumiu, como se fosse um fantasma a mando da morte.

João da Silva, conhecido como Joãozinho Cabeção, era o garçom do bar. Tinha vindo do Nordeste para a cidade grande e, como muitos dos seus, terminou com aquele emprego no bar da zona, ou melhor, perto da zona. Quando pequeno, escutava que tinha bisavô francês, trisavô holandesa, uma avó alemã, outro bisavô negro, uma outra avó índia que chegou arrastada pelos cabelos e tudo isso deu num baixinho, troncado, de cabeça grande e chata. Na hora do tiro, ele estava quase no meio dos dois homens. Tremeu tanto de medo que teve de ser carregado para o fundo e medicado com três doses de cachaça. Ele viu o Baianão morrer. Viu seu rosto contrair-se, seus olhos revirar para cima e o seu desabar que nem um saco de pano vazio. Depois viu o sangue escorrer pelo buraco da bala e manchar o piso. A única coisa que conseguiu pensar, no momento, foi no trabalho que teria para limpar toda aquela sujeira.

Neste momento o silêncio ganhou totalmente da azáfama e todos se olharam. Será que alguém ali fora o mandante? Uma mulher chegou a perguntar quem teria contratado o James Bond para dar cabo do Baianão. Conhecido em todo o bairro como durão, Baianão nunca fora visto com contravento-

res notórios ou cafetões bandidos, trabalhava como segurança em duas boates e nunca teve de usar a força com ninguém, pois sua fachada já amedrontava os usuários. Namorava uma mulata, passista de escola de samba, o que confirmava sua masculinidade. Quando o policial perguntou se tinha inimigos, ninguém soube confirmar. O garçom, que o via quase todos os dias, não conseguia falar. Disse qualquer coisa, como muito boa gente, homem bom ou figura correta. Quando ouviu pela primeira vez a descrição do assassino, o policial achou que faziam troça dele, contudo, quando todos confirmaram, imaginou que seria um agente internacional. “Será que o Baianão tinha conexões com a máfia?”, perguntou-se.

Joãozinho Cabeção voltou para casa mais cedo. Depois do acontecimento, o bar foi fechado pela polícia para averiguações. Também não abria no dia seguinte, ordem da polícia, certamente não por luto. Vivia sozinho, mas pensava em se casar. Estava de olho numa garota da mesma região de onde ele viera. Joãozinho não se entendia com as mulheres locais. Frequentou algumas prostitutas e só. Agora que tentava se casar não queria mais caso com mulher da vida. Seu apartamento consistia de um quarto, um banheiro, uma minúscula cozinha e uma janela que dava para um túnel de ar. As paredes, impregnadas com os odores dos moradores anteriores, contavam que todos tinham a mesma história. Ligou a pequena televisão e ficou assistindo até o sono chegar. Sonhou com o Baianão. No sonho, estava vivo e inteiro. O seu assassino apareceu vindo de lugar nenhum, quando trocaram olhares, Baianão foi mais rápido e partiu para cima do outro agarrando-o pelo pescoço. O outro, de repente, deu uma gargalhada e sumiu dentro de uma nuvem de fumaça. Antes de desaparecer, olhou para João, seu

rosto se transformou numa caveira que cuspiu fogo. O pobre despertou apavorado e com a certeza absoluta de que aquele matador, com pinta de *playboy*, era um enviado da morte.

Baianão era nascido naquela cidade mesmo e ninguém nunca soube porque ficou conhecido por aquele apelido. Ninguém sabia seu nome verdadeiro e, como não portava nenhum documento no dia do crime, ninguém ficou sabendo seu nome. A polícia talvez tenha descoberto, mas como o caso estava sendo tratado como caso internacional, ou seja, ligações mafiosas, tráfico de drogas ou de escravas, nada foi divulgado. Quando souberam disso no bar, Joãozinho pôs-se a rir.

– Baianão metido com tráfico internacional, mafioso? O pobre não sabia nem ler direito, até eu lia melhor do que ele, como ia conversar com os gringos? Pinta de durão ele tinha, mas não era tão durão, só um pouco de verdade e muito fingimento para botar medo no pessoal das boates. Era macho, isso sim, ele era.

O cozinheiro do bar, que também conhecia o sujeito, acrescentou:

– Mafioso gringo, só mesmo rindo, o Baianão. O home saía do trabalho e vinha pra cá. Às vezes uma saída com a namorada e só. Morava num buraco qualquer que ninguém sabe onde. O que é que ele tinha a ver com o James Bonde?

Joãozinho estava cismado que o matador elegante e boa pinta fora enviado pela morte. O pobre do Baianão arrumara problema em algum terreiro de macumba e se indispôs com ela. De onde João viera, estas coisas não aconteciam. Ficou com medo. Lá no Nordeste as coisas não eram tão complicadas. Pobre é pobre, branco é branco, preto é preto e o resto é o resto. James Bonde

matando um negão sem eira nem beira não era coisa do Nordeste.

No dia em que o bar abriu, coube a Joãozinho limpar o sangue, já preto e duro, da pobre vítima. A namorada veio chorar, beber cerveja e receber as condolências. No dia seguinte teria um ensaio importante na escola de samba e no terceiro dia já teria esquecido o Baianão. Foi ela mesma quem disse isso depois de vários copos.

– O Negão era boa gente, carinhoso e bom de cama. A gente não se via muito, mas se aflagava bastante. Grandão e cara de mal como ele, tinha mãos que nem uma esponjinha bem fina, me disse um dia que nunca tinha pegado no batente na vida, sempre deu um jeito de cuidar das mãos. Não, ele não foi o amor da minha vida e, já que morreu, deixa pra lá, amanhã arrumo outro lá na escola. Essa coisa de ficar sozinha não dá certo. Pelo menos sua morte deu o que falar e me fez ficar famosa lá na escola de samba.

O garçom já tinha muito tempo de cidade grande e não pensava em voltar para suas origens. Ganhava o suficiente para poder casar e queria esquecer o crime. As coisas passam e a gente esquece, diziam lá no sertão de onde viera. Se a gente olha para o céu, a cada instante que passa, já não é o mesmo, as nuvens, a luz, o devaneio. Durante quanto tempo vão falar do crime incompreensível ocorrido num bar da zona? Faltava somente saber se a morte concordava com isto.

Foi dormir, com o canto do galo, como sempre fazia em dias de trabalho. Teve um sono difícil, caminhando através de um lamaçal sem ter nada em que se segurar. Despertou com uma certeza: a de que, naquela noite, no bar, o assassino voltaria perguntando quem era Joãozinho Cabeção.



SEPARAÇÃO

Josué estava de pé, recostado na porta de saída da casa, ruminando seus dissabores enquanto esperava. Sabia que algo iria acontecer em poucos momentos e repassava na mente, sem parar, o que diria. Seu queixo proeminente tremia de raiva, os dentes começavam a ranger. Os olhos ainda olhavam o infinito, a testa estreita, levemente enrugada, como se estivesse a espremer os cabelos contra a porta. As mãos estavam suadas e os dedos do pé, dentro do sapato apertado, mexiam como se fossem cavar um buraco no chão. Sentiu um aperto na bexiga, mas resistiu. Mijo nas calças, mas não saio daqui, pensou. Cada ruído que vinha do quarto onde o casal passava suas mal dormidas noites, pressionava seu cérebro como se alguém estivesse bombeando ar pelos ouvidos. Hoje ela não sai, continuou seu pensamento, isso eu garanto.

Desde que seu casamento começara a desabar, Josué dera para falar sozinho, calado, sem emitir um som. Os pensamentos varriam a mente e beiravam o desastre. Cada vez que ela saía para a rua, sozinha, é claro, ele jurava que essa seria a última vez, pelo menos não da forma como ela estava se acostumando a vestir. Hoje a adrenalina corria solta e a porta chegava a ranger de tanto que ele a apertava, como se uma porta fechada resolvesse todos os seus problemas.

– Armênia, aonde é que você vai?

– Vou sair, por quê?

– Você tá sabendo que eu não gosto que você saia assim.

– Assim, como?

– Vestida desse modo.

– E por que não?

– Você já se viu no espelho?

– Já, e não vi nada demais.

– Exatamente, porque tem muito de menos.

– E você quer o quê? Que eu saia vestida como uma freira?

– O que eu não quero é que você saia vestida como uma puta.

– E você sabe lá como se veste uma puta.

– Já vi muitas na rua.

– E frequentou também.

– Não comece a mudar a conversa.

– Não tô mudando nada, e não venha me ensinar como vestir.

– Eu simplesmente quero que você ponha algo em cima. Você não está vestida.

– E como estou então, pelada?

– Praticamente.

– Então, eu gosto de andar praticamente pelada.

– Mas eu não quero.

– Não venha com essa história, você nem comparece mais.

– Se você quer discutir meus problemas, podemos sentar e conversar.

– Agora quero é sair.

– Você sai com essa roupa, eu fico em casa, e depois todo mundo fala.

– E o que importa, se o importante você não faz?

– Quer saber de uma coisa, você ainda é minha mulher e assim você não sai. Não quero virar o palhaço da rua.

Armênia ficou parada, movendo a perna direita num rápido movimento de vai e vem, denotando impaciência e falta total de vontade de ficar e conversar. Josué estava firme e iria continuar como uma montanha; para tirá-lo de lá somente um grande terremoto. Sabia que ultimamente andava irritado e nervoso, talvez estivesse até mesmo um pouco deprimido. Deprimido como uma folha de papel amassada e jogada

num canto qualquer da sala, e a libido sumiu. Ele se esforçava, tentava roçar nas coxas da mulher que outrora tanto o excitavam e agora pareciam nada mais do que rolos de borracha sem vida. Pareciam para ele, mas sabia que não pareciam para todos os homens que as olhavam sem o menor resquício de pudor. Meu Deus, ele pensava, o que estará se passando comigo? Mas, assim ela não sai. Cada vez que ela saía, piorava seu estado, piorava sua dor de ser, certamente, um corno, piorava sua condição de impotência. Pobre Josué, relegado ao inferno masculino, cujo diabo andava com o membro ereto ridicularizando a todos que ali estavam, lembrando-lhes sua condição de coadjuvante menor do grupo dos machos, aqueles condenados a permanecer do lado de fora.

– Você então vai ficar parado aí, namorando a porta a noite inteira?, perguntou Armênia, deixando aparecer no rosto um leve sorriso de deboche.

– O tempo que precisar, respondeu o outro demonstrando autocontrole, tentando esconder um pequeno tremor nas mãos e nos lábios.

Josué recostou-se de uma forma mais cômoda na porta, dobrando o joelho direito para frente, dando uma aparência de estar relaxado e seguro de si. Tentava se controlar e assim anestesiar a vontade de cobrir a mulher de tapas, evitando o pior. Ele sempre fora uma pessoa calma e jamais passara pela sua cabeça bater na mulher e nem em mulher alguma, porém, o que a mulher fazia com ele era totalmente sem sentido. Os dois já estavam perto dos quarenta anos, mas Armênia mantinha, a ferro e fogo, um corpo bonito e suas pernas, ai, suas pernas longas eram o fetiche que algemava o marido. O casamento

desabava. Por que ele entrara nesta espiral nervosa que não o deixava comparecer ao leito nupcial, ao ninho de amor carnal como homem resoluto e senhor de si? Isto iria passar, ele tinha certeza, Armênia é que não tinha.

Armênia começou a perceber que estava perdendo tempo, que sua plástica logo começaria a se dissolver e que o casamento não teria uma segunda chance e, por isso mesmo, queria aparecer de volta ao mundo como uma mulher bonita e vistosa, queria reaver o que estava desaparecendo. Queria se vestir mostrando o recheio, queria despertar a cobiça de outros homens. Até agora não tivera nada com ninguém, mas se deliciava com as olhadelas de soslaio, diretas, desavergonhadas, ou mesmo pudicas dos que passavam por ela na rua, dos que rondavam a mesa do bar onde se sentava com as amigas. Josué sentia tudo isto e decidira não mais aceitar.

Armênia olhou firme para frente, pôs a mão na cintura e disse.

– Você acha que é o dono aqui, que manda em mim, pois vá tirando o cavalinho da chuva. Isso de ser macho e mandão já não cola mais.

– Pois é, então vamos ver.

O momento do diálogo havia terminado. Os dois se olhavam como dois galos de briga, prontos para a rinha. Armênia começou a suar; sabia que era a mais fraca dos dois, aliás muito mais fraca e estava em franca desvantagem numa luta física. Ela, contudo, conhecia o gênio do marido, seria preciso muito mais do que já estava em jogo para que ele partisse para a baixaria dos socos; de qualquer forma, não valia a pena arriscar. Estava

arriscando sua aparência, seus futuros movimentos e talvez até mesmo sua vida, vida que ela queria resgatar de um casamento do qual agora somente restava um mal-estar. E por que não se separavam? Será que sem ele seria melhor do que com ele? Afinal, a maior parte do ganha-pão era ele quem provia. O que seria dela nesta idade, sozinha e sem dinheiro? Mas por que não podia se mostrar ao mundo? Muitas mulheres assim se vestiam e ela nunca foi de ficar atrás das outras, principalmente com o que tinha a mostrar. Não sabia o que acontecia com o marido que não mais comparecia. Será que ele tinha outra? Se tinha, então qual o problema em deixá-la sair?

Os dois teriam perdas numa separação, ao mesmo tempo não ganhavam nada ficando juntos, e, por isso, hesitavam, como dois animais medindo forças, calculando suas possibilidades de ganhos, manejando um ao outro para sair incólume, tanto física quanto mentalmente.

Josué não queria bater na esposa, no fundo queria mesmo era excitar-se, trazer à vida seu lado animal. Sentia o coração bater cada vez mais rápido e, pela primeira vez num longo tempo, uma comichão entre as pernas mostrava que a testosterona começara a circular junto com a adrenalina. Parecia que estava mergulhando numa piscina gelada e o corpo enrijecia por fora enquanto borbulhava por dentro. A mulher parada a sua frente estava pronta para a luta, suas coxas quase que completamente à mostra, mordendo os lábios carnudos como uma cobra preparada para dar o bote, cabelos presos num rabo de cavalo deixando ver as orelhas carregadas de pingentes multicoloridos, onde Josué costumava sussurrar as indecências que precediam o amor carnal, as mandíbulas largas tremendo

como uma fêmea no cio.

Josué sentiu seu corpo relaxar da tensão na qual estava mantido. Neste momento, a sorrateira serpente bíblica soprou-lhe nos ouvidos; você está pronto e ela está cheia de desejo. Não se pode dizer se a serpente interpretou erroneamente o arfar de Armênia ou se foi pura safadeza de sua parte, Josué, porém, partiu como um cavalo sentindo o odor da fêmea no cio. Ele esboçava um início de sorriso. A serpente então murmurou para Armênia: você vai ver o que é a sanha de um macho embrutecido pelo ciúme. E também nesse caso não se pode dizer se ela errou ou se cumpria ordens do demo.

Armênia deu um pulo para o lado e agarrou o primeiro objeto que lhe veio às mãos; o abajur de madeira com uma lâmpada na ponta e, sem pensar, descarregou em cima de Josué que caiu para o outro lado. Ela tremia de pavor e medo, correu para a porta e saiu correndo sem saber muito bem o que fazer, por isso nem olhou para trás e seguiu em frente. Voltaria mais tarde quando o marido estivesse mais calmo.

O que ela não viu foi que a lâmpada se partiu quando alcançou o ombro de Josué, deixando uma lâmina afiadíssima na ponta do abajur que seguiu sua trajetória em direção ao pescoço.



O ASSASSINATO DO CAFETÃO

Marlene trabalhava na noite, na mais velha de todas as profissões femininas. Começara como garota de programa, de classe, no frescor dos seus dezesseis anos. Mais de vinte anos se passaram, e dos melhores anos da carreira não sobrou nem lembrança. Fez de tudo com todos os tipos de homem, teve muita sorte em não pegar nenhuma doença, já que durante alguns anos nunca ligou para o uso de camisinha, e não saberia dizer se foi graça de Deus ou castigo de satanás. Entretanto, apesar de ter aprendido quanto ao uso do preservativo, nunca aprendeu a cuidar da vida. “Se arrependimento desse dinheiro poderia me aposentar”, costumava pensar. Agora já era tarde, depois de passar por muitos cafetões sem nunca gostar de nenhum, depois de mudar de várias cidades para não ser morta por um deles, porque nunca foi de levar desaforo para casa, sentia chegar o final da carreira. Fazia

ponto na rua, numa zona decadente, onde imperava a oportunidade dos deslocados e rejeitados, conhecidos como escória da sociedade, onde rondavam homens desejosos de sexo ou de qualquer fetiche vagabundo que pudessem pagar.

Já passava da meia noite quando resolveu voltar para casa. Hoje fora um dia de muito serviço. Serviço vagabundo como sempre, porém, ganhou um bom dinheiro. Daria para folgar por três dias e não mais do que isso, porque ainda tinha que dividir com Jorjão, o cafetão que lhe garantia o lugar de trabalho, nada mais do que isso. De vez em quando faziam sexo, e nada de amor. Amor era uma palavra que para ela nunca teve significado, passou-lhe de raspão quando era bem novinha para nunca mais voltar. Além disso, Jorjão era um bruto e mau caráter com o péssimo costume de tomar mais do que a sua parte dos pagamentos. Quando chegou à casa, assustou-se ao vê-lo lá dentro.

- Leninha, tô com um problema sério.
- Que aconteceu, Jorjão?
- Tô devendo uma grana preta, perdi no jogo.
- E o que eu tenho a ver com isso?
- É que vou precisar de toda a fêria do dia.
- Você tá ficando maluco?
- É só hoje, depois a gente ajeita.

– Olha só, meu bem, eu ralei que nem uma condenada hoje. Você não tem ideia do que é dar para doze homens num só dia. Um para cada mês do ano. Tô toda esfolada e ardida. Cada um pede uma coisa diferente, pagam um pouco a mais e tenho de fazer. Branco , preto, gordo , magro, careca, seboso, fedorento

que nem uma égua no cio. E depois disso, você ainda quer todo o dinheiro. Semana retrasada você fez o mesmo. Cadê o dinheiro?

– Meu bem, eu tive um pouco de azar, mas a sorte vai mudar.

– E até ela mudar eu tenho de bancar. Acabou, não vou mais bancar. Te dou a sua parte, como combinado. Você falou que ia conseguir pra mim trabalhar na boate do Pardal e aí!!! Cadê a boate? A única coisa que você faz é levar o meu dinheiro e me comer de graça.

– Leninha, por favor, não me faz ficar zangado. Nenhuma mulher fala assim comigo.

– Mas eu falo.

– Me dá logo o dinheiro e cala a boca.

– Não dou não.

Jorjão, sentindo o fogo da raiva subindo, deu-lhe um violento tapa na cara. Contorceu a face mostrando seu furor e gritou.

– Comigo mulher não bota banca, ouviu? Se não dá por bem, então vai na marra.

Marlene, sentindo a forte ardência no rosto, olhou para frente e viu o próprio demônio. Sua coragem cresceu, nesta vida ela já enfrentara muitos cafetões violentos e metidos a macho.

– Vem pegar, seu sacana de merda.

Ainda não terminara de soltar o ar quando recebeu um murro no rosto que lhe partiu os lábios. Ela viu estrelas e sentiu o sangue escorrendo pelo queixo.

– Nenhuma puta de merda se mete a besta comigo, tá entendendo?

Marlene, com o soco, foi arremetida para trás e chocou-se contra o pequeno armário onde guardava os talheres que usava para cozinhar. Sua mão tocou na faca que deixava ali escondida. A precariedade da sua segurança a levava a deixar a faca escondida onde sempre pudesse ser alcançada fácil e sorrateiramente. Ela segurou dissimuladamente. Jorjão, a sua frente, via somente o vermelho do sangue que fazia seus olhos incharem recobertos de veias, como se fossem teias de aranha coloridas. Partiu com os dois braços estendidos, prontos para quebrar o pescoço da pobre mulher estendida a sua frente. Quando sentiu que lhe faltava ar, Marlene deu uma estocada com a faca, na barriga, de baixo para cima. Ele sentiu a queimação da dor enquanto a faca penetrava pelo estômago até tocar o coração; deu uma gorfada de sangue em cima da mulher e morreu instantaneamente. Ela percebeu a agonia do corpo enquanto tremia nos estertores finais. Sentiu-se enojada, arremeteu o corpo para frente e saiu dali. Uma poça de sangue logo se formou.

– Que apodreça no quinto dos infernos, murmurou para si. O vermelho vivo do sangue logo escureceu, como um tranquilo pôr do sol.

Pegou suas roupas e tudo o que tinha de importante e deu o fora daquele lugar. Ninguém a conhecia por ali. O aluguel daquele buraco quente e fedido era pago por semana. Não se exigia documento e ela dera um nome falso, nome de artista de novela. Ali viviam somente marginais e marginalizados. Nenhum policial iria ligar para o cadáver de um cafetão e bandido. Marlene nem olhou para trás. Já estava cansada do

que fazia para viver, quanto mais velha ficava, mais difícil era convencer os fregueses a usar camisinha. Depois dos anos de experiência, ela adquirira um horror a doença, era como se tivesse a faca do capeta espetando o coração.

Seguiu andando pela rua. Prédios velhos ladeavam a avenida que, com suas janelas e fracas luzes, pareciam vacas que acorriam à cerca do pasto para olhar qualquer um que por ali passasse com seus olhares dóceis e vazios. Marlene caminhava rápido, batendo os tacos dos sapatos com força no chão. O som reverberava no seu ouvido fazendo parecer um exército em marcha. Algumas prostitutas ainda faziam ponto encostadas a postes de luz na esperança de aumentar a fêria do dia. Reconhecendo uma conhecida, ela parou.

– Oi, amiga, tem um cigarro?

A outra reconheceu a colega de profissão e abriu um leve sorriso. Tirou um cigarro da bolsa, acendeu e ofereceu a Marlene. Era uma mulher baixa e leve, um rosto fino, lábios grossos e um olhar denso emoldurado por sobrancelhas grossas. O rosto franzido e as rugas nos cantos dos olhos e da boca mostravam o cansaço do fim da noite.

– Onde tá indo, toda apressada? Nesta hora da noite, por aqui, ninguém tem pressa.

Marlene sentia um bloco de chumbo amarrado ao peito que não a estava deixando respirar. Inalou, sôfrega, a fumaça do cigarro e sentiu o peso diminuir. Seu corpo relaxou e ela teve de se apoiar no poste para não cair. Tinha uma necessidade imperiosa de desabafar e sabia que podia confiar numa companheira de profissão.

– Acabei de matar o Jorjão.

A outra sentiu um baque no coração, levou as duas mãos à boca como se estivesse empurrando ar para dentro dos pulmões.

– Aquele alto, metido a besta, sempre querendo aparentar o mandachuva? Garanto que teve o que mereceu. Ouvi dizer que batia nas mulheres por qualquer besteira.

– É ele mesmo. Esta foi a terceira vez que me bateu. Olha só meu lábio como ficou do murro que levei.

– Não liga não, amiga, o desgraçado já foi tarde, mas você tem de cair fora daqui. Os colegas dele não vão te perdoar.

– É por isso que já estou indo. Não estou aguentando mais, vou largar tudo. Vou pro interior fazer qualquer outra coisa, juntei um dinheirinho hoje, mais um trocado que tinha escondido em casa, vai dar para chegar a algum lugar longe daqui.

Marlene estava vestida com a roupa de trabalho: saia curta, blusa justa e transparente e salto alto. Olhou para si e não gostou. “Jeito de puta e roupa de puta”, pensou. Não era o mais adequado para pegar um ônibus, partir e chegar a algum lugar. Continuou a andar. O cadáver somente seria encontrado dali a um dia, e com sorte em dois dias. Haveria um reboliço, algumas amigas talvez levassem alguns bofetões, ela, porém, estaria morta se ficasse.

A colega olhou para a rua espiando ao longe se algum carro aparecia, poderia ser um cliente e quem sabe um pouco mais de dinheiro fechando o dia. As duas se despediram silenciosas, nenhuma palavra, o próprio lugar já dizia tudo.

Marlene seguiu andando, queria sumir daquele lugar o mais rápido possível enquanto sentia um aperto no coração. Era o aperto da noite que a sufocava fazendo com que arfasse e começasse a suar. Mais adiante a avenida era mal iluminada e ela orou para que aparecesse um ônibus. A lua crescente estava quase se pondo, e para lá ela dirigiu o olhar e viu, ela viu uma luz brilhar e uma voz suave e melodiosa falando dentro da sua cabeça: vou te ajudar. Neste momento um ônibus apareceu, ela correu para a rua agitando os dois braços praticamente forçando o chofer a parar para não atropelá-la. Subiu e respirou aliviada. Sentiu como se um anjo a levasse nos braços. Será que aquilo fora um milagre? Será que foi um sinal de que sua vida iria mudar? O ônibus estava quase vazio; na frente o chofer dirigia como se nada fosse mais importante no mundo. O trocador cochilava e Marlene precisou cutucá-lo para poder pagar. Três passageiros compartilhavam o ônibus com ela. Um casal jovem que se esfregava entre risadas e gritinhos, parecendo dois animais dominados pela libido, prontos para tirar a roupa e se perder nos segundos do orgasmo. Ninguém ligava para o que acontecia ali. A noite, o cansaço e a necessidade de ganhar a vida eram mais importantes. O outro passageiro, um homem de meia idade, gordo e sem pescoço, roncava com a boca aberta, como se quisesse abocanhar todo o oxigênio produzido no planeta.

Marlene não sabia para onde ia o ônibus, subiu arrebatada pelo desespero e queria seguir a esmo como se fosse uma adolescente saindo de casa ao encontro da vida e do amor. A esta hora da noite não importava onde fosse parar, amanhã seria um novo dia. Adormeceu escutando o zumbido do motor. De repente sonhou que Jorjão se levantava, o rosto lívido e

quase transparente de um fantasma, tomava a faca de sua mão e a espetava no braço. Ela deu um grito e pulou para trás. Demorou para perceber que o chofer cutucava seu braço.

– Moça, chegou no final.

Marlene respirou fundo até perceber onde estava, a noite passou pela sua mente como uma multidão adentrando o metrô ao voltar do trabalho.

– Onde é que nós estamos? Eu preciso ir para a rodoviária.

– A rodoviária é do outro lado da cidade. Você vai ter de esperar até de manhã.

– Então espero aqui no ônibus, não tenho pra onde ir.

– Aqui no ônibus não vai dar, minha filha. Tô indo pra garagem.

– Mas eu não posso ficar aqui sozinha!

– Pra que, então, é que você veio?

– Eu tava fugindo, acabei o namoro e meu namorado me ameaçou. Disse que me mataria. Aí peguei tudo que eu tinha e fugi.

– Você até que se veste bem para o seu namorado. Pra que se vestir assim se queria terminar? Parece que o namorado foi bem bruto com você, continuou ao reparar no calombo dos lábios dela; parecia uma montanha plantada no meio de um deserto todo plano.

– Eu gosto de me vestir assim. Você acha que não está bom?

– Não sei, parece que tem pouca roupa pra muito corpo.

Marlene cobriu o rosto com as mãos. Pela primeira vez, após muitos anos, sentiu vergonha. Não queria estar vestida assim, mas não tinha outro tipo de roupa. Deu um soluço, como se estivesse para chorar. Neste minuto, toda a sua vida entalou na garganta. Era como um vômito pressionando para sair.

– Vou te falar a verdade, eu quero mudar de vida. Estou cansada de apanhar de cafetão, não aguento mais sair pra rua pra conseguir ganhar dinheiro buscando homem. Eu fui uma puta, mas não sou mais. O Jorjão queria me matar, aí eu consegui matar ele antes. Eu não queria sangrar ele, não quis ver toda aquela sangueira, mas ele ia me matar. Sabe por que, sabe? Ele queria roubar todo o meu dinheiro, você é homem, você não tem a menor ideia do que eu tive de passar para ganhar, ele queria levar tudo, me largar na merda e ainda me bateu. Ele acha que a gente gosta de apanhar. Ele acha que nós não somos gente. Eu quero mudar de vida, mas não é fácil. É só até amanhã, amanhã não, hoje cedo, assim que clarear o dia.

Seus cabelos esticados estavam emaranhados, sua tez parecia mais escura do que era na realidade. Seu rosto redondo ficou desbotado, os olhos vermelhos de várias noites sem dormir, um olhar de desespero, desencanto e autopiedade, uma boca com os dentes perfeitos, resultado de uma ancestralidade africana bem sucedida. Seu corpo gorducho ainda mostrava formas femininas da juventude e as coxas quase descobertas eram cheias e lisas. O chofer sentiu pena e desejo, e para um homem passando da meia idade e com o casamento dando bolor de tão enfadonho, o segundo se antepôs ao primeiro.

– Vou te dar uma ajuda, já vi que você merece. Vou fazer melhor. Eu tenho um barracão aqui pertinho que uso para

• *O assassino do cafetão* •

tirar uns cochilos porque moro longe. Você pode ficar e se arrumar. Pode até dar um tempo, se quiser.

Marlene já tinha muita experiência para saber o que ele queria, como também tinha muita experiência para saber que deveria aceitar. De longe podia escutar as batidas do coração e ela conhecia muito bem estas batidas em coração de homem.



O ASSALTO

Quando Reginaldo escutou a voz arranhada anunciando o assalto, lembrou-se de que não tinha nenhuma razão para estar naquela farmácia naquele momento. O analgésico era somente para estancar a dor da briga que tivera com a mulher há pouco mais de uma hora. Analgésico cura dor de briga, dor de corno e até mesmo dor de cotovelo? Não adiantava mais revolver o assunto na cabeça. Os assaltantes estavam lá, apontando seus revólveres e não estavam para brincadeira. Ladrões, a princípio, não vêm para matar, estavam ali para roubar. Provavelmente precisavam do dinheiro para comprar drogas ou pagar dívidas de jogo. Ele lera em algum jornal, durante um trajeto de ônibus, que dívidas de jogo são, na verdade, dívidas de sangue, do próprio sangue, e quem não as pagava em dinheiro, terminava pagando com sangue, porém, se fosse tentar vender este sangue não dariam muito por

ele; o valor está na metáfora. Um mero descuido poderia trazer a morte. Reginaldo viera parar na farmácia simplesmente porque tivera uma briga com a mulher. Saiu de casa sem rumo, cansado de discutir, de aguentar explosões temperamentais da conhecida “tpm”, pensando em se separar. Sempre pensava em separação depois de uma briga, mas não podia nem pensar na mulher abraçando outro homem, o ciúme invadia sua mente como um rio caudaloso inundando um deserto após um temporal.

Entrou na farmácia porque viu a luz, viu pessoas dentro, imaginou que assim teria companhia. Sentia dor, dor na alma, dor da briga, dor da solidão e resolveu comprar um analgésico. Agora estava preso lá dentro e duas armas apontando chumbo grosso para ele, talvez o chumbo não fosse tão grosso, no entanto, com chumbo não se brinca. Culpou a mulher. Na verdade, ela se casara com ele para mudá-lo e moldá-lo, como uma criança moldando um boneco com massa plástica; quando a massa resiste, ela tem uma crise de raiva. Quando voltasse para casa, jogaria isto na cara dela. “Viu o que você fez? Eu poderia ter levado um tiro e isso porque a senhora começou a gritar que nem uma louca. O que eu fiz? O copo caiu e quebrou e sujou o chão de vidro e coca cola. Eu sei que você tinha limpado o chão, mas eu, por acaso, disse que não ia limpar? Você achou que eu não ia limpar, ou que não iria limpar bem, sei lá. Eu quase morri porque você teve um ataque histérico.” Reginaldo imaginou a cara que ela faria, o sinal de fraqueza e arrependimento, e chegou mesmo a saborear um gostinho de vingança. Durou pouco.

Quando olhou para frente e viu o rosto pálido do balconista, seus olhos molhados refletindo a luz, suas orelhas em abano tentando mover-se, prontas para decolar e sumir dali, e os bra-

ços para cima repetindo o que vira em filmes policiais, Reginaldo quase fraquejou das pernas, sentiu-se mole e teve de fazer um esforço enorme para manter-se onde estava, de pé. Todos os jornais diziam que um movimento brusco num assalto termina em tiro e tragédia. Neste momento ele também levantou os braços.

A mesma voz arranhada continuou.

– Fiquem todos quietos. Queremos todo o dinheiro e todos os remédios tarja preta. Façam o que mandamos e ninguém sairá ferido.

Reginaldo não pôde deixar de pensar que o assaltante talvez também estivesse imitando o que vira em algum filme, afinal nos filmes todos dizem essas mesmas coisas. Ele era o único comprador, além do balconista de grandes orelhas e da moça do caixa. Estava no meio dos dois, de costas para os assaltantes e para a moça.

Os dois assaltantes vestiam jaquetas e calças jeans e usavam capacetes de motoqueiros. A moto com o motor ligado fora deixada em frente à porta de entrada. Todos dois seguravam um revólver. Um deles, o da voz arranhada, sabia o que estava fazendo e segurava a arma com firmeza, com uma postura ereta de quem manda e quer ser obedecido. Mostrava o que queria com movimentos bruscos, deixando claro que não hesitaria em puxar o gatilho. O outro, chamado Joaquim, deixou os ombros caírem e segurava o revólver como se fosse um garoto com uma arma de brinquedo. Olhava para o companheiro como se não soubesse o que fazer; e realmente não sabia, era novato e somente entrara nesta farmácia por desespero. Devia dinheiro a todos os amigos, e não conseguia trabalho. Não fora fácil ser convencido, o escudo, entretanto, se rompeu graças à lábia melosa e açucarada do companheiro.

– Mano, a coisa é fácil. Eu já fiz muitas vezes, farmácia não tem segurança e se tem câmara vamos ficar com o capacete. Ninguém vai reconhecer a gente depois. Remédio tarja preta vale uma nota no mercado negro, bufunfa da boa, eu conheço a turma que compra. Você acha que alguém vai reagir com um trabuco na cabeça? Esquece, velho. Vai nessa.

– Eu não gosto muito disto. Não levo jeito para estas coisas, mas a coisa tá preta. Tô numa pior e sei que não vou melhorar. Diz uma coisa: nunca deu errado? Você nunca teve de atirar?

– É claro que não, meu chapa. Eu sou seu amigo, acha que eu te levaria para uma roubada?

Joaquim fora convencido a roubar, mas não fora convencido a aprovar o roubo. Foi educado por pais trabalhadores que prezavam de forma extremada a honestidade. O desespero, porém, sufocou temporariamente a moral. Quando a voz arranhada do companheiro anunciou o roubo, ele sentiu um arrepio que quase o jogou ao chão. A caixa da farmácia percebeu o arrepio e interpretou como se fosse vontade de matar. Era uma mulher pequena e atarracada, rosto oval com bochechas salientes e um nariz levemente arrebicado que terminava em olhos joviais e escuros. Tinha orelhas pequenas, um pequeno brinco que parecia um pontinho brilhante em cada lóbulo. Quando vira Joaquim entrar, alto e forte, quase que se apaixonou.

Por um breve instante, um silêncio de doer os ouvidos desceu sobre o local. Era como se todos estivessem posando para um pintor, para um quadro que se chamaria o pequeno assalto. A voz arranhada logo quebrou a cena.

– Andem logo de uma vez!

Ele gritou enquanto movia a arma num movimento de baixo para cima e continuou indicando o balconista.

– Pegue a maior sacola e encha com todos os remédios tarja preta. E você, indicando Reginaldo, não faça um movimento. Deu azar de estar aqui, mas se cooperar, nada vai acontecer. Ajude lá o rapaz a encher as sacolas.

O da voz arranhada sussurrou a Joaquim que comandasse a retirada dos remédios enquanto ele recolhia o dinheiro no caixa.

A moça do caixa, toda molhada, estava à beira de um ataque de nervos. Chorava baixinho enquanto recolhia o dinheiro. Estava aterrorizada, imaginando que o ladrão achasse pouco o que tinha. Não havia nada escondido.

– Hoje todo mundo paga com cartão de crédito, não tem muita coisa no caixa. Olhou para o homem à sua frente com o mesmo olhar de uma vaca no matadouro. -Não me mate, por favor.

Joaquim, no momento em que o outro mandou retirar os remédios, teve pena dos outros dois que mal conseguiam se sustentar em pé, mas logo achou cômica a postura. Lembrou-se de um programa de televisão. Imaginou saindo dali, contando o dinheiro, pagando as dívidas e indo para casa dormir em paz. Porém, a imagem dos pais veio à lembrança. Poderia o tigre arrepender-se no último minuto, ou o tubarão ter pena do pobre banhista na praia? Poderia o macaco ladrão largar a comida na cozinha e voltar para o mato de mãos abanando? Arrependimento era coisa de humanos. Joaquim sentiu o coração apertar, mas não podia voltar atrás, pedir desculpas e dizer que tudo fora um terrível engano. Tentou não pensar nisto e por isto gritou.

– Andem logo com isto, se não quiserem comer chumbo.

Apontou o revólver quase tocando a cabeça de Reginaldo. Este não compreendeu o coração do outro, sentiu o frio da arma e correu para junto do balconista que já recolhia os remédios. Postou-se ao seu lado e começou a ajudá-lo. Estava tão nervoso que nem prestou atenção ao que fazia, botando qualquer coisa dentro da sacola.

Joaquim percebeu o que Reginaldo fazia.

– Olha aí, meu chapa. Tá querendo se ferrar? Acha que viemos aqui pra levar aspirina?

Reginaldo, neste momento, se descontrolou. Pensou que o outro ia atirar. As pernas amoleceram e ele se apoiou no balconista que tomou um susto e pulou para o lado. Reginaldo caiu, tentando se segurar na estante de remédios, causando enorme estardalhaço. O da voz arranhada gritou um palavrão que mais pareceu um urro saindo de uma caverna. Joaquim assustou-se e, instintivamente, apertou o gatilho. Reginaldo levou uma mão ao peito enquanto a outra tentava amortecer a queda. Por uns breves instantes pareceu um contorcionista fazendo seu mais difícil movimento, os olhos esbugalhados esperando os aplausos estrondosos de um público imaginário. Joaquim percebeu seu erro e abaixou-se para ajudar o pobre que agonizava. Virou-se para o outro ladrão, cujo rosto deixava transparecer um misto de ódio e consternação:

– Você falou que não ia acontecer nada!

Enquanto dizia, sem perceber, levantou a arma apontando para onde a voz arranhada murmurava um palavrão. Este não titubeou, viu Joaquim sendo tomado pela fúria, com

o revólver empunhado, e atirou.

Joaquim recebeu a bala no rosto. Caiu para trás com o impacto, em cima de Reginaldo, na exata posição de um abraço entre amigos.



RELATO DE UM SONHO

Meu nome é Davi Ricardo, mas sou conhecido somente por Ricardo, assim me chamam e sempre me chamaram desde quando começaram por Ricardinho em vez de Davizinho. Atualmente só me lembro do Davi quando, por alguma razão qualquer, tenho de olhar a carteira de identidade. Mas, certamente, não estou sentado a escrever, queimando as pestanas, somente para dizer que fui Ricardinho no lugar de Davizinho; o que realmente quero é escrever o relato de um amor, um amor rápido e intenso como um raio que racha uma árvore milenar ao meio e quase faz o mesmo comigo, um mínimo ser que nunca teve a menor pretensão de chegar a ser milenar. Às vezes, tenho a impressão de que foi um sonho, mas realmente tudo aquilo se passou há muito tempo atrás, antes do tiro. O tiro eu sei que não foi sonhado, meu corpo sabe disto, mas o amor... Ela era tão bonita, tão charmosa e sensual que às vezes me recuso a acreditar que

realmente existiu; eu amar uma mulher como ela e ser tão intensamente correspondido. O tiro aconteceu depois que larguei a polícia, e larguei a polícia por causa do amor, que, por sua vez, também já havia terminado na sua realidade carnal, ficou no sonho e por isso hoje parece que foi somente um sonho. Creio que Freud falava destes sonhos, que de tão intensos e emotivos se misturam com a realidade e passam a fazer parte dela. Isabelle é seu nome, e um observador atento notaria um enrijecimento da parte superior do meu corpo e um tremor nas mãos ao escrever este nome. Meu Deus, se pudesse um dia definir a felicidade, seria aquilo que eu sentia ao pensar neste nome naquela época ou talvez naquele sonho. Naquela época eu também tinha meu charme e beleza, já carregava um divórcio e uma separação, mas não me faltavam namoradas, o que faltava era uma profunda paixão, uma paixão que nunca tivera antes por nenhuma mulher, nem mesmo as duas com quem me casei. Afinal tive esta paixão, sentimento grandioso, mas mesmo assim o medo da morte é ainda maior.

Meu encontro com Isabelle foi casual, sem nenhuma originalidade shakesperiana; estávamos comendo hambúrguer com batata frita no Macdonald's da esquina do quarteirão da delegacia de polícia, onde eu trabalhava. Ela deixou cair um guardanapo de papel, imaginem só, de papel, mas eu nem pensei o que podia ser, meu reflexo condicionado funcionou na hora. Dentro daquele burburinho, eu nem notara sua presença, levantei o guardanapo sabendo somente que era para uma mulher.

– Muito obrigado, ela disse sorrindo, mas não necessitava. É de papel e a mesa está cheia deles.

Ela me fitou nos olhos e tudo o mais desapareceu, depois ela me disse que fiquei abobado olhando para os seus olhos, seu rosto, seu corpo por quase cinco minutos. Sentei-me à sua mesa sem pedir licença. Neste momento a amei e ela me disse mais tarde que também me amou. Nunca ninguém a havia olhado desta forma, nunca antes eu vira uma mulher tão bonita. – Meu nome é Isabelle, foi o que ela me falou depois dos cinco minutos de silêncio. – O meu é Ricardo, respondi.

Sua cor é morena, tostada, a mesma cor brejeira das mulheres de Minas Gerais, olhos castanhos afogueados, grandes, ligeiramente amendoados, testa alta, cabelos longos e cheios. As mãos grandes com dedos longos, tinha mãos de pianista e voz sensual de cantora intimista, lábios carnudos, mas não muito, e nariz afilado. Porém, o que mais me cativou foi o sorriso, os dentes superiores se apoiavam levemente nos lábios inferiores que apenas deixavam antever os dentes do maxilar, mas havia algo mais naquele sorriso e eu me sinto incapaz de descrever. Foi uma indescritível visão de momento, como se eu tivesse sido arrebatado pela deusa Afrodite que depois me deixou mirá-la nua em todo o seu esplendor por cinco minutos. Depois disto nunca mais fui o mesmo, parecido, mas não o mesmo. A beleza de Isabelle era a continuidade do seu corpo em movimento. Talvez ela moldada numa estátua nem fosse tão linda, mas, junto com os movimentos, pequenos tiques, a forma como retorcia as mãos ao tentar explicar alguma coisa, seus dedos pareciam desenhar no espaço uma obra-prima sempre inacabada, conjugava uma beleza ímpar. Às vezes, quando queria mostrar alguma pessoa ou uma cena ultrajante, me olhava de soslaio e logo forjava um sorriso maroto, cheio de ironia. Não necessitava palavras.

– Isabelle, isto nunca aconteceu antes comigo. Jamais acreditei nesta coisa de amor à primeira vista. Sou, filosoficamente, materialista radical, e ateu. Cultuo a razão como forma maior de ser.

Tive a impressão de que babava e expelia palavras sem muito nexo, mas não podia parar.

– Você é muito bonita e simpática e eu pareço estar fazendo papel de palhaço, mas eu não sou sempre assim. Sou policial, é verdade, policial. Nem parece, não é, mas trabalho ali na outra esquina. Olha, eu sou policial, mas sou inteligente, é, inteligente. Tem gente que pensa que todo policial é um brutamontes, mas não é verdade; tem lá gente como eu, honesta, que quer fazer o bem e pensa no que faz e não aceita propina.

Quanto mais eu falava mais tinha a certeza de que se parasse de falar eu a perderia, seria cortado o elo, e que eu a mantinha me olhando pela força das palavras. Não me importava quais fossem.

– Todo mundo pensa que todo policial é corrupto, mas isso não é verdade. Eu não sou e meu amigo Bernardo também não é. Eu estudo, leio, investigo e no fim de semana gosto de pescar. Também gosto de namorar, e quem não gosta? Sou um sujeito decente, como todo mundo, principalmente com as mulheres, gosto das filósofas. Você leva pinta de ser filósofa também, e bem letrada. Olha, eu gosto das palavras, mas elas muitas vezes distorcem a realidade e eu nem mesmo sei se o que lhe disse foi verdade. Pinte um retrato superficial de mim mesmo, mas pode ter certeza, eu sou mais do que isso. Penso nas coisas. Escrevo também, contos e poesias, meus segredos. Acho que, se continuar assim, vou terminar me desnudando na sua frente. Não sei porque, mas você me faz falar e não consigo fingir. Não sou assim com qualquer mulher.

Ela me escutava em silêncio, de repente apoiou o queixo na mão esquerda, na forma do pensador de Rodin, e me estendeu a mão direita. Fiquei estupefato, segurei a sua mão e as palavras se embaralharam na minha cabeça como um quebra-cabeças jogado ao léu. Meus olhos encheram-se de lágrimas e as únicas palavras que saíram de mim foram:

– Acabo de me apaixonar por você.

– Eu também.

Ela disse no seu tom macio e sensual, notei que seus olhos também estavam rasos de lágrimas. Neste momento nos levantamos, deixamos nossas comidas e nossos afazeres e saímos a caminhar. Contornamos ruas, becos, ruelas, prédios, multidões, e terminamos deitados numa cama, no quarto desconhecido de um hotel.

– Tenho de ir para casa, meu marido e minha filha já devem ter chegado.

Assim, voltamos à realidade, assim eu soube que me apaixonara por uma mulher casada, e com uma filha, assim eu soube que, de alguma forma, ela temia o marido, assim eu soube que começaríamos a ter encontros furtivos e que teríamos uma segunda vida escondida, assim eu soube que, mesmo levantando da cama num salto, completamente desarrumada e com medo no rosto, sem saber direito o que fazer, Isabelle era linda de morrer.

Seria demasiado enfadonho descrever em minúcias nossos encontros, nossos amores, nosso sexo, nosso medo constante de que tudo terminasse um dia, em suma, nossa paixão. Não quero descrever os detalhes das carícias, mas tenho a lembrança de que todas as vezes em que nos abraçávamos, não

importa em que posição, não importa se estivéssemos vestidos ou despidos, numa cama ou na areia, em pé ou deitados, eu sentia um elo de luz que nos amarrava tão apertado que dava medo; Isabelle sentia o mesmo. Que seria esta sensação?! Se eu não fosse um agnóstico pensaria tratar-se de um anjo, arcanjo ou criatura mística a mando de um Deus que nos estaria preparando para uma missão religiosa qualquer. E que gostoso era abraçá-la; durante nossas carícias eu chegava ao ponto de querer morrer para não ter mais consciência de que isto pudesse terminar. Mas o medo da morte era mais forte. O carinho das mãos de Isabelle me fazia sentir como se a deusa mor do universo estivesse me preparando para ser o seu consorte; como se somente ela existisse.

Bernardo era meu melhor amigo e ainda é, ele trabalha na polícia e só não chegou a chefe geral por causa da mania de ser correto e honesto. Ele dizia que dinheiro sujo lhe queimava os dedos e não havia o que pudesse fazer para mudar. No mês que vem se aposenta, veste o pijama e vai escrever suas memórias; eu serei o *ghost-writer*. Ele foi a única pessoa que soube o que se passava comigo. Ao escutar minha descrição de Isabelle, ficou encantado e me disse que já vira esta mulher em algum lugar ou talvez fosse outra parecida. Ele me ajudou a ficar “doente” muitas vezes para não ter que ir ao trabalho, conseguiu que ficasse mais na parte burocrática, pois meu nível de concentração estava quase nulo. O incêndio que tomava conta de mim não tinha limites, queimava tanto árvores gigantescas como arbustos diminutos e constantemente formava o nome dela nos rolos de fumaça que desapareciam no horizonte.

– Ricardo, venha comigo rápido até a lanchonete daquela esquina, você vai ver a minha filha Gabriela.

Foi assim que Isabelle me mostrou sua filha. Tomei um susto, era alta como a mãe, as mesmas curvas e trejeitos, os cabelos e o formato do rosto. Tinha dezessete anos.

– Minha nossa, Isabelle! Como ela se parece com você, ainda bem que te conheci antes, se fosse ao contrário, teria me apaixonado por ela.

Rimos os dois. Ela não quis que eu fosse apresentado à filha, dizia que não conseguia misturar estes dois mundos. Despedimo-nos ali e ela foi ter com Gabriela. A mãe era enfermeira, e Gabriela estava começando a estudar enfermagem. Nesta época, eu passava grande parte do meu tempo pensando em Isabelle, e por vezes imaginava o que deveria ser para um paciente receber os cuidados daquela enfermeira, valeria mais do que alguns médicos juntos, em delírios eu imaginava que somente o toque dos seus dedos ou o roçar das suas mãos seriam suficientes para curar um doente terminal.

“Nada, absolutamente nada na face da terra é eterno”, frase banal e corriqueira que já perdeu sua originalidade há muito tempo, mas que não deixa de ser verdadeira, mesmo diante daquela outra que diz ser o amor eterno ou que um minuto de paixão dura toda a eternidade. E foi assim que o nosso amor começou a seguir o dito. Isabelle começava a ter surtos de ansiedade e angústia, que apareciam de forma aleatória. No começo, era somente depois dos nossos orgasmos múltiplos, ou na hora de se vestir para voltar à casa, depois não escolhia momento. Percebi que a causa era o marido. Toda vez que ela tentava falar sobre o assunto, engasgava, perdia a voz, tinha

falta de ar. Os olhos umedeciam, mas nunca chorou. Eu queria saber quem era o marido, ela nunca ousou dizer; era medo. Afinal descobri, e quem me contou foi o Bernardo. Descobri o que não queria, fiquei sabendo o que não devia, porém, mais cedo ou mais tarde teria de sabê-lo: a tragédia tinha sido anunciada desde o começo.

– Ricardo, eu tenho um assunto sério pra tratar com você. Vamos lá fora.

Caminhamos em silêncio até o Macdonald's da esquina, fatídica lanchonete. Lá, acompanhados de batata frita e coca cola, conversamos. Bernardo tinha um jeito especial de esconder os sentimentos, podia conversar coisas íntimas como se estivesse dando uma ordem de prisão, não se revelava e nem fraquejava sem saber como começar ou o que dizer. Ele foi direto e franco:

– Eu te disse que já tinha visto Isabelle, ontem a vi de novo e agora sei quem é.

Eu tremi, mas como fazer para pará-lo nesse momento? Como fazer para que não pronunciasse o nome e me deixasse na berlinda, me consumindo até o final? Minha garganta trançou o grito “para, não quero saber, não diga nada, por favor”, mas como dizer para ele que eu não queria terminar algo que já tinha seu final marcado? Não podia.

– Homem, ela é a esposa do Alfredão. Você não pode continuar com isto.

A esposa do Alfredão. Ele era conhecido como Alfredão, o matador, às vezes também como Alfredão, o carniceiro; o delegado chefe da nossa delegacia, o policial mais temido da cidade e um dos mais temidos do estado. Alfredão era extre-

mamente reservado com relação à família, e por esta razão eu nunca vira Isabelle com ele. Pouquíssimos policiais a viram, Bernardo foi um deles.

– Você já pensou no perigo que você corre, e ela também, se ele descobre o caso de vocês? Ele não terá o menor escrúpulo em matar ou até mesmo castrar você, Ricardo. Ele esconde a família, é claro que por medo de vingança de algum marginal, mas já me contaram do ciúme que sente da mulher. Eu acredito mais na segunda hipótese, como razão para esconder a mulher, ela realmente é bonita. Não acredito que alguém tivesse a coragem de tocar nela por vingança. Alfredão seria capaz de destruir uma favela inteira, ou matar toda a família, da longínqua à mais próxima, de quem tocasse nela. Você lembra como ele resolveu aquele caso de sequestro, não o que saiu na imprensa, o outro, que ninguém falou do assunto? Por isso o secretário de segurança gosta dele. Eu não acredito que ninguém, em sua consciência, teria coragem de ter um caso com a mulher dele.

Eu sei que é um chavão batido, mas “fiquei sabendo aquilo que mais temia”. Que poderia eu dizer ao Bernardo? Que foi um banho de água fria, que nossa paixão era insustentável, que não dava pra continuar, que o medo da morte é maior? Levantei-me, me despedi do amigo e caminhei para casa. Teria gostado, nesse momento, de ser um robô, do qual com uma chave de fenda se extrai os sentimentos e a memória, e então recomençaria a vida como se tivesse nascido naquele momento, fresquinho e contente, mas sou humano, e para nós não existe recomeço, somente continuação, memória e envelhecimento.

Nunca antes a vira com aquelas rugas na face denotan-

do uma dor impalpável, os olhos apagados e constantemente molhados de um pranto travado que desliza para dentro em lugar de explodir. Isabelle já não era a mesma, parecida, mas não a mesma. Eu tenho certeza que minha face também denotava o mesmo e que ela a descreveria da mesma forma. Nós sabíamos que este seria nosso último encontro, por mais surpreendente que possa parecer, não foi uma despedida rápida numa esquina agitada da cidade, foi na cama de um hotel escondido ao qual chegamos depois de várias peripécias para ter certeza de que não éramos seguidos.

Ela veio ao encontro sabendo que eu sabia quem era seu marido, disse que soube por telepatia ou pela famosa intuição feminina. Levamos para a nossa despedida uma garrafa do uísque escocês mais caro que havia, para garantir que seria uma despedida alegre. Até hoje não sei o que realmente aconteceu, porque depois de tanto tempo e de tantos anos não sei se foi assim que nos despedimos. Creio que eu queria que fosse assim, sonhei muitas vezes, dormindo ou desperto, e quase me convenci, mas a verdade foi outra.

Quando cheguei em casa, depois da conversa com Bernardo, estava demasiado agitado, não sabia o que fazer, bebi uísque para botar a cabeça no lugar e poder pensar um pouco; não consegui. De repente, saí de casa correndo, peguei meu carro e voo até a delegacia. Entrei esbaforido e sentei à minha mesa de trabalho. Neste momento o chefe passou por mim e me olhou, meu sangue gelou, aí soube o que era o medo da morte. Virei a cabeça para fora e vi Isabelle passando com uma amiga, as duas conversavam alegremente, virei de volta e vi o chefe entrando na sua sala; quando olhei para fora, ela já não

estava, corri para ver se ainda a encontrava, quando cheguei ao portão já havia desaparecido. Estava alucinando? Não sabia aonde ir, o que fazer, queria me esconder, sumir, então entrei no carro porque o carro era o único lugar onde me sentia só e protegido. Ainda sentia o olhar de Alfredão cravado na garganta. Ele sempre dizia que para matar alguém, a forma mais rápida e segura era atingir a garganta, pois ela é a conexão do cérebro com o corpo, e sem a conexão, nenhum dos dois funciona. Fiquei alguns minutos mirando fixamente para frente, sentia que qualquer movimento me denunciaria, finalmente relaxei, olhei para o lado e vi o pacote de biscoitos sobre o assento do carona, era um pacote grande e dentro havia um envelope no meio dos biscoitos que Isabelle mais gostava. Como este envelope chegou até meu carro, nunca saberei, cheguei a acreditar que fora trazido pela mesma cegonha que traz os bebês recém-nascidos. Durante anos li esta carta quase que diariamente e hoje não somente sei de cor como posso visualizar a caligrafia com todos os defeitos e deslizes. Consigo enxergar todos os momentos de indecisão quando Isabelle pensava no que e como dizer o que queria, inclusive as três vezes em que quase voltou atrás e rasgou a carta. O manuseio para a leitura fiz através de fotocópias, porque o original guardei para poder cheirar Isabelle, já que seu odor ficou impregnado no papel, isso eu acredito piamente, mesmo que Bernardo ria de mim.

“Meu mais do que querido Ricardo. É difícil dizer que amo tanto você e mesmo assim dizer adeus. Eu acreditava que jamais poderia fazê-lo, nunca pensei que chegasse a ter força para me separar de você, por isso nunca consegui contar quem era meu marido, no final perdi as forças e também quase toda a esperança. A minha filha é quem me mantém de pé. Eu sei que

você já deve saber que sou esposa do Alfredo, este que vocês na polícia conhecem por Alfredão; o Bernardo deve ter contado, vi sua cara de surpresa quando, por acaso, me viu com ele. O Bernardo é um dos pouquíssimos policiais que já me viram com meu marido. Alfredo sempre separou as suas duas vidas e também as suas duas personalidades, eu só soube da carreira dele como policial muitos anos depois de estarmos casados, e mesmo assim por acaso, ele nunca quis falar do assunto e nunca confirmou nada; eu pensava que ele era um burocrata de carreira na Secretaria de Segurança Pública.

Não quero falar muito dele, comigo ele sempre foi decente e ameno, e minha vida de casada não foi nem muito feliz nem muito infeliz. Também nunca tive caso com ninguém até lhe encontrar. Não sabia o que era a paixão, e também não sabia do ciúme que ele tem de mim, percebi que ele seria capaz de torturar e matar você se descobrisse o que se passava entre nós dois. Como gostaria de estar com você, no desespero cheguei a querer que morrêssemos juntos, mas não posso, o medo da morte é maior. Queria me separar do Alfredo, mas sei que nunca me deixaria viver em paz, nunca mais me deixaria ver a Gabriela. Você deve ter notado o medo estampado no meu rosto quando nos encontrávamos, cada vez mais furtivamente.

Meu Deus, não consigo parar de chorar, as pessoas que passeiam pelo parque me olham cheias de pena que não mereço, pois tenho a felicidade de ter sentido, pelo menos uma vez na vida, o fogaréu da paixão.

Agora vou viver nos sonhos e de sonhos. Vou sonhar, sempre que possa, todos os nossos encontros, as minúcias das nossas carícias, cada detalhe, cada fio de cabelo, cada fiapo de

saliva que trocamos nos beijos. Tenho você dentro de mim. Não me esqueça porque eu nunca o esquecerei.

Izabelle”

A única coisa que pude fazer foi ligar o carro e sair de lá, dirigir a esmo. Fui aumentando a velocidade quase sem perceber, estava numa avenida importante e as ruas laterais apareciam e sumiam como se fossem um letreiro luminoso. Foi a única vez na minha vida que não me importei com a morte, mas ela não aconteceu; cheguei ao final da cidade e peguei uma estrada de terra que serpenteava pelas montanhas. Parei na última curva com o carro deslizando para o abismo, consegui pegar o saco de biscoitos e saltar para fora no último minuto. Foi uma cena de filme americano: o carro rodopiando para baixo até se incendiar e explodir e eu de pé, na beira, olhando a cena; só faltou o rosto vitorioso do canastrão e a música indicando o final feliz. Passei dois dias perambulando pelo mato, comendo os biscoitos e lendo a carta.

O tiro aconteceu alguns anos depois, eu já tinha largado a polícia, consegui me aposentar precocemente porque passei a ter lapsos de memória que me impediam o cumprimento do dever. Não foi muito grave, Alfredão, porém, deu uma mãozinha: ele era bom com os subalternos. Mas, como dizia, eu caminhava a esmo como me acostumei desde os dias da montanha, me deixando levar pelos pensamentos e caí numa favela bem no meio de um tiroteio, e uma bala cravou bem em cima da espinha.



O INFERNO DE HIERONIMUS BOSCH

E stávamos os dois sentados à mesa de um bar, olhando-nos os olhos, cada um tendo à sua frente um copo de cerveja e, ao lado, um copo vazio de uísque onde somente sobrara um pouco do gelo que tristemente se derretia com o calor. Beberiquei um pouco da cerveja enquanto esperava que ele terminasse sua gesticulação pensativa, a cabeça apoiada na mão esquerda com o queixo perfeitamente ajustado entre os dedos polegar e indicador. Sua mão direita acariciava o copo de uísque sacudindo levemente o que sobrara do gelo. De repente levantou a cabeça, olhou para mim risonho, e disse:

– É, meu filho, um homem, quando envelhece, tem três opções: ou se afoga numa mulher mais jovem, ou se afoga no trabalho ou se afoga na bebida. Se não conseguir nenhuma das três, ele definha e morre.

Neste momento, arregalou os olhos e, contraindo os lábios para enfatizar o *gran finale* do pensamento, prosseguiu:

– Isto, é claro, um homem que tem o mínimo de sensibilidade.

Este era o meu tio, forte e valente, pelo menos era o que indicava o seu bigode polpudo de cor laranja clara. Seu rosto era gordo e macilento, usava óculos de armação e lentes grossas apoiados solidamente num nariz adunco típico dos judeus, e os olhos, apesar da ferocidade dos discursos inflamados, tinham uma expressão terna e sensível.

Seu corpo era gordo e decaído devido à idade, tinha as mãos grossas com palmas tão finas de quem jamais, como ele se orgulhava de dizer, fizera qualquer trabalho manual na vida, além de segurar a escova de dentes ou a toalha para se enxugar. Um dia chegou a dizer, olhando de soslaio e sorrindo de uma forma ladina, que tentou convencer a esposa a secá-lo depois do banho. Ela, porém, se recusou a fazê-lo todos os dias como ele queria, mas fazia-o ocasionalmente, quando estava de muito bom humor. Os dedos eram gordos e as unhas bem cuidadas; para ele, homens com unhas bem cuidadas e pintadas com esmalte transparente deixavam transluzir um refinamento do qual se orgulhava. Também dizia que depois que se entendeu por gente, nunca mais fez a barba em casa, somente no barbeiro. Bebia como uma pessoa com o dobro do seu tamanho e largura, o que o levava muitas vezes a porres homéricos. Sempre me pareceu que a bebida era um reflexo da sua extrema sensibilidade para a pintura, da qual era um grande estudioso e entendido, amigo e incentivador de todos os pintores talentosos da cidade. Eu, porém, tinha a impressão de que nos últimos anos ele se afogava na bebida porque não conseguira se afogar numa mulher mais jovem.

Nosso ponto de encontro era invariavelmente a sua cadeira, sua mesa, servida pelo seu garçom, ao qual ele se referia sorratamente, para ninguém escutar, como um homem tão comum que até a própria mãe tinha dificuldade de reconhecê-lo. Para ele, somente nós não éramos comuns no bar situado na entrada do edifício Maleta, um dos centros da boemia da cidade. Nesta época ele já sofria de graves problemas cardíacos e também uma forte pressão do médico e dos parentes para parar de fumar e beber. Nunca acedeu, e, um dia, já parecendo flutuar nos vapores etílicos, desabafou:

– O que eles querem de mim? Me dizem constantemente para parar de fumar e beber, querem é me matar mais rápido. Desde quando vodka russa legítima faz mal, desde quando uísque doze anos faz mal, e o soberbamente destilado aguardente iugoslavo? São os melhores alimentos da alma. E quem vive sem alma? Me diga qual é o ser humano que vive sem alma, alguns têm o corpo humano, mas não são seres humanos. E quanto ao cigarro, quem consegue falar mal do aroma, do sabor, da delícia que é uma tragada num Hollywood, com filtro, é claro? Que não me venham com isto de parar de beber e fumar.

Tomou um longo trago do seu uísque doze anos com gelo e soltou a fumaça como se fosse uma brisa empurrando docemente o veleiro pelo mar afora. De repente se trancou, começou a aspirar sofregamente o ar em volta, fazendo gestos como se estivesse juntando com as mãos todo o ar ao redor, a fim de arremetê-lo para dentro da goela. Seu rosto inchava e se avermelhava parecendo um triste sol com medo de nascer. Começou a tossir e a balbuciar. Pulei da cadeira quase jogando a mesa pelos ares, com meu jeito desastrado de ser, corri para ele

gritando desesperado pelo temor de perdê-lo e o sacudi. Ele conseguiu dominar o diafragma que vibrava brutalmente para encher os pulmões de ar, e pôs-se a arfar lentamente, apoiando-se fortemente à mesa, parecendo que iria parti-la com uma cabeçada. Arquejando, foi pouco a pouco dominando o ar que aspirava, até poder falar. Estava visivelmente emocionado, e seu tom de voz beirava o delírio.

– Eu a vi. Ela estava bem aí em frente, parada, flutuando levemente. Vestia uma levíssima túnica quase transparente e estava nua por dentro. Era linda, maravilhosa, diáfana, e não pretendia agradar a nenhuma raça em especial. Ria de mim, debochava de mim e me chamava de velho debiloide. Era a morte, a minha morte, a morte que sempre busquei.

Eu podia sentir seu coração palpitando, o peito vibrando como o som de um bumbo, e ele parecia se desvanecer com o jeito típico das mulheres casadoiras do interior assistindo pela televisão a uma novela mexicana. Apesar do susto e da tenra idade, não pude deixar de rir. Sabia que ele tinha um fraco por novelas. Agora me parece natural que o que mais queria era se afogar numa mulher mais jovem, mas, naquela época, eu apenas saía dos dezoito anos e me deslumbrava com esse tio e seu mundo recheado de contradições tão humanas. Me parecia muito mais poético seguir fielmente casado com a tia e morrer afogado numa banheira de uísque escocês. Tentava acompanhá-lo na bebida e algumas vezes ele teve de me jogar num táxi e me levar para casa completamente derrotado pelo soberbo destilado iugoslavo ou pela magnífica vodka russa. Ele, porém, realmente estava perto da morte. Dois dias depois do delírio, sentiu-se mal, com falta de ar e dores no pei-

to. Quando disse ao médico, chamado às pressas, que aquilo eram simples palpitações de um coração apaixonado, o outro ficou sério e disse que paixonites de adolescente não apareciam como marcas de lesões no eletrocardiograma. Meu tio não se deixou abalar: desde quando o cigarro, dos bons, ou o inigualável destilado, desde quando eles fazem mal?

No outro dia recebeu, na sua livraria, a mais sofisticada da cidade, a única que vendia os mais belos volumes de livros de arte com reproduções caríssimas e também a menos rentável de todas as livrarias, a última e mais bela edição dos quadros de Hieronimus Bosch. Havia custado caríssimo, e ele não parecia disposto a vendê-la. Passou dias olhando e estudando os painéis ali reproduzidos e, quando nos encontrávamos, fazia leves referências a alguns dos quadros. A exaltação mística do pintor, junto com seus crus retratos dos pecados venais e sexuais dos seres humanos e seu soturno colorido flamengo, deliciavam a sensibilidade e a moralidade do meu tio. Um quadro, porém, passou a dominar-lhe a atenção, e da forma vaga como a ele se referia, pude intuir que era algo ligado ao inferno. Para alguém que caminhava ligeiro para o encontro com a morte, e começava a se vangloriar de que, para ele, ela viria travestida de uma linda e sensual mulher e o levaria embora envolto na sua mortalha de lascívia e concupiscência, o inferno passava a adquirir contornos sumamente materiais.

Seus delírios mais exaltados aconteceram justamente um dia antes do fim, e parecia perto de entrar em êxtase, ou melhor, num *delirium tremens* de tanta bebida alcoólica ingerida. Quando cheguei à nossa mesa, vi o nosso garçom olhando ressabiado desde o balcão. Quando pedi uma bebida, ele,

ao servir, indicou com o dedo, fazendo um sinal que deixou seu rosto todo torcido, querendo dizer que meu tio já bebera bastante, e que, demorando para perceber a minha presença, me fitava com um olhar perdido como se visse algo através do meu corpo. Assim que percebeu que eu ali estava, seus olhos azuis, aumentados de tamanho pelas grossas lentes, adquiriram um fulgor como se estivessem a absorver toda a luz que nos rodeava, seu rosto enrubesceu e sorriu como para me dizer que fazia tempo já me esperava. Pedi uma cerveja e fizemos um brinde. Ele olhou para cima, sorveu um gole e, assim que voltou o rosto, começou a falar:

– Faça um brinde a ela, ela que está em todos os lugares.

– Ela quem? De quem você está falando, tio, daquela beleza de seios róseos e traseiro fofo que vem te buscar? perguntei sarcasticamente, enquanto balançava o copo de cerveja segurando-o pela borda e esboçava uma careta de quem finge acreditar no que falou.

– Isso mesmo.

Ele respondeu seriamente, como se a minha pergunta fosse direta e ingênua. Falou olhando para o copo de uísque, cujo gelo parecia refletir tanto a luz como os ruídos da cidade em pleno movimento. Assim, continuou:

– Brindo a ela que está por aí me espreitando e me desejando, a ela que vai me tirar de todos os dissabores terrenos para nos divertirmos e nos desejarmos, mesmo que seja no inferno.

Tomou de uma só vez todo o conteúdo do copo, separando os cubos de gelo com os lábios para poder sorver somente o puro uísque. Nesse momento lembrou-se do quadro de Hie-

ronimus Bosch, e começou a explicá-lo nos seus mínimos detalhes, como se fosse o último elo com algo que o mantivesse vivo. Olhou para cima, tamborilou os dedos na mesa, moveu a cadeira para trás como se necessitasse de mais espaço para poder respirar. Um arrepio de inquietude perpassou por mim.

– Aquele quadro foi pintado há mais de quinhentos anos e me parece mais atual do que muitos outros que vejo por aí. São três tábuas pintadas, a central, que é a maior, e as duas laterais, que se fecham sobre ela. Esta maior é chamada de Jardim dos Prazeres Terrenos, e a da esquerda é o Paraíso. As duas são claras, dominadas pelo tom verde. O paraíso reflete a visão cristã do que ele deveria ser. A central é o que diz o título, casais copulando livremente, espalhados em parques rodeados de um frescor verde das árvores e uma naturalidade difícil de se encontrar atualmente. A melhor de todas é a tábua da direita, cujo título é Inferno, o famoso Inferno de Hieronimus Bosch. Aí fervilha o submundo da psique humana, o tom é vermelho escuro, sombrio, as figuras retorcidas, duas orelhas apertadas de encontro a uma lâmina de faca, um símbolo fálico que perfura o estômago, um homem apoiado nos dois braços faltando a metade abaixo do umbigo, as vísceras arrancadas, e nem por isto deixa de sorrir. Outro homem, assaltado sexualmente por um porco, e, no sopé do quadro, um homem dorme languidamente, a mão esquerda trespassada por um punhal; quem será? No alto, as cores passam para um cinza lúgubre e, na cúspide, um jato ralo de luz ilumina um objeto desconhecido. Talvez a porta de entrada, porque a saída não existe. Aí está o nosso inferno, não tenho medo de nenhum outro.

E então repetiu, gritando:

– Nenhum outro!

Logo soçobrou, dobrando-se sobre a mesa. Levantei-me e corri antes que caísse no chão. Busquei os olhos do garçom e o mirei mostrando com uma careta que concordava sobre a quantidade de álcool ingerido pelo tio. Ele veio correndo e me ajudou a aprumar seu corpo inerte que respirava com dificuldade e cujo coração, sem forças, relutava em continuar batendo. Um rapaz parou um táxi e, arrastando os noventa quilos flácidos que se espalhavam pelos nossos braços junto com um eflúvio de palavras melosas e sem nexos que dele brotavam e morriam, conseguimos pô-lo no carro e levei-o para casa, exatamente como algumas vezes ele fez comigo.

Não sei como fiz para arrastá-lo até sua cama e deixá-lo em meio a seus devaneios e seu último caso amoroso com aquela que seria sua parceira pelo resto da eternidade, mas assim foi feito e, de lá, saí de mansinho para não enfrentar a dor da minha tia que pressentia, em seu choro convulsivo, o luto prematuro. Foi a última vez que o vi com vida.

Passsei a noite dilacerado entre sonhos de mulheres coloridas e lindas, que preenchiavam meus anseios de macho recém-saído da adolescência, e a consciência do meu tio morrendo, lutando para manter os desejos do macho no final de carreira, mesmo que seja na morte. Um mundo ruía e o outro tomava seu lugar, meu tio representava para mim muito mais do que sua pessoa, seus gestos e sua cultura, até hoje não sei direito como defini-lo. No outro dia passei, exasperada e sofregamente, pelos afazeres diários, ansiando para correr para aquele mundo de bebida e arte, no qual antevia sua queda final, mas quando cheguei não o encontrei à mesa. O garçom me olhou tristonho e, numa

voz acabrunhada, disse que meu tio lá esteve mais cedo, não bebeu, mas fumou sem parar, e saiu mais cedo também, com o olhar vago e deixou-lhe uma gorjeta maior do que o seu salário mensal. Não me esperou. Naquela hora fiquei desesperado e saí correndo ao seu encontro, mas hoje compreendo que o que ele queria era ir sozinho, não queria que seu ato final de amor fosse compartilhado com ninguém além dela, porém, também sei que isto é pura fantasia das minhas saudades, pois ele se foi caminhando e ninguém sabe exatamente por quê.

Dobrei rapidamente a rua da Bahia que levava diretamente à sua casa e segui a passos ligeiros. A tarde emanava seus últimos fulgores e as imagens das pessoas começavam a perder o brilho de realidade. Fui tomado por uma ansiedade tão grande que sentia faltar, aos poucos, o controle dos meus movimentos; eu não queria perder o meu tio. De repente, já meio desesperado no lusco-fusco da noite que se aproximava, vi, do outro lado da rua, uma imagem que me chamou a atenção. Esfreguei os olhos, era uma pessoa fortemente agarrada a um poste enquanto um cachorro, displicentemente, urinava nas suas pernas, inundando os sapatos com o líquido amarelo e mau cheiroso. Ao acercar-me, estaquei paralisado. Vi meu tio, já frio e endurecido, com os óculos partidos devido à força com que se agarrava ao poste. O cachorro fugiu ao perceber minha aproximação e nos deixou a sós; eu, meu tio e a urina fedorenta que tentava dar um tom de lirismo retorcido à cena. Quando consegui visualizar melhor, vi uma lágrima pregada no canto dos olhos arregalados que fitavam o poste inutilmente, e eu nunca soube dizer se ela lá estava pela alegria de ser levado pela linda e diáfana donzela, ou pela extrema tristeza de perceber que quem o levava era a mesma caveira encapuzada, segurando a foice, que carregava todas as pessoas comuns, na sua mortalha, para o mesmo destino.



A MEIA MORTE DE CHICO CEGO

Chico Cego viveu meia vida e meia morte, só foi inteiro quando morreu. Por isso mesmo durante toda sua meia vida conheceu a morte.

– Amanhã, morro.

Onofre e Herculano riram:

– Mas, como, Chico Cego?, disseram em uníssono.

– Não acordo mais, ou acordo morto. Acaba minha meia vida, já conheço bem o escuro.

A palavra escuro tinha um significado metafórico para ele, fora da realidade, pelo simples fato de que nascera cego e, sem nunca saber o que era luz, não tinha como comparar. Escuro para ele era um nome que tanto podia ser branco, colorido ou até luminoso. Durante a vida, em sonhos ou em grandes bebedeiras, brilhos espocaram pela sua mente, mas ele não tinha como descrever para si mesmo aquelas coisas na cabeça,

por lhe faltarem as comparações, que na mente de uma pessoa não cega são corriqueiras. Seu mundo era tátil e sonoro, luz para ele era algo etéreo descrito por mera formalidade, por meio daqueles dois sentidos. Luz, cores, brilhos eram palavras sem sentido, usadas somente para melhor se comunicar com as pessoas “normais” do mundo.

Onofre e Herculano eram seus parceiros de bar, sempre bebendo e sempre conversando. Eles falavam do mundo da luz, das mulheres bonitas, o que Chico Cego entendia com as mãos. O que era uma mulher bonita?, ele perguntou uma vez. Os amigos se olharam entre risos. Mulher bonita tinha um corpo bem feito, um sorriso com dentinhos alvos, olhar distraído de donzela e rebojava ao andar. Como fazia Chico Cego para entender estas coisas com as mãos? Teria de tocar o traseiro de algumas e ir apalpando enquanto ela andava. Chico Cego então tocou o seu próprio e mexeu.

– Ah! Então isto é uma mulher bonita!

Uma vez perguntou à mãe, quando ainda criança, o que era a morte.

– A morte é a escuridão total.

– Mas mãe, você me disse que o cego vive na escuridão porque não enxerga. Então eu estou morto.

– Não, meu filho, você tá vivo, é que você é cego.

Chico Cego não entendeu e desde então viveu convencido de que estava morto, ou melhor, meio morto. Hoje, sentiu, lá no fundo, que amanhã seria morto inteiro, deixaria a metade viva de lado. Para ele seria um ato normal, sem muitas consequências. Como foi que sentiu, não sabe explicar. Sentiu.

Talvez, depois de beber alguns goles de uma cachaça, da boa, pudesse encontrar as palavras. Chico Cego sempre gostou dos goles, a cachaça fazia aparecer coisas na sua cabeça, seria isto luz? Os amigos descreviam coisas como chispas brancas, algo dourado como o sol, mas sol para ele era somente um calor que queimava a cabeça e ardia as costas. Ele chamava isto de coisas, não conseguia encontrar outras palavras e por isto continuaram coisas. Eram as coisas desconhecidas que apareciam na cabeça, depois dos goles.

– Chico, o que eu quero saber é: como você vai morrer? Você vai se matar, vai se jogar em cima de uma faca ou na frente do trem, ou então vai tomar veneno? Pois é, como? Ninguém morre só porque quer, ainda mais com uma saúde de ferro como a sua.

Herculano perguntou, enquanto coçava o cabelo ralo e mordida um dedo num tique nervoso. Os dois amigos se olharam, Chico Cego sentiu os olhares e sorriu. Como ele podia sentir olhares sendo cego? Dizia ele que isto era a visão do cego.

– Eu não sei como vai morrer o resto que me falta, disse ele, quem sabe um carro passa por cima de mim, ou um avião cai em cima de mim, mas não precisa muito, só falta um pedacinho. Quem sabe encontro a Francisca? A desgraçada me deixou, a mulher mais bonita do mundo. Um dia ela disse que me olhou nos olhos e perdeu a vontade de homem. O que é isso, “olhar nos olhos”? Eu não tenho olho, tenho uma coisa na cara, mas não enxergo, então não tenho olho. Será que ela morreu? Quem perde a vontade morre. Eu não perdi a vontade, mas, mesmo assim, vou morrer. E eu acho que, morto, encontro ela.

Onofre e Herculano se lembraram da Francisca. Foram

eles que a apresentaram a Chico Cego, era a mulher mais feia da cidade, tinha o rosto torcido, gordíssima, falava pelos cotovelos, condenada a viver sozinha. Chico Cego a conheceu com as mãos, apalpou, correu por todos os cantos e recantos e assim foi definindo seu conceito de mulher bonita. Quando terminou, registrou na mente o que seria a mulher mais bonita do mundo. Os dois amigos também sabiam que Francisca não aguentou a forma de Chico Cego olhar para ela com as mãos, ele a tocava tanto, rebuscava por todos os seus recônditos, não parava, dizia que estava olhando, desfrutando da sua beleza. Assim eu enlouqueço, desabafou ela um dia. No outro, foi embora.

No dia seguinte ao anúncio, Chico Cego morreu. Foi atingido por um raio num dia de sol. Ninguém sabe como. Parece que havia uma nuvem esperando por ele na curva da estrada. Pouco antes de chegar em casa, ela avisou com dois trovões e, logo após, descarregou um tiro certo bem na cabeça. Disseram que, antes de morrer, ele gritou: luz!! Os amigos comentaram que neste segundo antes da morte, enquanto o raio penetrava pelo crânio adentro, ele viu. Eles então levantaram os copos de cerveja e fizeram um brinde ao amigo que, finalmente, conheceu a luz.



APRENDENDO A CASAR

Assim que o Dr. Ivan entrou no escritório, escutou o chamado do meu telefonema. Eu sabia a hora em que ele chegava e fui chamando sem parar, até que ele atendeu. Eu estava com os nervos em pandarecos, chorava e falava ao mesmo tempo, praticamente babando as palavras. Meu casamento terminara nesta madrugada e queria marcar uma consulta para este mesmo dia.

– Acalme-se, David, ele disse, acalme-se que o mundo não acaba com o fim de um casamento.

– Não com o fim do seu casamento, mas se o mundo não acaba, a Olga acaba comigo, o que dá no mesmo.

Foi só o que consegui responder.

Passei a noite toda sem dormir, tentando entender o que se passava na cabeça daquela mulher e desliguei o telefone no momento em que ela começava a quebrar pratos e virar as cadei-

ras clamando a Deus e ao diabo que me fizessem sumir da face da terra. Sumi sem levar nada. A cena parecia a de filme americano, aquelas clássicas brigas de casais que juntavam o extremo do drama com uma comédia dos anos trinta. Quando cheguei à rua, o sol despontava por cima dos prédios mais altos trazendo consigo a benfazeja luz do dia, enterrando de vez os paradoxos e as alucinações noturnas. Distante estava aquela que neste momento já era minha ex-mulher, e não queria vê-la nunca mais.

Quando a conheci fiquei extasiado, um corpo alto e esguio, dedos longos e lisos, vestida com o rigor de uma gerente de recursos humanos de grande empresa: sapatos de salto baixo, meias de seda, saia justa de cor verde que descia quase até os joelhos, blusa branca de manga comprida coberta por um colete também verde. Estava muito bem maquiada, sem, no entanto, passar dos limites da boa apresentação. Seus olhos faiscavam ajudados pelo colorido levemente esverdeado do rímel, seus cabelos eram escuros, cacheados e bem cuidados. O nariz levemente pontudo era arrebitado, dando-lhe um ar de superioridade; o rosto, porém, era anguloso, com orelhas pequenas. Uma vez li que homens deveriam ter cuidado com mulheres de rosto anguloso. Naquele momento, porém, a única ambição da minha vida era levá-la para a cama e compartilhar uma noite de luxúria, nada mais.

Na cama, Olga era o máximo: gemia, gritava, borbuhlava, sonhava, gania, arranhava, apertava, era ao mesmo tempo uma baleia e uma gazela, um elefante e uma fada, e foi por isso que aguentei tanto tempo; um ano com Olga é uma eternidade. Mas era justamente ali que começavam os problemas; ela não se satisfazia e não havia Dr. Ivan que a fizesse terminar

um orgasmo, por conseguinte advinham as dores de cabeça e um mau humor mais feroz do que leão morrendo de fome, e quem era o culpado? Não sei como consegui, desde o princípio do nosso casamento, acalmá-la em sua fúria. Na verdade, creio que nunca realmente a acalmei; simplesmente tive paciência, um ano de paciência em troca de uma lascívia sem par. Isto, porém, era o mesmo que o uso contínuo de cocaína, depois de certo tempo ou a pessoa para, ou morre. Durante todo o ano aguentei o tormento de duas formas, ou explodia e saía batendo a porta, ou me sentava em frente à televisão, inerte como uma árvore num dia de calmaria. Disso o Dr. Ivan é testemunha. Não sei quanto dinheiro despejei no seu bolso, para que escutasse minhas lamúrias, mas tenho certeza de que foi muito. O Dr. Ivan é testemunha do esforço sobre-humano que fiz para salvar este segundo casamento. Na lua de mel, a primeira vez que ficamos um tempo maior juntos, notei seus males, sua forma de ser, lacônica que nem uma estátua, nervosa que nem um vulcão prestes a explodir. Aos poucos, começava a falar, o vulcão soltando suas primeiras chamas, e logo, como uma represa desabando depois de um dilúvio, falava até dormir. Era o tormento que se iniciava, lentamente, como as nuvens ralas pressagiando uma seca prolongada. Quando chegamos em casa, depois de uma semana de sexo orgástico no qual Olga, como sempre, não se satisfez, eu tinha sede, e fui até a geladeira me servir de um copo de coca cola, que bebi com sofreguidão, para logo em seguida arrotar. Algo tão simples e comum como o próprio ato de pensar, e o que aconteceu foi como se, de repente, a cachoeira das Sete Quedas desabasse o seu turbilhão dentro do nosso apartamento. Neste turbilhão de palavras fui descrito como a pessoa mais sem educação e des-

respeitosa do planeta e, existindo vida inteligente em outras galáxias, de todo o universo. Desde então, eu tentei, mas aos poucos percebi que havia casado com uma megera, e ela, pelo que dizia, casara-se com um “megero”.

Quando cheguei ao consultório do psicanalista, meu estado nervoso se agravara como um arbusto que se dobra sob um grande peso. Caía na melancolia, perdendo pouco a pouco a vontade de viver. O Dr. Ivan não deu chance, queria, logo no começo, me castigar, e suas palavras caíram como um chicote:

– David, você tem de se impor a estes estados melancólicos, o seu ego está por demais exposto e ferido, e um ego falho, que não se afirma, que uma mulher qualquer deixa impotente, está em perigo.

Se ele queria me chocar a ponto de fazer-me sair da tristeza que ameaçava me devorar, consegui; repliquei com uma veemência que o assustou, a ponto de fazer com que empertigasse o corpanzil balofo e escondesse sua cara redonda, toda marcada pelas espinhas da juventude. Os olhos saltaram para fora com o espanto.

– Ego falho, doutor Ivan! Mulher qualquer! A Olga, num harém de trezentas concubinas de um *sheik* da Arábia Saudita, seria capaz de forçá-lo a se desfazer das outras duzentas e noventa e nove mulheres e depois suicidar-se, praticando o *harakiri* japonês. Ela acabou com a minha vida. Você, Dr. Ivan, escute e veja o meu sofrimento, olhe bem as minhas olheiras, a tristeza que carrego nos olhos, nem sei mais o que dizer.

Meus olhos se encheram de lágrimas e quase caí no choro, engoli o soluço comprimindo a glote e fiquei mirando o

vazio como um louco que esquecera quem era e onde estava.

O Dr. Ivan era freudiano conservador, e meu comportamento dominado pelo sexo se tornara uma iguaria para sua terapia e seu gosto pelo discurso carregado de metáforas. Várias vezes passou da hora no final da nossa sessão, tentando explicar meus sonhos escabrosos recheados de mulheres, anjos e capetas, todos nus, bebendo à saúde do deus Baco. Dr. Ivan me acompanhara desde os tempos de viúvo jovem até o final tempestuoso do meu segundo casamento. Eu, naquela época, já não sabia viver só, necessitava o triângulo: eu, a mulher e o psicanalista. Neste momento, porém, acabava de perder a mulher e sobrava o Dr. Ivan, o apologista de Freud, nesta hora muito mais aceitável do que Olga.

Ficamos alguns longos minutos em silêncio. Ele, possivelmente, me estudando com seu olhar de cão raivoso, e eu preso num emaranhado de palavras soltas sem nexos, mas profundamente melancólicas. De repente, resolveu que chegara a hora de me insultar, para me pegar pelo lado emocional.

– Eu ainda acho que você não foi homem suficiente para a Olga.

Falou com um tom de escárnio e zombaria e acertou no alvo. Eu quase saltei do divã, pronto para agarrá-lo pelo pescoço até estourar e ver aquele corpanzil balofo desinchar como um balão furado e se transformar num monte de ossos ligados entre si por pura pelanca, mas na verdade fui mais comedido e respondi com todas as forças que me restavam.

– Para Olga, doutor, não há homem que baste. Aguentá-la, só mesmo alguém de aço inoxidável com tripla blindagem,

pois de ferro comum ela o enferrujaria com suas lágrimas, mais salgadas que o mar Morto e mais corrosivas do que ácido sulfúrico; e com seus dentes, mais duros que os de tubarão, ela rasgaria a armadura em um só de seus ataques. O exército de Gêngis Khan, na comemoração de sua maior vitória, não seria suficiente para satisfazê-la. Além de tudo, doutor, com a Lu não tive problemas.

– É claro, ela morreu antes que eles ocorressem. E não foi de desgosto, foi?

– Não, foi de câncer, no útero.

A Lu adorava sexo. Podia ser de manhã, de tarde, de noite, ou madrugada afora. Qualquer hora e qualquer lugar serviam, podia ser em cima ou embaixo da mesa, escondido no jardim ou no banheiro, mesmo que fosse público, conhecia o *kama-sutra* de cor e praticava ioga somente para fazer, como mandava o figurino, todas as posições.

Seu corpo era moreno escuro, pequeno e arredondado, o torneiro que a moldou deve ter tido uma crise de soluços na hora de tornear os seios, pois os fez grandes e volumosos, capazes de alimentar sêxtuplos; eram os centros de gravidade e de sensualidade do seu corpo. Sempre usava tranças, várias delas, finas e muito bem feitas; dizia, de si mesma, ser a encarnação da mulher no mais puro pensamento de Deus quando criou Eva.

Depois de me lembrar daquela mulher, dos seus dotes, continuei:

– Descobri seus dois amantes no enterro. Depois de morta, quem liga! Fomos, os três, do cemitério para um boteco, ali mesmo, pertinho de onde ficara seu corpo, e saímos de lá na alta madrugada, abraçados, cantando odes dignas de

Ricardo Reis, àqueles seios de deusa, púbis insaciável que esfriava e acalmava nosso ardor de machos. Quando despertei, de tarde, naquele dia, depois de curada a ressaca, me lembrei que eu fui o casado, o que sempre pagava as contas; chorei em silêncio minha dor de corno. Safada!

– Aí está claro - ele retrucou com ar sarcástico - o que sempre pensei, de corno involuntário a corno subalterno. Este é o seu caminho de vida.

– É claro, respondi com raiva, agora só falta desmunhecar para chegar ao destino.

O Dr. Ivan conseguiu o que queria, tirou meu enjoo do subconsciente e o fez ser vomitado no consciente. Assim, ele achava que fazia jus ao soldo que eu lhe pagava. No entanto, ele tinha razão, as minhas duas mulheres acabaram comigo, e por quê? A Lu, pelo menos, escondia suas safadezas e me fazia sentir seu único e adorado homem; a Olga, quando perdia a cabeça, não tinha freio na língua e nem nas mãos, para depois, choramingando como uma criança, tentar fazer de mim o seu boneco. Nunca mais a vi, não possuíamos nada em comum para dividir e o apartamento em que vivíamos pertencia a ela. Para mim, como a Lu, Olga morrera também.

Eu fora despedaçado, sentia-me, naquele momento, o mais infeliz dos homens, perdera as mulheres e com isso a razão de viver. Tinha a sensação de haver perdido as calças em público e de ficar olhando a multidão, atônito, tapando as partes com as mãos, sem conseguir dar um passo sequer para sair do lugar. O Dr. Ivan percebeu o que se passava em mim e começou o processo de reconstrução, fazia parte do seu jogo psicanalítico. Falou alto e de forma severa, mas num tom paternal que tinha o

intuito de me empurrar e ao mesmo tempo amparar a queda.

– David Klapovitch, chegou a hora da mudança. Abandone a casa, queime tudo o que ela contém. Você chegou ao fundo do poço, a partir daí, nada pior pode acontecer.

Respondi com firmeza, mas sabia que estava vencido:

– Dr. Ivan, seu poço não tem fundo, esta é a segunda vez que chego ao fundo e continuo afundando.

– Aí está, David, sua imaginação, você sonha ou imagina coisas, ao fundo do poço só chegamos uma vez. Erga-se!

Ergui-me e fui-me. Terminara minha hora, e o doutor não gostava de oferecer tempo de graça. Minha situação financeira estava caótica, por esta razão tirei férias do divã.

Nesta mesma tarde fui à universidade onde meu emprego balançava na corda bamba, para descobrir que a monografia, resultado das minhas pesquisas de pós-doutorado, fora aceita para ser publicada no jornal científico de maior prestígio; ofereciam-me uma cátedra. Uma aluna veio me cumprimentar e convidei-a para sair, ela piscou lascivamente e aceitou.



O FIM DO MUNDO

Hoje é um dia bonito. Nuvens esparsas emprestam certo movimento ao céu, fazendo-o parecer um quadro nervoso e ambíguo; formas angelicais se transformam em monstros que, por sua vez, se desfazem em animazinhos dóceis. O sol reina imponente, pois sabe que nunca vai perecer e, depois que eu me vá, será a testemunha solitária do fim da espécie humana sobre a terra. Ainda não sou o único remanescente, mas em breve serei. Outras espécies duraram muito mais tempo, e nós, possuidores de um cérebro gigante, nos julgávamos imperecíveis como raça. Quanto orgulho jogado às traças. As traças provavelmente vão remanescer, tomara que não se embrulhem em nosso orgulho. Também não faço ideia do porquê de estar a escrever este documento, se dentro em pouco não haverá ninguém para lê-lo. Creio que nós, os humanos, temos necessidade de acreditar num futuro, numa linhagem que virá depois, algo que, mesmo etéreo, dá sentido a nossa existência, e mesmo sabendo de sua completa im-

possibilidade, não posso superá-la.

Há mais ou menos trezentos anos, alguns cientistas vislumbraram a possibilidade de usar as propriedades dos elétrons e prótons, além das conhecidas propriedades elétricas, para fins computacionais, e geraram o que viria a se chamar computação quântica. O período de gestação foi longo se compararmos com o nosso, o dos humanos, no entanto não o foi em termos de desenvolvimento científico. Ao fim de cinquenta anos, depois de passar por vários partos prematuros, nasceram as primeiras máquinas possuidoras de uma velocidade computacional inimaginável para a época. Pensou-se tanto em libertação total do trabalho físico como no juízo final, na época estavam os dois errados, talvez nem tanto. Ainda não fora desta vez. Não fora porque a velocidade que se acreditava inimaginável ainda não era suficiente. Suficiente para quê?, perguntarão os mais afoitos.

A questão é que a primeira grande ideia que surgiu nas mentes mais criativas dos nossos cientistas da época foi: será que, com esta velocidade computacional, chegaremos ao tão sonhado teletransporte? Teletransporte já se havia transformado em lugar comum nas histórias de ficção científica, e, na comunidade científica, esta velocidade foi ventilada desde que o princípio da emissão de raios laser foi descoberto, porque o laser parecia ser o melhor e mais eficaz meio de se enviar informação. O grande problema parecia somente ser como codificar e decodificar todas as informações que fazem um certo objeto existir, ou seja, todas as informações que codificam o movimento e o relacionamento de coesão dos átomos que formam o objeto em questão. Na época do aparecimento das primeiras máquinas quânticas, ano 2025, se fosse possível ligar em rede

todos os computadores existentes no planeta, seriam necessários mais de mil anos de funcionamento ininterrupto para teletransportar um objeto tão simples como um diamante. Estes computadores geraram um *frisson* na comunidade científica. Congressos e conferências pipocavam continuamente em todos os cantos do planeta, todos tentando responder à pergunta do que se poderia inovar, tanto na tecnologia como na ciência, e é claro que a mais importante de todas era o teletransporte. Era dar asas à imaginação e voar, mesmo sem uma bússola para orientar. Poderíamos, por exemplo, vir a apontar um canhão de laser para a Lua e, em menos de um segundo, transportar para lá o que quiséssemos; outros, mais chegados à vida mundana, poderiam espiar a vida alheia ao se teletransportar, e surpreender um pecado no seu ato, e então, muitos casamentos seriam desfeitos. Entretanto esta época ainda não chegara.

Muitos anos ainda teriam de passar para que se chegasse a um aperfeiçoamento destes computadores, mesmo assim, desde o começo, eles mostraram para que vieram, reduziram os antigos a meros andarilhos pernetas. Foram cinquenta anos para que se chegasse a construir o primeiro computador com poder e velocidade para transportar um pequenino cristal de carbono puro. Hoje ele é um objeto valioso do nosso mais importante museu de ciência e, em poucas semanas, será nada mais que um objeto ininteligível aos seres vivos da terra.

Imagino a emoção que teriam sentido as pessoas que, pela primeira vez, assistiram realidade e ficção se juntarem ao ver um pequeno cristal de diamante desaparecer de um lugar e reaparecer em outro, intacto, idêntico, sem a mínima falha. Provavelmente foram todos os humanos que habitavam

o planeta, pois a televisão tridimensional embutida num par de óculos e a propaganda massiva faziam qualquer acontecimento vir a ser público em escala planetária. Neste momento, como disseram e repetiram um sem número de vezes todos os noticiários, foi feita a História, um marco na história da ciência humana, que seria lembrado até o fim dos tempos. Quão cheios de razão estavam os religiosos fundamentalistas, presos à sua rígida visão de mundo, ao dizer que o homem, ao querer imitar Deus, criava sua ruína e cavava sua própria sepultura. Não foi por esta razão e nem foi nesta época, nenhum deles viveu para ver sua profecia se materializar. O teletransporte galvanizou a energia de grande parte dos cientistas do mundo, não só dos físicos como dos químicos, biólogos, médicos, até filósofos e juristas. Todos especulavam, todos queriam dar sua contribuição e, com isso, eternizar seus nomes. Falou-se da conquista do Universo, da grandiosidade da mente humana e sua suprema redenção. Está tudo guardado nos arquivos históricos, basta pensar no tema e dobrar o dedo indicador que os dados aparecem à minha frente, projetados tridimensionalmente. Posso agarrá-los e comê-los, se quiser.

Foi uma época de tremenda euforia para a nossa espécie; há duzentos anos atrás, as máquinas ainda eram muito primitivas. Podiam teletransportar o pequeno diamante a uma pequena distância, mas faltava regular a energia para atingir distâncias maiores. Qualquer perda de energia, por mínima que fosse, poderia fazer com que informações fossem perdidas e, neste caso, o objeto não poderia ser recriado. A ciência, porém, seguiu em frente, passando por cima dos percalços e das decepções, nadando no mar das ilusões, conseguindo se manter flutuando nas tempestades de realidade que às vezes

apareciam. Conseguiram aperfeiçoar todas as máquinas, chegaram a teletransportar objetos mais complexos do que simples cristais, mas foi aí que a primeira grande barreira surgiu: o nível de complexidade dos programas chegou a tal ponto que nem um exército de gênios conseguiria fazê-los avançar. Esqueci de comentar que, nesta época, já havíamos, nós, seres humanos, detido o juízo final a que nos levava o fantasma da superpopulação, e com isto detivemos a destruição da vida na terra. A população de seres humanos baixara a níveis ecologicamente sustentáveis, seguimos encontrando campos e matas onde descansar a vista. Foi durante um passeio por um parque nacional, no que antes fora a imensa floresta amazônica, que aquele considerado o maior programador de computador de toda a História teve a genial intuição de como resolver aquele problema. Posso visualizá-lo nesta caminhada, tenho sua foto holográfica tridimensional em frente. Era baixo e bem constituído, careca, toda a cabeça escanhoada, os olhos profundos injetados para dentro da órbita, a ossada que os rodeia como grandes cúpulas com duas bolinhas de gude no fundo, o nariz adunco e pontudo e quase não tinha lábios, tudo acoplado num rosto levemente arredondado que lhe dava um ar de eterno apaixonado. E ele realmente era, pela ciência da computação. Seus olhos pareciam fitar além do horizonte, como se ali buscassem as respostas às suas indagações. Tinha colado o sorriso irônico daqueles que gostam de viver sozinhos. Isto aconteceu há cento e oitenta anos, um dos dias mais fatídicos da história da humanidade, que atualmente caminha para o seu final. Ele, porém, não tem culpa, foi apenas mais um elo na cadeia que começou há dez mil anos. E eu, será que sou culpado?

Ele viu a natureza luxuriante ao seu redor e pensou:

como foi possível que a partir de um programa relativamente simples que é o DNA, a vida conseguisse evoluir a um nível de complexidade inimaginável? Logo se lembrou de Darwin e de sua teoria da evolução, na qual toda as espécies apareceram, desenvolveram, dividiram-se em outras a partir de duas leis; a variação genética e a seleção natural. Eureka! Esta forma de programação seria a única que poderia suplantiar o problema da complexidade, a programação biológica à qual a lógica formal forneceria a variação e alguns controles imporiam a direção da seleção. A partir do programa mais complexo da época, o que comandava o teletransporte, ele formou as quatro bases e as integrou em um sistema logicamente equivalente à hélice dupla do DNA, emulou, inclusive, o sistema do RNA, para não perder o DNA enquanto ele não evoluía. O mais difícil foi a parte do controle, “a seleção natural”. Para isto, foi necessário trabalhar em grupo com os melhores cientistas da época, matemáticos, físicos, químicos, biólogos, linguistas, foi o maior grupo que já trabalhou em equipe da História. E para quê?, pergunto eu. A maior sinergia de mentes humanas trabalhando juntas, todas pensando no avanço da ciência, e o que conseguiram foi apressar o fim da própria espécie, que ironia! Seria como se o sol, num desejo fraternal de ajudar os seres vivos da terra, brilhasse com toda a sua força para que todas as plantas crescessem mais, e, no entanto, viesse a exterminá-las, queimando-as no seu amplexo amoroso. Foram mais de trinta anos de trabalho frenético para que, finalmente, o programa iniciasse sua evolução na direção correta. E a vida se fez, e seus idealizadores foram chamados de novos deuses. Em pouco tempo, o teletransporte começou a tomar um novo rumo.

Alguns objetos mais complexos começaram a ser tele-

transportados. Um novo sistema de localização para enviar o objeto usando o laser ultrafiltrado foi inventado, conseguiram enviar objetos até a Lua, tudo isso levou outros setenta anos, até que, finalmente, foi feita a primeira tentativa de enviar um ser vivo; ele foi, mas nunca apareceu, era demasiadamente complexo, não para o programa, mas para o computador. Para ter ideia da complexidade de teletransportar um ser vivo, imagine-se que tínhamos de codificar todas as sensações, e quanto mais superior o animal, mais superiores as emoções e, no caso do ser humano, os pensamentos. O corpo e a mente deveriam chegar exatamente como estavam no momento em que se dissolveram, tínhamos de codificar todas as minúcias do ser vivo, inclusive sua alma. Outra vez, esbarrávamos em um problema físico: o computador quântico clássico mais potente da época não era suficiente para executar todos os cálculos necessários num tempo hábil, ou seja, seriam necessário milhares de anos de computação. Nesta época eu tinha quinze anos, já era um dos maiores gênios da física, e fui atraído pela ideia de como era formado o fóton luminoso, a própria energia parecia ter algo ainda menor que a compunha. Com vinte anos de idade, consegui idear a nova teoria, demonstrei que o fóton é formado basicamente de informação pura vibrando numa velocidade que poderia ser chamada de infinito. E mais, que esta vibração poderia ser usada para fins computacionais, pois os seus elos eram passíveis de ser manipulados e de transmitir informação dentro de um elemento menor que aquele que até então transmitia tal informação. Diante desta possibilidade, o mais rápido computador quântico era praticamente nulo, imóvel. Finalmente, tínhamos à mão o teletransporte de seres humanos. Eu estava exultante com os resultados, jamais me passou pela cabeça que

nós, seres humanos, temos outros instintos e motivações, além do avanço do saber pelo benefício do saber. Errei.

Usando como modelo os computadores quânticos mais avançados, conseguimos montar aquele modelo revolucionário que batizei de infrafotônico. Resumindo a história, quando eu tinha sessenta anos, conseguimos teletransportar a primeira pessoa. Ela acreditava tanto na ciência que não teve o menor receio de se dissolver no ar sem saber se reapareceria. Obviamente, fizemos várias experiências com animais de laboratório até ter “absoluta” certeza de que o método funcionaria, e foi o que aconteceu. Ao vê-la aparecer, confesso que fiquei emocionado, acreditava que um novo passo na história dos seres humanos se iniciava, era o ponto de partida para a conquista do universo, finalmente podíamos viajar à velocidade da luz. Isto, porém, não era para mim, desde o princípio senti uma verdadeira aversão de ser teletransportado. Tinha completa certeza quanto à ciência e ao que eu fazia, entretanto este sentimento era incontrolável. Quantas desculpas tive de inventar para não fazer uso daquilo que eu próprio ajudara a aperfeiçoar. Ao fim de tudo, quando o teletransporte virou mania, fui praticamente excomungado da sociedade científica.

Ninguém soube o que aconteceu com a primeira pessoa a ser teletransportada, mas investiguei e descobri que se suicidou depois de matar a filha. Ninguém ligou para isto, pois a febre começava. Li sobre algo parecido com esta febre nos livros de História, algo muito parecido aconteceu com um aparelho de comunicação muito antigo chamado telefone celular. Logo depois de ser inventado e comercializado, virou mania, para depois se transformar em necessidade, Em

questão de quinze anos, todos os seres humanos usavam este aparelho. Naquela época existiam os chamados países pobres, e até os seus habitantes possuíam o aparelho. Hoje isto não existe mais. As máquinas de teletransporte foram rapidamente se tornando menores, mais potentes e baratas. Os humanos foram gostando de se teletransportar: bastava marcar com o próprio dedo, num mostrador tridimensional, as coordenadas para onde queria se transportar e, como num passe de mágica, lá estava. Muitas pessoas morreram por marcar erradamente as coordenadas ao querer se teletransportar bêbados (nunca nos livramos do álcool). Outras, por ciúme (nunca também nos livramos do ciúme), outras por se teletransportar para a Lua, esquecendo que lá não tem atmosfera; nada disso, porém, mitigou a febre. Um grupo de exploradores se enviou para um planeta a cem mil anos luz de distância, expedindo, alguns minutos antes, toda a aparelhagem de que necessitariam para sobreviver, mesmo sabendo que somente chegariam lá passados cem mil anos, que não havia perspectiva de volta e até de chegar lá, pois qualquer distúrbio no sistema de informações causaria uma disfunção total e eles nunca chegariam a lugar nenhum.

Ninguém notou, ou não quis notar, mesmo que eu os alertasse, que um número crescente de pessoas começava a enlouquecer de forma abrupta e com comportamento semelhante; matavam e depois suicidavam-se. Em questão de vinte anos, todas as pessoas da terra se teletransportavam regularmente todos os dias, com uma única exceção, eu. Neste meio tempo, também descobri um fato aterrador: que nesta época já não adiantava divulgar, só restava isolar-me como um misantropo vulgar e esperar o fim.

Descobri que o programa biológico, um dos supremos resultados da argúcia da mente humana, levava em si um elemento destrutivo, já plenamente conhecido desde a época de Charles Darwin: as mutações. As mutações em geral são deletérias à sobrevivência da espécie, e são postas à parte do genoma pela seleção natural. Poucas dentre elas são boas, outras, em menor número ainda, são ótimas e, por esta razão, são selecionadas e incorporadas de forma ativa ao genoma. Muito raramente, pode acontecer de uma mutação deletéria ser incorporada de forma ativa ao genoma, e isto, por uma fatalidade do destino, aconteceu no programa de teletransporte. Nossos cientistas, inclusive eu, sempre fomos vítimas de uma vã ilusão, a de nos crermos infalíveis, mas ninguém escapa do destino. O programa de controle e seleção parecia tão bem ajustado que nenhuma mutação seria capaz de escapar ao seu crivo. Uma passou. Poderia alterar qualquer parte do corpo, mas foi alterar logo o cérebro. Algo minúsculo, alguns poucos neurônios; eles, porém, controlavam uma parte importante do nosso comportamento, e a alteração era cumulativa. Cada vez que uma pessoa se teletransportava, as alterações se acumulavam e causavam loucura, uma vontade irresistível de matar, e o auge consistia no suicídio. Estou a olhar pela televisão tridimensional e tenho medo, parece que estou no meio desta demência. A desordem é total, em questão de poucos meses a população humana se reduziu a quase um décimo, e as pessoas continuam se teletransportando, algumas para outros planetas, na crença de que o nosso planeta está infectado com algum vírus. Falta um mês, no máximo, para que eu fique só, o único representante de uma espécie extremamente gregária e criativa. Estou com oitenta anos e minha vontade de viver minguou completamente.



Contos de Enio Jelihovschi



EMILIANO, O DIBUK

Meu nome é Jacob Bronstein, e um *dibuk* está começando a tomar conta de mim, da minha mente, das minhas palavras, dos meus atos.

Como eu sei disso?

Porque às vezes esqueço meu nome e me vejo chamando a mim mesmo por Emiliano. Um judeu, filho de família ortodoxa, não se chama Emiliano. Este é um nome de *dibuk*. Meu avô me contava que *dibuks* têm nomes estranhos, isto para confundir as pessoas nas quais penetram, para desviá-las das escrituras e da tradição, e com isso levá-las ao *guehenon*, ou seja, ao inferno.

Também passei a ter pensamentos estranhos. Coisas que nunca haviam passado pela minha cabeça. Sexo com muitas mulheres que se transformam em animais e me deixam excitado e envergonhado. Às vezes sinto que estou morrendo, desfazendo-me em pedaços que são comidos por lobos famintos.

Outras, estou a ponto de explodir em acessos de ira inusitada. Eu sei que isso tudo é obra do Emiliano e não posso fazer nada. Sinto-me sozinho no mundo. Meus pais e avós já se foram. Meu bisavô sabia lidar com isto. Contaram que uma vez lutou com um *dibuk* quase até a morte, e venceu. Não pensem que foi uma luta corpórea. *Dibuks* não gostam de luta física, querem é provar que sabem mais sobre as escrituras, o *Talmude*, a *Mishná*, a *Guemará* e principalmente o *Sefer Yetzirá*, o livro cabalístico que trata da criação. Meu bisavô, porém, era muito erudito e não se deixou enrolar pelas baboseiras daquele diabinho, que deu um grito alucinante e sumiu. Nunca mais voltou. Creio que o Emiliano voltou para se vingar.

– Seu avô me venceu, mas você não vai conseguir.

– Mas eu não preciso vencê-lo porque não acredito em você. O que é você, afinal? Um monte de fumaça, dejetos das superstições antigas de judeus que viviam imersos em livros cabalísticos inócuos que não serviam para nada. Um fedor, nada mais do que um fedor de esgoto agourento.

Que me perdoe meu bisavô, mas eu tinha que responder alguma coisa para ver se o tirava da mente. Mas o diabo do *dibuk*, se apercebendo do meu estado de confusão mental, continuou. Quase morri quando ele se transformou num ser com pernas de bode, corpo peludo e a face do meu bisavô. Era um sonho, porém, real, palpável como um encontrão numa parede de concreto. Ele não falava, somente olhava, olhos de águia injetados na cara do meu bisavô.

Implorei para meu bisavô voltar dos recantos da morte.

– Não adianta, ele não vai voltar. Ele morreu, mas eu não.

Despertei de um salto. Quando dei por mim estava em pé diante da cama, o quarto parecia que ia se encurtando e eu chorava a morte do meu bisavô.

Eu piorava continuamente, o *dibuk* se revelava cada vez mais, e sempre em momentos inusitados. A última vez me obrigou a comer carne de porco. De alguma forma fui a um restaurante e, na hora de fazer um pedido, ele embaralhou minhas palavras de tal forma que terminei pedindo um bife de porco. Fiquei estarecido comigo mesmo; não sou religioso, mas guardo ainda minha crença em Deus e algumas leis tradicionais do judaísmo. Nunca comi carne de porco na minha vida e quase vomitei ao me deparar com aquela carne fumegando. Não tenho lembrança do que se passou depois, despertei na minha cama vestido com a roupa de sair.

Resolvi consultar um erudito religioso - conhecera o meu bisavô - velhinho que eu conhecia desde a infância. Já estava bastante carcomido pela longevidade, mas razoavelmente lícido. Ouviu falar do embate do meu bisavô com o *dibuk*, contado pelo bisavô mesmo. Ninguém participou diretamente, pois estes embates somente eram levados a cabo na completa solidão; o rabino e o *dibuk* e, por isso mesmo, não factíveis de averiguação mais científica. Mas a ciência não tem nada a ver com isto; os *dibuks* existem, sempre existiram e vão existir. Inclusive, meu avô me contou histórias de vários rabinos que foram levados à morte pelo *dibuk*. As mulheres, então, sempre foram um prato farto para eles. Quem mais poderia levar senhoras, matronas religiosas, a praticar atos libidinosos dignos de Sodoma e Gomorra? Não, Freud jamais explicou esses fatos, foram os *dibuks*.

O erudito amigo não me deu esperanças de receber ajuda; ele já estava velho e sem forças e, além disso, nunca fora tão erudito como meu bisavô. Jamais teria chances de vencer o embate contra Emiliano, o *dibuk*, porém gostou do nome e disse que, com um nome assim, ele certamente não seria tão mau.

E assim, Emiliano continuou com sua perseguição, impunemente.

Eu tinha 65 anos, nariz adunco, orelhas grandes de velho, olhos fundos de quem dorme pouco, cabelos rareados. Quando caminhava, parecia que empurrava um peso com o peito, e nesta época passei a ostentar uma expressão de medo, medo da loucura e do *dibuk*. Amigos mais atentos diziam que passei a conversar sozinho. Como podia lhes dizer que conversava com um *dibuk*, em pleno século vinte e um?

Conversar não é a expressão correta, se é que conversar pode explicar a fala de alguém com quem o está a torturar e ameaça levá-lo à morte, lentamente, sarcasticamente, com um senso de humor nauseabundo. Os judeus criaram os *dibuks* e lhes deram seu típico senso de humor.

Comecei a piorar depois daquela noite fatídica. Quando pude me ver no espelho, percebi que meu olhar mudara. Já não continha aquele brilho descontraído de quem encontrara a paz. Eu nunca encontrara, realmente, a paz. E desde quando um judeu tem paz? Nem mesmo Abraão, Isaak ou mesmo Moisés, quanto mais eu, mísero entre os miseráveis. Na verdade, eu tinha um olhar descansado, de alguém que, pelo menos, repousa de noite. Meu olhar estava agora parecido com o do Emiliano, o de alguém que conhece o *guehenon*. Um olhar vidrado de causar arrepios nas pessoas de bem. Emiliano, a quem eu já tratava

pelo primeiro nome como se fosse meu amigo, era um *dibuk* que cheirava a enxofre e trazia a perdição a tiracolo.

Eu falei da noite fatídica, quando tentei me rebelar e lutar contra ele, não a luta do meu avô, mas uma luta física. Os *dibuks* não gostam de luta física, como tampouco os judeus, mas podem ser fortes se querem. Nesta noite, como se antevendo o que se passava na minha mente, ele apareceu como um anão. Já fazia alguns dias que não o via. Rosto redondo, olhos aparálhados, nariz adunco e lábios finos. Careca, totalmente, nem um fio para dar um ar de inocência. Os braços moviam-se sem parar como se estivesse se preparando para uma corrida ou outro exercício físico. Os lábios se exercitavam para realçar um sorriso cínico. Um anão, pequeno, quebradiço, era o que eu queria para arreventá-lo de pancadas.

– Era exatamente o que eu queria quando parti para cima, como um bólido arrancando a toda velocidade. A loucura apoderou-se de mim.

– Você partiu para cima de um anão franzino, mas que não era anão e sim um *dibuk*?

Meu amigo me olhava de um jeito estranho. Ele, sem dúvida, não acreditava em *dibuks* ou demônios, ou qualquer coisa que não fosse tão palpável como areia ou terra.

– Um *dibuk*, sim. E se você nunca viu um, fique por aqui que vai terminar vendo.

– Isto me parece um pouco ridículo. Seu apartamento está todo revirado. Você todo arranhado. Olha, mais parece que você andou se altercando com uma mulher. Você gosta do sexo machucado, não? Ok, tá legal, muita gente também

gosta, não precisa ter vergonha. Mulher gosta mesmo de levar uns tapinhas para apimentar mais o sexo, e a sua é das boas.

– Mulher! Já passei da idade do sexo apimentado, talvez já tenha passado da idade do sexo, e você vem me falar de alteração com uma mulher. Antes fosse, antes fosse. Eu daria anos da minha vida para que fosse verdade. Mas o anão me dobrou todo, me arrebitou contra o armário, como se eu fosse um inseto perturbando-lhe a paz.

– Escuta, Jacob, quem sabe, você visita um psiquiatra. Você tem andado muito sozinho, às vezes a solidão afeta a percepção. Você começa a ver coisas. Eu falei para conseguir uma namorada, seu divórcio foi difícil. Isto afeta a pessoa.

– Depois de me ver assim todo arrebitado, o desgraçado do *dibuk* riu. Disse que teria preferido uma refrega intelectual, falou que meu bisavô foi um adversário à altura, mas eu sou um frango. Nem sei direito o que ele quis dizer com frango, mas percebi que ele anunciava minha perdição.

– Jacob, vou entender isto como uma recusa em aceitar que você gosta de sexo e bofetadas. Por mim, não tem problema, eu nunca tentei, mas se você quiser socializar a fêmea, creio que não tenho nada contra tentar. Agora, não venha com esta de *dibuk*. Nós estamos no século vinte e um, física quântica e código genético. O seu *dibuk*, para existir, tem de ter dna. Veja bem, eu acredito no *dibuk*, mas só se você fizer um exame de dna nele e me mostrar o resultado. Toda criatura viva tem de ter genes.

Com isto terminamos nossa conversa. Eu lhe disse que iria conversar com a mulher que gostava de sexo e bofetadas,

se ela concordasse passaria seu telefone. Emiliano ganhara mais uma batalha nessa nossa guerra.

Fui dormir esgotado, cansado da guerra. Sentia-me só, uma solidão cortante e doída de quem não tem a quem recorrer, nem com quem conversar. Parecia que o mundo se desvanecera e sobrara somente um pouco de ar à minha volta, nada mais, como um parafuso solto no meio de milhares de engrenagens, todas lubrificadas e funcionando. Sonhei muito essa noite, sonhos eróticos, desconexos, mas todos com sabor de sexo, e despertei com um pensamento fixo. Nem sei como soube o que fazer, mas fiz. Encontrei o endereço do melhor prostíbulo da cidade, retirei parte das minhas economias do banco e encomendei o sexo mais extravagante que passou pela minha cabeça; sadomasoquismo. Saí de lá envergonhado, porém satisfeito. Estava cheio de energia e feliz. Como podia estar feliz? Aquilo fora contra todas as regras nas quais fui educado. Porém, estava contente. Não conseguia me controlar. Cheguei mesmo a pensar que Emiliano fora nada mais do que uma criação da minha mente para chegar a esta finalidade: conhecer o gozo dos deuses.

Neste momento, Emiliano percebeu que havia errado. Ele me causou os sonhos. Ele me forçou a procurar o prostíbulo, pensando que estava me matando muito lentamente, como ele gostava. Mas eu estava feliz, respirava forte, parecia mais jovem, mais ereto. Nossa guerra mudava de rumo?

Emiliano era um *dibuk* da era medieval, não havia se renovado a ponto de entender que os instintos que causavam pavor aos judeus religiosos daqueles tempos já não eram tão aterrorizantes aos mais modernos. Fiquei quase um mês livre

daquele cheiro de bode velho. Um mês acreditando na eterna liberdade e na salvação eterna. Um mês frequentando o prostíbulo que ele me forçara a encontrar. Uma ilusão que durou exatamente trinta dias. Ele, porém, finalmente se renovou. Entendeu seu erro e me castigou, passei a maior vergonha pela qual um homem pode passar. Na última visita ao prostíbulo, tive uma crise de impotência e fiquei sem coragem de aguentar o riso estampado no rosto da mulher. Deixei o dinheiro na cama e saí correndo, disposto a me jogar na frente do primeiro veículo que visse na rua. Perdi a coragem e ainda ri ao perceber que o primeiro veículo a passar fora uma bicicleta. Emiliano se reciclara, percebeu seu erro e me deixou impotente. Eu sentia que a loucura se apossava do meu ser e não havia nada a fazer.

Emiliano podia finalmente me matar, mas isto de pouco lhe serviria. Poderia também me enlouquecer, mas isto teria pouca utilidade para ele, pois completamente louco, sem mais consciência do que uma batata cozida, lhe tiraria todo o desfrute. Ou então, ele poderia me deixar num estado de consciência no qual eu manteria a veleidade de vencê-lo algum dia, como fez meu bisavô. Estou certo de que este é o estado ideal para ele.



O CASAMENTO

Pinchas Greenbaum vivia sozinho num pequeno apartamento de quarto e sala, num imenso prédio com quase quinhentos deles, todos pequenos, quentes e sórdidos por faltar outro adjetivo mais preciso. Chegara um pouco antes da guerra, driblando um destino certo nas garras dos nazistas. A solidão não lhe era desconhecida, pois era tímido de nascença e desajeitado por falta de esperança, atributos herdados do pai que nunca conseguira nada na vida além de um olhar triste e acobalhado.

Na verdade, a timidez de Pinchas aumentou depois de uma paixão de adolescente que quase terminou com sua vida. Rivka foi a grande culpada. Uma exceção surpreendente à regra que destinava todas as garotas do povoado onde ele vivia a serem pálidas, desengonçadas e escorregadias. Rivka, a filha do rabino, era surpreendente, nem parecia judia. Tinha os olhos levemente repuxados, negros e brilhantes, pele alva

como a esperança na felicidade eterna, nariz levemente arrebitado, rosto arredondado, lábios carnudos que terminavam numa leve e sensual curva, e um sorriso capaz de fazer milagres, mais do que as preces de um santo rabino. Ela, em si, já era um milagre, e a mais perfeita prova da existência de Deus, ou talvez do seu antípoda, Lúcifer.

A paixão foi devastadora para Pinchas. O rabino jamais daria consentimento para que ele casasse com a filha que, certamente, estava reservada ao filho de algum judeu rico e importante. Ela estava fadada a iniciar uma dinastia que juntaria os três atributos mais importantes do mundo dos homens: dinheiro, saber e beleza. Pinchas não fazia parte deste mundo, nem mesmo como serviçal. Assim que percebeu este destino, Pinchas se acorrentou ainda mais à sua timidez. Deixou também de lado o estudo religioso e passou a ajudar o pai. Todos os sábados, quando ia à sinagoga, tentava por todos os meios não olhar para a ala das mulheres para não ter de olhar para Rivka. Um espírito do mal, porém, arrastava seu olhar para o lugar onde ela se sentava e o mantinha colado nesta posição até o final da oração. Deus enviou um espírito mau para atormentar o rei Saul. Será que este espírito permaneceu na terra e agora o atormentava mantendo-o preso a esta timidez profunda e também torcia sua cabeça para fitar Rivka durante a reza na sinagoga?

Um sábado, após o ritual de orações na sinagoga, o rabino resolveu falar-lhe. Há tempos que ele observava este rapaz de ombros caídos e olhar perdido que nunca conversava com ninguém, órfão de mãe desde a infância. O rabino amedrontava pela sua altura, cabelos louros e aparência eslava, a não ser pelo nariz proeminente que, por má sorte, lhe emprestava uma

aparência algo cômica.

– Pinchas, eu tenho olhado para você e pedido a Deus que olhe pelo seu espírito, porque parece que você e Ele não estão se dando bem.

O rapaz estremeceu ao escutar a voz do rabino, voz que lembrava a da filha, e esta, ele queria esquecer. Além disso, o rabino falava de uma forma um tanto afetada, usando elipses difíceis de entender.

– Rabino, eu não sei, mas parece que um espírito ruim me atormenta a cabeça.

– Eu vejo que você não fala com ninguém quando vem à sinagoga. Nossos sábios dizem: um homem solitário, sem amigos e sem esposa, é presa fácil dos maus espíritos e demônios que vagam pela terra para atormentar e tirar o judeu do caminho correto. Quando se une a uma boa esposa e segue o caminho da retidão, ele expulsa de si todos aqueles que, porventura, estão se imiscuindo na sua alma.

– O rabino quer que eu me case?

– Podemos encontrar boas moças em idade de se casar.

– Mas eu sou pobre, trabalho de biscates junto com meu pai.

– Como diz o grande rabino Jacob Guinzberg, uma boa esposa é a mola que impulsiona o marido à riqueza de espírito e à riqueza material.

Pinchas sentiu medo do rabino. O pânico iniciava sua trajetória ascendente, as pernas começavam a tremer. As palavras desciam da mente e se travavam na garganta. Pinchas queria terminar a conversa e ir para casa. Pelo menos lá podia

ficar quieto e olhar para o teto esperando alguma coisa que nunca acontecia. Não sabia o que fazer, o turbilhão crescia. De repente, os sons escapuliram pela cerca da garganta.

– Rabino, a sua filha já casou?

Ele não respondeu, ficou calado alguns instantes, olhou para o lado como se procurando uma pessoa, apontou com o dedo alguma coisa que Pinchas não distinguiu e caminhou para lá. Pinchas, aturdido e vermelho de vergonha, seguiu para casa, com a certeza de seguir solteiro.

Foi quando começaram os sonhos com Rivka. No início ela aparecia vestida com a modéstia de sempre, dizendo que o amava de todo o coração e queria abraçá-lo. Isto até que lhe agradava, porém, pouco a pouco foram mudando para poses de plena luxúria e menos roupa, até apresentar-se totalmente desnuda. O pobre rapaz despertava durante a noite fervendo de paixão e de vontade de tê-la nos braços, satisfazendo a tudo o que ela pedia e implorava. Quem controlava seus sonhos e o torturava desta forma? Parou de ir à sinagoga, pois não podia mais olhar para aquela mulher sem poder tocá-la.

Quando chegou ao novo país, respirou o ar da região e sentiu um frescor diferente do que estava acostumado, o ar parecia mais suave e menos mesquinho e, sem a menor sombra de dúvida, menos perigoso. Foi seu pai quem pressentira o desastre, a única inspiração correta em toda a vida, e, no leito de morte, lhe ordenou que fosse embora para o Novo Mundo.

– Pinchas, meu filho, o que você tem aqui neste lugar? Você não tem nada, nem mesmo uma mulher e um filho. Você queria a filha do rabino. Eu sempre lhe disse, aquela boneca

mais linda que viram por aqui não era para você, alguém pobre, calado e que ganha uns poucos vinténs e não sabe fazer mais nada. Se ainda fosse um grande erudito... Para que o rabino vai querer outro erudito? Ele quer alguém rico.

O pai então puxou o filho para perto de si e continuou quase sussurrando.

– Aquele Hitler está perseguindo todos os judeus da Alemanha e logo vai chegar aqui. Vá embora para o Novo Mundo antes disto acontecer.

Quando Pinchas pensou no que deixara para trás, não viu muita coisa, ou melhor, praticamente nada. Além disso, tinha ainda a chance de que a beleza de Rivka parasse de atormentá-lo. O novo lugar tinha mar, o ar era quente e as mulheres, na praia, andavam seminuas. Teve a impressão de estar no Jardim do Éden onde a roupa ainda não era usada. O rabino da sinagoga para onde fora recomendado indicou-lhe uma pensão e também um trabalho de vendedor numa loja de roupas. Sentia-se renascendo. O mundo, porém, é pequeno para os demônios. Afinal, foi Deus, bendito seja, quem tudo criou, e, para Ele, o mundo não é nada mais do que um minúsculo ponto onde põe e dispõe toda a felicidade e todos os agravos, os seus anjos e os seus demônios.

Quando Pinchas resolveu conhecer a praia e suas belezas, tomou um susto: todas as lindas mulheres tinham o rosto de Rivka. Bendito seja nosso Deus, mas por que ela veio comigo?, perguntou-se enterrando a cabeça nas mãos recobertas de veias. Entendeu, neste momento, que sua timidez viera consigo, no mesmo navio, na mesma cabine.

No seu apartamento, Pinchas sentia-se só. Rodeado por quinhentas famílias, mas só. Muito mais do que paredes de tijolos separavam-no dos outros. Na rua sentia-se só, vendo, ouvindo e cheirando todas as pessoas que circulavam. Muito mais do que as distâncias, o ar o separava dos outros. Na sinagoga sentia-se menos só, reconfortando-se nas preces e nas pessoas que rezavam como ele. Tinha uma vaga sensação de que Aquele que tudo criou e aceita o arrependimento verdadeiro não o havia abandonado, mesmo sentindo que o espírito maligno, o mesmo que levou o rei Saul à morte, viajara com ele ao Novo Mundo. Quase dez anos depois de chegar à sinagoga, o rabino resolveu conversar com ele. Um tremor formigou por todo o corpo ao escutar aquela voz chamando-o.

– Pinchas, você não acha que deveria casar-se? Está escrito num dos livros importantes que viver sozinho, sem uma esposa, adoce a alma.

A forma de falar do rabino deixou Pinchas confuso. Desta vez, porém, fez força para aceitar a ideia. Ficar sozinho cansa, será que isto também estaria em um dos livros importantes, nas escrituras dos grandes sábios? Seria bom casar. Além disso, já se havia acostumado à ideia de que sua esposa não seria tão bonita como Rivka, (bendita seja sua memória); ela não sobreviveu à horda de Hitler. Tampouco seria, a escolhida, inteligente, com certeza seria uma mulher solitária que talvez tivesse família.

– Como vou encontrar uma mulher, rabino?

– Eu tenho um amigo que conhece muita gente e já realizou o encontro de vários judeus da nossa comunidade.

O homem, que agora estava em frente de Pinchas, era baixo, rosto arredondado, olhos vivazes por trás dos óculos de grau rodeados pelos vincos da face. Falava de forma pausada. Chamava-se Jacobo Kaplan e era muito simpático.

– Pinchas, você já não é moço. Na verdade, você já passou da idade de casar. Aqui neste país os jovens judeus casam com mulheres que eles mesmos encontram e namoram. Não é como nas pequenas cidades da Europa, onde os casamenteiros arranjavam os casamentos e quem decidia eram os pais dos noivos. Mas você não casou lá, não casou aqui e precisa casar. Eu conheço uma mulher que vai lhe servir muito bem, se você souber se ajustar um pouco.

Jacobo fora a pessoa mais afetuosa que conversou com Pinchas desde a sua chegada. Seu coração ficou tocado e ele sentiu que podia contar-lhe seu grande tormento.

– Senhor Jacobo, já ouviu falar no espírito mau que o senhor nosso Deus enviou para torturar o rei Saul? Um estudioso da Cabala uma vez me disse que este demônio ficou na terra e se multiplicou. Um deles me atormentou por toda a vida, quando vim para cá pensei que havia me livrado dele, mas creio que ele viajou comigo no navio.

O casamenteiro ficou ligeiramente aturdido com o que acabara de escutar. A mulher que tinha em mente era realmente justa para ele. Ela também era afetada por maus espíritos. No seu entender, ela era quase louca, assim como o noivo. Eles se dariam bem. Os pais da noiva disseram que ela estava bem, que ajudariam com o seu cuidado, poderiam conseguir um emprego de vendedor para o futuro genro na loja de outro genro, que ele ganharia uma família, cunhadas e sobrinhos que o

chamariam de tio, que a sinagoga de lá necessitava muito de alguém como ele, que conhecesse todas as orações. Em suma, lá ele ganharia respeito e um lugar na comunidade.

Pinchas aceitou antes que algo o demovesse desta decisão. Pela primeira vez desde que tinha memória sentia-se eufórico. Casou-se na cidade da sua futura esposa. Compareceram somente os familiares da noiva; da parte dele vieram os fantasmas. Quando parou em frente ao rabino, viu que seu corpo estava transparente. Subitamente, antes que ele pudesse virar o rosto, viu Rivka inteiramente nua à sua frente que logo começou a inchar e avermelhar. Aquelas lindas feições se tornaram uma bola vermelha com olhos injetados de sangue e uma boca totalmente desdentada que ria sem parar. O corpo parecia o de uma mulher de trezentos quilos que ondulava constantemente, como as pregas de uma cortina fustigada pela brisa. Pinchas então percebeu que quem o casava era o mesmo demônio que o perseguira por toda a vida.



HOMEM SEM NOME

Adolfo cresceu com um nó na garganta e um *dibuk* na cabeça. Era um homem sem nome, e um homem sem nome não é nada, nada mais do que uma lufada de vento passageira, sem forma e conteúdo.

Seu nome completo era Adolfo Margulis, porém, para ele era somente Margulis.

Seu pai deveria estar possuído por um *dibuk* e afogado em álcool para lhe dar o nome de Adolfo em 1944, logo após a descoberta dos campos de extermínio dos nazistas. Que judeu daria o nome de Adolfo a seu filho nesta época? Assim, desde que se entendeu por gente, ele passou a ser o Margulis, igual a muitos outros que também tinham este sobrenome. Estes, porém, tinham nomes e podiam ser chamados pelo primeiro nome, podiam ter amigos que o chamavam pelo nome.

Adolfo tinha a constante sensação de que alguém estava a rir dele. Era o espírito maligno, o *dibuk*, que forçou seu pai a lhe dar este nome e depois encontrou uma mente nova da qual se apossar. *Dibuks* não gostam de possuir mentes alcoólatras.

Adolfo cresceu com um nó na garganta e o *dibuk* a lhe corroer a alma e moer o espírito.

Adolfo Margulis nunca deu sorte com as mulheres e como poderia um homem sem nome, com uma voz dentro da cabeça? As mulheres não gostam de gente assim. Elas nunca saberiam ao certo com quem estavam a conversar, qual das vozes lhes respondia. Ou melhor, como chegar a ser íntimo de alguém chamado somente pelo sobrenome? Adolfo foi se tornando um judeu de ombros caídos e andar cansado. Talvez fosse até muito típico, pois o rabino da sinagoga que frequentava, quando queria tratá-lo de uma forma mais amiga, chamava-o de meu judeu. “Ter um *dibuk* na cabeça me faz mais judeu que o próprio rabino”.

Num dia de muita tristeza, o dedo apontado em riste contra a têmpera imitando o revólver que gostaria de ter em mãos, Adolfo resolveu conversar abertamente com o rabino. Era uma sexta-feira, após a reza de recebimento do sábado. O *shabat*, dia do descanso, de lazer e de conversa, para muitos conversa fiada, mas Adolfo sempre levava o sábado para o lado da santidade do dia e tentava meditar sobre temas considerados elevados, ligados à alma e ao espírito.

– Eu não tenho mais jeito nesta vida. Como pôde meu pai me dar este nome, que nem gosto de pronunciar, na época em que se descobriam todos os crimes nazistas e seu odiento chefe? Uma vez, um rabino, grande estudioso do sobrenatural, me disse que isso foi obra de um *dibuk*. O espírito maligno fez meu pai se entupir de álcool e ficou martelando o nome na sua mente. Pobre do velho, nunca se recuperou, nunca mais parou de beber. Agora, parece que o demônio mora na minha cabe-

ça. Me tirou o nome e me encheu a cabeça de vozes, e além de tudo ainda trata de me enforcar. Na verdade, sinto que muitas vezes fico sem ar. É como um nó feito com uma corda fininha, quase invisível, cortando o pescoço. Como é possível viver assim, sem ar e sem nome?

O rabino olhou para o homem a seu lado. Envelhecido, encurvado, um rosto sem expressão. Sentiu pena. Será que *dibuks* realmente existem?, pensou com seus botões. Se for verdade, como se faz para expulsá-los da cabeça? Ele já ouvira comentários sobre macumba, em que os negros expulsam, ou até mesmo põem espíritos malignos na cabeça das pessoas. Os *dibuks*, porém, eram muito judaicos, parece até que leram Freud. Um *dibuk* judeu, que vai à sinagoga e reza. Como é possível um demônio rezar? Mas então, como ele consegue ficar dentro da cabeça do Margulis quando o pobre está na sinagoga? O rabino estava confuso, uma parte sua não queria acreditar nestas coisas, a outra, porém, teimava em duvidar. Grandes rabinos, místicos famosos, que escreveram livros estudados até hoje, relataram encontros com *dibuks*. Este pobre homem ao seu lado teve a vida destroçada. Destroçada por quem? Um pai bêbado que não valia nada ou por um espírito etéreo e mal?

– Sabe, Margulis, já ouvi relatos de grandes estudiosos, que conseguiram tirar *dibuks* de pobres judeus. É uma luta medonha. E não pense que é física, porque não é. É uma competição sobre os conhecimentos da Bíblia, dos principais livros do Talmude e do Livro da Criação. Como pode um espírito do mal aprender livros voltados para o Criador, escritos pelos maiores sábios que já habitaram esta terra que nós pisamos (benditas sejam suas memórias), e aprender a ponto de discutir com grandes eruditos? Talvez nunca tenhamos a resposta.

O rabino olhou para cima, esperando uma ajuda dos céus. Tinha o corpo gordo e inchado, as pernas e os braços curtos e finos, a cabeça lisa onde repousava a *kipá*, olhos fundos e penetrantes, e não se enquadrava num tipo comum, parecia antes um boneco barbudo com olhos luminosos. Como fazer para lutar contra um *dibuk*? Será que sentar-se à frente da pessoa possuída, olhar fixo para seus olhos, e esperar alguma coisa acontecer, ajudaria? Dizem que o *dibuk* enxerga pelos olhos do possuído. E o que acontece, então? Ele se materializa numa forma humana, senta-se numa cadeira e começa a discussão. Quem propõe o assunto? O *dibuk* sabe de memória todos os livros sagrados, e será capaz de citá-los deixando o oponente transtornado. “Ó Deus, todo poderoso, diga-me o que fazer, como lutar contra algo que nem mesmo tenho certeza que existe?”

Os dois homens se olharam atônitos. Um esperava um sinal dos céus, e o outro, um nome e um silêncio, que a esta altura da vida talvez já não tivessem muita serventia.

Adolfo queria falar, contar o que a voz dizia, a voz que falava sem parar, a voz gutural e sórdida, que o levava ao desespero, misturando as sagradas escrituras com a sordidez animalesca do submundo humano. Ele não queria saber de submundos, bastava-lhe o mundo comum e rotineiro ao qual não tinha acesso, tudo isso por causa de um miserável demônio no qual a maioria das pessoas não acreditava, e um pai que bebia demais. Agora, estava jogando sua última cartada para se manter lúcido, pedindo compreensão e ajuda a um rabino que parecia um boneco e que o olhava de um modo distante e inescrutável. “O miserável do *dibuk* vai encontrar alguém à altura,” pensou. Neste momento, porém, deu-se conta de que o *dibuk* havia escutado seu pen-

samento. É claro, pois viviam no mesmo lugar. Além disso, não podia ter certeza de que fora ele mesmo quem pensara aquilo e não o demônio. Pensou que o melhor mesmo seria morrer naquele instante. Que fosse rápido e indolor.

O rabino percebeu o que se passava na mente do homem ao seu lado. Sentiu o cheiro da morte. Um cheiro acre de decomposição que emanou por uns instantes. O medo do inferno fez congelar seus sentidos. Percebeu que não seria páreo para um *dibuk*. Era um rabino, mas não um santo e nem um profundo conhecedor das escrituras. Não era um Maimônides ou o místico dos místicos. Tentou uma vez ler o Livro da Criação e não conseguiu passar da primeira página, pior, não conseguiu passar do primeiro parágrafo ou da primeira letra. Era somente um simples rabino que cuidava de um pequeno e simples rebanho. Não era um simplório, sem dúvida não era, porém, o fato de não ser simplório não significava muito. Tentava com todas as suas forças seguir os dez mandamentos da Bíblia. Isto certamente já fazia dele um bom judeu, entretanto, era preciso ser mais do que um bom judeu para ganhar a batalha contra um *dibuk* e afugentá-lo da alma do Margulis. Queria falar, mas sua voz estava presa a um pigarro. Era como se estivesse amarrada na ponta de um barbante, a garganta fazia força para que o som saísse, para expulsá-lo de dentro. Algo, porém, segurava o barbante com força. Começou a suar de medo. Seria o *dibuk* a caçar dele? Os *dibuks* são conhecidos por fazer troça dos rabinos, os representantes da justiça divina na terra. “Não, pensou, estas coisas não existem, o pobre do Margulis sempre foi muito nervoso por causa do seu primeiro nome”.

Neste momento, uma tosse forte expeliu o pigarro e a voz saiu, arranhada a princípio, para voltar ao normal logo em seguida. Com a expressão de quem retorna à vida, o rabino continuou.

– Margulis, gostaria de ajudá-lo a conseguir uma esposa. Que lhe parece?

O outro não contestou. Seguiu olhando o chão, deixando o tempo correr imune a tropeços, singelo e contínuo como uma flecha cruzando os ares sem rumo, à disposição dos anjos ou dos demônios. Depois inspirou e inflou o pulmão de ar como se com isso fosse flutuar e tomar seu lugar junto aos anjos. Olhou o rabino nos olhos, enrugando a testa, e continuou.

– Será que o *dibuk* vai deixar?



ARREPENDIMENTO

No ano do seu septuagésimo aniversário, Natan Katz resolveu ir à sinagoga no *yom kipur* judaico. Esta foi a primeira vez depois de mais de cinquenta anos. Não foi por causa de uma ideia fixa e nem resultado da pregação de algum rabino fervoroso, tampouco foi o resultado de um raio que porventura houvesse descarregado uma razoável carga de eletricidade no seu cérebro. Ele soube, pela televisão, que esta noite começava o *yom kipur*, a data mais sagrada do judaísmo. Natan, então, levantou-se da poltrona, vestiu uma roupa adequada e rumou para a antiga sinagoga em que esteve pela última vez. Tempos arqueológicos, brincou consigo mesmo ao lembrar-se daquela vez. Lembrou-se de quando escutou, pela primeira vez, que *yom kipur* é o dia do perdão e que ele deveria arrepender-se dos pecados e jejuar por vinte e quatro horas. Isso disseram seus avós. Ele, porém, nunca entendeu a relação entre fome e perdão. Quando ainda era adolescente e ingênuo,

pensava: será que comer muito é pecado e passando fome nos redimimos e ganhamos a licença para seguir comendo pelo ano vindouro? E o que os pecados têm a ver com isso? Ele bem que tentou algumas vezes, mas não foi convencido e todas as tentativas falharam no café da manhã. Depois esqueceu. Esqueceu a data, o jejum, a sinagoga, como chinelos deixados no banheiro de um hotel ao qual nunca mais retornamos.

A sinagoga estava cheia e Natan demorou até encontrar uma cadeira vazia. Neste momento o coral começou a cantar o *kol nidrei*, o início do serviço religioso. Ao escutar os primeiros timbres das vozes, Natan sentiu-se levado para outro lado do tempo, seu coração aumentou os batimentos como uma orquestra acelerando o ritmo do compasso ao passar de moderato para allegro. Ele caminhava ao longo da passagem entre as fileiras dos assentos, entretanto não sentia os pés tocar em nada. Será que flutuava? As imagens dos seus pais e avós voavam ao seu lado como máscaras flutuantes e riam. Riam dele por ter retornado à fé? Talvez rissem, mas não debochavam. Será que a vinda à sinagoga foi um retorno à fé? Não soube como chegou ao assento, parecia que uma força o enlaçara e de uma forma bem jeitosa o pousara naquele lugar. Neste momento ele despertou da alegoria mística e viu que estava sentado no meio da sinagoga, e do seu lado direito alguém o observava como se fosse um alfaiate medindo seu talhe para um terno.

Era um judeu escuro, de olhos pretos e lânguidos. Parecia ter a sua idade, totalmente calvo, porém cuidava dos cabelos brancos que nasciam na parte traseira da cabeça. O rosto era redondo, macilento e tinha um nariz gordo. O corpo parecia baixo e atarracado, mas tinha dedos finos de pianista que

tamborilavam no braço do assento.

– É a primeira vez aqui?, perguntou franzindo a testa.

Com os olhos fixos no coro, Natan respondeu, contrariado:

– Pode-se dizer que sim.

– Trabalha com quê?

– Já aposentei.

– Ah! Que ótimo. Não faz nada, pijama o dia todo e o dinheirinho pingando no final do mês.

– Quem disse que não faço nada? Respiro, não?

Natan já começava a ficar chateado com a conversa no meio da liturgia. Ele veio à sinagoga depois de tantos anos. Não atinava a razão. Poderia ser o medo da morte ou então a vontade de conhecer o Deus onipotente que traria a felicidade juvenil. O outro ainda o olhava curiosamente, era novo ali e parecia não conhecer o ritual do burburinho que emanava do público ali sentado.

– Esqueci de me apresentar, Jacob Ashkenasi às suas ordens. Falou e estendeu a mão.

Natan congelou, perplexo por alguns segundos, e respondeu.

– Natan Katz, professor aposentado. Viúvo por acaso, e não por opção, e cuidado dos netos para os filhos que ralam durante o dia trabalhando.

– Eu tenho uma pequena firma de engenharia. Você conhece o Shuster? Se formou junto comigo, começamos juntos, mas ele se deu bem. Constrói em tudo que é canto. Dizem que sempre se deu bem com políticos, sabe como é: uma propina para cá, outra para lá, consegue uma obra pública aqui, outra

lá e mais outra, e assim ficou rico. Está ali embaixo, no melhor lugar de todos. É claro, doa muito dinheiro pra sinagoga, acha que, ficando perto do rabino, abre as portas do paraíso. Assim eu também teria ficado rico, mas nunca tive jeito com a política e a propina, e nem é por ser muito honesto não; é que não tenho jeito. Se o Shuster faz e ficou rico, por que não eu? Não deu. Fiquei assim, nem pra cá e nem pra lá. Venho aqui sempre no *yom kipur*, mas não me queixo com Deus, e Ele me conhece. Agora o Shuster, este sim, precisa chorar no pé do ouvido de Deus. E você acha que depois que ficou rico ainda se lembra de mim? A última vez que me viu, sabe o que disse? Jacob, como você envelheceu! Mais nada, já não se lembra que estudamos juntos, e que cheguei a passar cola para ele nas provas.

Natan reconheceu este nome, Shuster, o dono da maior construtora da cidade e uma das maiores do país. Por que ele, o Shuster, e não o pobre do Jacob? Os dois vinham se redimir dos pecados, esperando que Deus tome partido. E ele, Natan, por que veio? Esta pergunta ainda remoía seus pensamentos como uma trituradora. Tinha feito algo do que se arrepender, tinha pecados a purgar? Será que não acreditar em Deus seria um pecado? Ele não sabia se havia voltado a acreditar. Neste instante, Jacob continuou a falar.

– E mesmo com tudo isto nunca me chamou para prestar serviço para a sua empresa. Mas deixa pra lá. O dia de hoje não é para se lamentar. Olhe, já que você é viúvo, aqui na sinagoga promovem encontros de homens e mulheres, todos judeus, para que encontrem alguém para se confortar da solidão. Eu não preciso, ainda tenho minha esposa. Você ainda está com boa aparência.

Boa aparência, pensou Natan.

Com um nariz enorme, testa ainda mais larga, já que os cabelos rareavam, quase sem lábios e óculos de grau, Natan não se achava com boa aparência. Mesmo assim, considerou a sugestão do outro. Sentiu, neste momento, vontade de ir embora, deixar o ritual e as orações e seguir para casa, para a cama e a televisão. Uma força, porém, o mantinha firme na cadeira, como se um anjo enviado por Aquele que diziam o Todo Poderoso o pressionasse contra a cadeira. De repente, algo veio à sua cabeça e ele falou.

– Sr. Jacob, será que o nosso destino está sendo traçado agora? Será que Deus realmente está de olho em todos os judeus do mundo? Será que, se nos arrependermos de todos os pecados, seremos salvos? Salvos de quê? Será que o que entendemos por pecado é o mesmo que Deus entende? Ou então, o que estamos a fazer aqui? Viemos somente para passar fome e bater um papo enquanto o cantor e o coro cantam e recitam?

Enquanto fazia estes questionamentos, os olhos de Natan se avermelharam e umedeceram. Seu rosto denotava total sinceridade, como se a luz divina houvesse baixado sobre ele. Jacob, que não estava acostumado a estes questionamentos, não podia atinar sobre o sentido destas coisas. Um silêncio desabou sobre os dois homens enquanto se olhavam. Neste instante o tempo parou. Não passou muito até que Jacob respondeu:

– Natan, você viu aquele último filme de animação, Kung Fu Panda?



O GÂNGSTER E O DIBUK

Meu nome é Meier Shapiro, descendente direto de uma família de estudiosos e açougueiros rituais. Família de longa estirpe de judeus piedosos, seguidores de todas as mais de seiscentas leis de conduta dos livros judaicos. Os livros ditavam nossa conduta e nos diziam para sermos bons. Entretanto, os açougueiros nos legaram o gosto pelo cheiro de sangue.

Cresci com a convicção de que fazia parte dos açougueiros. Eu, filho único, desde pequeno era violento. Brigava, batia e apanhava. Meu pai me batia, minha mãe tentava me proteger, porém, amaldiçoava minha conduta.

– Que demônio foi este que tomou conta do meu pobre Meier? Que Deus tenha pena dele.

Quando acendia as velas do *shabat*, ela sempre fazia um pedido especial para mim.

– Meu Deus, faça dele um bom menino, tire, por favor, este demônio da cabeça dele. Não posso mais. Tire de mim o que quiser, mas faça dele um bom menino.

Quando estudava com meu pai ou meu avô eu aprendia. Cheguei mesmo a decorar alguns textos da Bíblia. Meu pai sorria nestes momentos, meu avô também.

Aos doze anos de idade minha mãe descobriu o dinheiro escondido. Era mais do que meu pai ganhava por mês como ajudante de rabino. Eu disse que vendia coisas, trocava para depois vender com lucro, que iria ficar rico, menti e ela fez força para acreditar. Na verdade eu fazia parte de um bando de garotos judeus, mais velhos, que roubava. Até aquela época não nos havíamos sujado com sangue.

Ela não acreditou na minha estória e isto foi a gota d'água que faltava na decisão dos meus pais de emigrar. Ela achou que eram as companhias que estavam me levando para o mau caminho, talvez até mesmo para o caminho do mal. Como se más companhias somente existissem ali e não alhures. Além disso, ela, e também meu pai e meu avô, subestimaram a força dos demônios conhecidos como *dibuk*. Será que *dibuks* existem somente naquelas aldeias pobres e sujas, carcomidas pelas superstições?

Minha mãe, uma mulher prática, acreditava no meu futuro material e digno. Meu pai acreditava no meu futuro digno. Eu preferi não acreditar.

No Novo Mundo, fomos viver num gueto enorme e pobre. Ali, todos os judeus, de todas as estirpes e religiosidades, tinham um pensamento fixo: como sair daquele lugar já

que neste novo país não era proibido sair do gueto, podiam morar onde bem quisessem e não seriam importunados por antisemitas. Eu não era exceção. Logo encontrei amigos que compartilhavam comigo as mesmas ideias sobre os métodos a serem utilizados a fim de sair de lá para um lugar melhor, muito melhor. Meus pais foram morar junto a seus amigos hassídicos, eu fui para outro lado. Tinha dezessete anos e conseguira meu primeiro revólver. Quanta dignidade e poder eu senti ao empunhar aquela arma pela primeira vez. Seria esta dignidade parecida com aquela que meus pais queriam para mim?

Passei alguns anos sem aparecer na casa de meus pais; entre nossos mundos havia uma longa distância. Consegui dinheiro, ainda não tanto quanto ambicionava, contudo, era um bom começo. Seria também digno? Podia vestir-me muito bem. Os ternos de corte inglês, feitos pelos melhores alfaiates judeus da cidade, escondiam a ferocidade das mãos. Apesar da minha baixa estatura, tinha o corpo duro e rígido como um barril, a vasta cabeleira negra e uma testa larga amainavam a dureza e rigidez dos olhos escuros. No começo, meus colegas duvidavam que eu seria capaz de puxar o gatilho. Um deles, alto, forte e louro, com cara de anjo e poucos neurônios, resolveu disputar a liderança comigo. Recém-saídos da adolescência, a maioria do grupo ainda não levava a profissão a sério.

– Atira logo, seu idiota!

Rindo, continuou.

– Paspalho, vou quebrar somente algumas costelas suas, não todas.

Não movi um só músculo da face, nem mesmo os olhos;

mantive o riso estampado como se fosse uma estátua e atirei, no meio dos olhos. Acredito ter lido nos seus lábios uma oração enquanto caía. Teria tido tempo para isto? Neste momento começamos a formar uma verdadeira quadrilha.

Um dia resolvi ajudar meus pais, eles viviam numa pobreza digna, imersos no doce e piedoso envoltório da religião. Com o melhor terno, sapatos brilhantes e cara de bom filho, bati na porta. Minha mãe me recebeu friamente, o falatório sobre mim chegara bem antes. Quando ela viu o dinheiro que eu pusera sobre a mesa, seu rosto se contraiu como se estivesse reagindo à maior ofensa.

– Pode levar de volta, não queremos dinheiro sujo aqui em casa.

– Por que dinheiro sujo? Olhe aqui, as notas são novinhas.

– Isto é porque você não sente o cheiro podre que sai delas.

– Por que podre? Eu ganhei este dinheiro honestamente e só quero que você e meu pai tenham uma vida um pouco mais confortável.

Ela olhou para mim de cima a baixo. Reparou como estava vestido, meu terno, minhas mãos, a falta de dignidade no olhar. Seus olhos vermelhos marejavam lágrimas cristalinas.

– Deus todo poderoso não me deixe blasfemar. Meu filho!

Eu respondi, mantendo a mesma calma de quando lidava com quem tinha de matar, e não gostei.

– Este dinheiro foi ganho trabalhando.

– Que tipo de trabalho, meu Deus?

– Consultoria. Eu ensino aos comerciantes como melhor gerenciar seus negócios e eles me pagam por isto.

Deixei o dinheiro na mesa e dei a volta para sair. Senti então uma pequena lufada de ar e vi todo o dinheiro aterrissar na minha frente. Recolhi e parti sem olhar para trás.

Esta foi a última vez que vi minha mãe.

Parti para subir na vida, queria ir muito além de todos os que conhecia. Outras quadrilhas começavam também a se impor na cidade. Todas as nacionalidades que chegavam criavam suas quadrilhas, entretanto, era difícil competir conosco. Três mil anos de guerras e carnificinas contra e a favor, muito mais contra, nos ensinaram a usar a violência e a astúcia com esmero, nos ensinaram a conciliar, quando devido, e aproveitar as menores chances para sobreviver e prosperar. Herdamos também uma visão sem igual para planejar finanças.

Ganhamos dinheiro com proteção, jogo e prostituição. Ainda conseguimos, inclusive, multiplicar uma parte dos ganhos na bolsa de valores.

Nunca esqueci, porém, minha mãe e seus dizeres. Um dia resolvi casar e ter filhos. Para que serve toda a sedução do poder e do prazer, se ao olhar um pouco à frente só conseguimos ver o vazio? E para não desonrá-la, casei-me com uma judia. Casamento religioso, com um rabino que não se importava de receber minhas doações. No dia do nascimento do primeiro filho, entendi o que meu pai dizia sobre ter dignidade e respeito na vida.

A vida começava a ganhar uma nova dimensão, os negócios ganhavam novo impulso, nos associamos aos italianos. Eles

também tinham muita *expertise* nestes assuntos. Desde os tempos do império romano que vêm se especializando e melhorando seus métodos. A inquisição foi uma prova viva disto. Durou séculos, muitas gerações, e agora eles atualizavam seus métodos conosco. Nestes dias, porém, nossa parceria gerava frutos e dividendos. O nome de Meier Shapiro ficou conhecido e temido.

A polícia sempre esteve nos meus calcanhares, como a morte, entretanto não foi isto que me fez parar. Foi o sonho que passou a me perseguir após a morte da minha mãe. Eu soube de sua morte, e fui ao cemitério. Meu pai, também enfraquecido por doença que lhe trazia a velhice antecipada, não quis me ver. Para ele eu estava morto, havia, inclusive, rezado a oração dos mortos para mim. Eu, para ele, não era nem um fantasma, somente talvez uma vaga e transparente imagem, nada mais. Minha mãe morreria de melancolia.

Meu passado começava a me assustar. A voz de minha mãe dizendo que eu tinha um demônio, um *dibuk* dominando minha alma se repetia em sonhos e pesadelos. Contra isto não adiantava revólver e nem pontaria certa. Um dia ela apareceu inteira, exatamente como no dia em que a vira pela última vez. Chorava.

– Meu filho querido, seu pai rezou o *kadish* para você. Sentou os sete dias de *shiva*, tapou todos os espelhos da casa e fez o luto, como determinam os mandamentos de Deus. Eu o acompanhei nisto porque sou sua mulher e este é meu dever, mas não o fiz com a minha alma. Deus é testemunha que, para mim, você não morreu, para mim, você vive, aquele garoto terrível, porém, o meu garoto. Tudo o que você fez de ruim, não foi você quem fez. Foi o demônio que se apoderou do seu espírito.

Neste dia mudei de vida. O espírito de minha mãe me

dizia que expulsara o *dibuk* que tomou conta de mim toda a vida. Eu, porém, não notei nada de diferente na minha mente. Nunca senti nenhum espírito maligno dentro mim, e não senti nenhum me abandonando. Eu simplesmente não podia mais aguentar a alma da minha mãe vagando pela terra, sem poder descansar no paraíso por minha causa. Neste dia eu olhei para tudo o que tinha e para o que havia feito e não vi nada, absolutamente nada. Tinha quase cinquenta anos de idade, cabelos grisalhos e vincos recortando o rosto como o estuário de um rio. Era temido, guarda-costas cuidavam de mim e dos meus, do dinheiro e do poder, e a lei tentava me enlaçar. Mesmo assim não via nada. Tampouco vi o *dibuk*. Queria voltar para casa. Mas um judeu piedoso, quando volta para casa, para onde ele volta? Sua casa são somente as rezas e as orações. São os textos talmúdicos vociferando suas leis e clamando para serem escutados, e para esta casa resolvi voltar. Tornei-me o retrato falado de meu pai (abençoada seja a sua memória). Mesmo assim não tinha paz. Meu sono era preenchido por pesadelos. Algo me atormentava, inclusive durante o dia, até mesmo em todas as orações e estudos. Parecia haver um bicho enfurecido dentro de mim que lutava para escapar.

Um dia, ao terminar a oração da manhã, olhei para o espelho e vi a mim mesmo, entretanto não era eu agora. Era eu quando ainda era um gângster. Tomei um susto tão grande que num átimo voltei-me para trás. O mundo dava voltas? Um rio poderia começar a correr em sentido contrário, ou o sol atravessar o céu de oeste a leste? No outro dia aconteceu a mesma coisa. Depois ficou corriqueiro, sempre após a oração matinal. No começo, a imagem se mexia exatamente como eu, ou seja, eu comandava. Comecei a ter medo quando a imagem passou a

ter vida própria. Às vezes eu estava vestido com a roupa ritual e ele vestido com um terno caríssimo; as vezes vinha sem roupa. De vez em quando, parecia que queria conversar comigo ou então ria de mim. O que era aquilo, meu Deus? Ele que aceita o arrependimento puro e faz ingressar a pessoa arrependida ao seu convívio. Por que antes, até minha mãe aparecer, eu vivia bem, e agora quando ingressara de volta ao mundo dos justos, este mundo se tornara bizarro? Será que tinha algo a ver com dignidade?

Passado algum tempo, comecei a ouvir vozes enquanto pronunciava minhas orações diárias, até perceber que as vozes eram a imagem do espelho conversando, ora comigo, ora com seus capangas, organizando crimes e matanças. Um dia acordei com a nítida sensação de que eu já não era mais um indivíduo; era dois. De um lado, o religioso, do outro, o gângster. Eu era dois em um. Sabia com certeza que isto era obra de um *dibuk*.

Um dia sonhei que estávamos falando com ele. Ele, porém, não aparecia, era somente uma sensação, algo que estava ali, ameaçando. Eu dizia que iria derrotá-lo estudando o Talmude e a Cabala, o meu outro eu dizia que iria metralhá-lo ou então esfolá-lo vivo. Despertei esbaforido, vendo a imagem de minha mãe se afastando, até desaparecer. Neste momento soube que estava perdido.

GLOSSÁRIO

Cabalá: Sistema de interpretação teosófica ou mística das Escrituras, baseado no messianismo. Ocultismo judaico.

Dibuk: A palavra hebraica original queria dizer “fenda” ou “apego”. Um dibuk é uma alma desencarnada e perdida que penetra no corpo de uma pessoa e lá se instala.

Guehenon: Inferno, em hebraico

Guemará: Livro que, ao lado do Mishná, compõe o Talmud. É constituído de comentários e interpretações rabínicos do Mishná.

Kadish: Hino de louvor a Deus. Recitado tradicionalmente nos enterros, é tido como oração pelos mortos, embora não faça menção a morte ou luto. É uma exaltação a Deus e uma súplica por um mundo de paz. No século XVI, os cabalistas atribuíam poder místico ao Kadish, dizendo que toda vez que ele era recitado a alma do falecido subia para um nível espiritual mais alto.

Kol nidrei: Serviço religioso que dá início às comemorações do Yom Kipur, é um pedido de anulação de votos, um pedido de perdão pelas promessas pessoais feitas impulsivamente e que não podem ser cumpridas. O detalhe importante é que essa “anulação” vale só para as promessas feitas a Deus, e não ao semelhante.

Mishná: Literalmente, instrução, lei oral. Doutrina tradicional dos judeus, sobretudo as decisões rabínicas antes de 200 A.D.

Sefer Yetzirá: Livro da Criação, em hebraico. É um texto antigo pertencente ao corpus da cabala judaica. O Livro da Criação é um dos remanescentes dos livros secretos hebraicos, um dos mais antigos e está ligado à literatura dos santuários e da carruagem, é uma das colunas secretas sobre a qual se baseia a Cabala.

Shabat: Sétimo dia da semana, santificado para testemunhar a fé em Deus, o Criador. Assim como ele descansou depois da criação do mundo, também os homens devem descansar.

Shiva: Significa “sete”. São os sete dias de luto fechado, a partir do dia do enterro. Os enlutados ficam em casa, sem se envolver em

nenhuma atividade, nem profissional nem de lazer, e realizam serviços religiosos três vezes ao dia. Nos círculos religiosos, quando um judeu se converte a outra religião, os pais rezam o Kadish e sentam o Shiva para ele querendo mostrar que este filho morrerá para eles.

Talmude: Uma das maiores obras judaicas, quase toda escrita em aramaico. Contém as explicações da Lei Oral. É composta do Mishná e da Guemará. O Talmude foi compilado em Jerusalém e na Babilônia, entre os séculos II e V, por mestres do judaísmo.

Yom Kipur: Dia do Perdão. Feriado mais importante do ano judaico, quando se faz um balanço da própria vida e tomam-se decisões para o futuro, depois de perdoadas as falhas por Deus.



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA

Josué estava de pé, recostado na porta de saída da casa, ruminando seus dissabores enquanto esperava. Sabia que algo iria acontecer em poucos momentos e repassava na mente, sem parar, o que diria. Seu queixo proeminente tremia de raiva, os dentes começavam a ranger. Os olhos ainda olhavam o infinito, a testa estreita, levemente enrugada, como se estivesse a espremer os cabelos contra a porta. As mãos estavam suadas e os dedos do pé, dentro do sapato apertado, mexiam como se fossem cavar um buraco no chão. Sentiu um aperto na bexiga, mas resistiu. Mijo nas calças, mas não saio daqui, pensou. Cada ruído que vinha do quarto onde o casal passava suas mal dormidas noites, pressionava seu cérebro como se alguém estivesse bombeando ar pelos ouvidos.

ISBN 978-85-7455-313-9



9 788574 553139